Camille Oster



A Governanta

Traduzido por Alessandra Lobo

A Governanta

Camille Oster

Traduzido por Alessandra Lobo

“A Governanta”
Escrito por Camille Oster
Copyright © 2019 Camille Oster
Todos os direitos reservados
Distribuído por Babelcube, Inc.
www.babelcube.com
Traduzido por Alessandra Lobo
“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

Página do Título

Página dos Direitos Autorais

A Governanta

Capítulo 1:

Capítulo 2:

Capítulo 3:

Capítulo 4:

Capítulo 5:

Capítulo 6:

Capítulo 7:

Capítulo 8:

Capítulo 9:

Capítulo 10:

Capítulo 11:

Capítulo 12:

Capítulo 13:

Capítulo 14:

Capítulo 15:

Capítulo 16:

Capítulo 17:

Capítulo 18:

Capítulo 19:

Capítulo 20:

Capítulo 21:

Capítulo 22:

Capítulo 23:

Capítulo 24:

Capítulo 25:

Capítulo 26:

Capítulo 27:

Capítulo 28:

Capítulo 29:

Capítulo 30:

Capítulo 31:

Capítulo 32:

Capítulo 33:

Capítulo 34:

Capítulo 35:

Capítulo 36:

Epílogo

Outros livros de Camille Oster

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Procurando outras ótimas leituras?

Capítulo 1:

Londres, 1871

Enquanto puxava um de seus cachos loiros atrás da orelha, Estelle Winstone puxou o baú debaixo de sua cama para começar a guardar seus pertences. Não fazia muito tempo desde quando havia desfeito suas malas, mas era hora de começar um novo capítulo em sua vida. Sua passagem para Dover, e outras passagens que havia guardado, estavam espalhadas na cama. Ainda não conseguia acreditar que estava partindo para uma viagem tão importante. A carta em resposta ao seu pedido de contratação como governanta dizia que a viagem era uma exigência, mas nunca havia ocorrido em sua mente que precisaria partir da Grã-Bretanha, para ficar completamente sozinha na Hungria.

Depois de respirar fundo, Estelle tentou acalmar o turbilhão de pensamentos. Tudo estava bem organizado, mas ainda sentia que o tempo estava contra ela e que havia algo que estava esquecendo. Não sabia ao certo por quanto tempo estaria fora, ou se conseguiria todos os itens que precisaria quando chegasse lá.

Torcia silenciosamente para que nada se quebrasse ou rasgasse durante a viagem, pois ao conferir no mapa era óbvio que provavelmente não teria como recuperar quaisquer itens que se quebrassem, pois era um lugar bem isolado. Viajar com tanta bagagem poderia ser penoso, ou ao menos é o que havia aprendido quando se mudou para Londres depois de seu cargo em uma mansão próxima a Dartmoor, que havia acabado quando a família se mudou depois de aceitarem uma alta posição na Índia.

Não sabia ao certo como se sentia em abandonar a Inglaterra. De certa forma, seu mundo ainda parecia ter virado de cabeça para baixo após a morte de seu pai, um vigário em um pequeno vilarejo chamado Lyne na fronteira escocesa. Não havia encontrado mais empregos desde quando o novo vigário assumira o rebanho, então teve que procurar um emprego em outro lugar.

Agora estava se dirigindo a um novo destino, porém muito mais exótico que Dartmoor, que ela então considerava bem menos dramático e romântico do que quando chegara. Era um cargo muito

bom enquanto durou, e esperava que o novo cargo também fosse. A distância e o fato de que estaria em um país estrangeiro além de uma nova cultura a deixava extremamente preocupada.

Porém, infelizmente, ela não estava em condições de recusar a oferta. Aqueles tempos estavam difíceis para todos e o pouco que conseguira economizar estava acabando. Não havia outra escolha senão aceitar o emprego de educar e orientar o garoto de nove anos, filho do Conde Drezasse. Apenas desejava que ao menos não fosse tão distante assim. Ela não se importava em viver em lugares ermos. Dartmoor era na maior parte do tempo um lugar desolado.

Com a respiração entrecortada, decidiu que era o momento de fechar as malas e liberar a vaga na hospedaria onde residira nos últimos dois meses.

Annalise estava parada no corredor. “Chegou a hora de partir, então?”, perguntou. "Você está decidida mesmo."

“Eu preciso” respondeu Estelle, enquanto esfregava as mãos nervosamente. Não havia conseguido fechar os olhos por mais de um segundo a noite toda, de tão receosa que estava. Nunca havia saído da Inglaterra sozinha, nem autorizada a fazer uma viagem tão longa. Não facilitava em nada o fato de que agora estava vagarosa e que sentia como se tudo estivesse girando ao seu redor.

Vestindo seu casaco, abotoou-o e voltou com um olhar triste para Annalise, a única pessoa com quem cultivara alguma amizade durante sua curta estadia. Eram bem diferentes em questão de temperamento, mas por algum motivo conseguiam se entender bem. Annalise era uma pessoa muito mais endurecida, uma enfermeira do Hospital Público, e Estelle sabia que era muito improvável que esta amizade sobrevivesse à distância. Simplesmente não tinham nada em comum.

Era chegada a hora de partir, e Estelle abraçou Annalise. "Tenha uma boa viagem

“Será uma boa oportunidade”, respondeu, tentando se convencer mais a si mesma do que a Annalise. Era de fato, uma boa oportunidade; apenas ficava muito longe, em um país desconhecido com costumes que ela desconhecia em absoluto. Mas podia ao menos esperar, que as diferenças fossem toleráveis.

Estelle assentiu e respirou fundo. Era hora de partir, apesar de ela mesma não ousar se permitir pensar a respeito da jornada que tinha

pela frente. Parecia tão distante que estava além da compreensão, e provavelmente era a melhor perspectiva. Será que conseguiria dormir durante os próximos dias? Ou chegaria em um estado absolutamente deplorável em terras estrangeiras?

A Senhoria havia chamado um transporte para Annalise e então a Sra. Hawkers acenou diante da porta enquanto ela subia no pequeno cubículo preto, as molas do assento se movendo um pouco enquanto ela se acomodava. O cavalo partiu antes mesmo que ela se sentisse confortável e não teve tempo de dizer adeus, e somente se inclinou para fora da janela e acenou. Mais uma vez, ela estava deixando para trás todos que ela conhecia em direção ao incerto. Desta vez temia até que os patrões não falassem inglês, francês ou ao menos alemão. Não sabia uma única palavra em húngaro.

As ruas estavam lotadas e seguiram pelo aterro ferroviário até a estação de trem Victoria Station, onde ela pegaria o trem em direção ao Sul. A construção de tijolos vermelhos, a última moda nas construções modernas, se erguiam diante dela atrás de um amontoado de bagagens em carrinhos. O bagageiro que a auxiliava empurrou o carrinho porta adentro seguindo em direção ao corredor que parecia uma caverna, em direção à plataforma. O barulho era ensurdecedor, tanto das pessoas como dos trens, e ecoavam através das estruturas de vidro.

O bagageiro seguia alguns passos adiante, desviando das pessoas e ela tentava acompanhar, mas não conseguia evitar olhar para cima para a estrutura enorme acima dela. Era impressionante que ficasse tão no alto e não desabasse. Parecia ilógico.

Quase esbarrou no bagageiro quando ele parou, em frente ao que parecia ser o seu vagão, finamente ornado com assentos de veludo vermelho. Havia comprado uma passagem de primeira classe e se acomodou enquanto o bagageiro guardava suas malas. A tensão aumentava e parecia se espalhar por todo seu corpo, ao pensar que a esta hora amanhã, teria abandonado a Inglaterra.

“Será uma aventura” ela dizia a si mesma; precisava se convencer disso. Tendo ela crescido na paróquia tranquila de seu pai, quem diria que ela um dia viajaria para países distantes, e completamente sozinha. Sorriu educadamente enquanto um homem e uma mulher chegavam e se acomodavam em seus assentos.

Estelle havia escolhido seu vestido de viagem azul com o casaco combinando, ornado com renda branca. Havia pertencido à sua mãe, mas havia reformado para um estilo mais moderno, substituindo a saia rodada feita para ser usada sobre aros pela anquinha. A renda também era um acréscimo que ela mesma havia costurado. Seu pai havia guardado as vestimentas de sua mãe desde quando falecera de febre quando Estelle tinha apenas oito anos, e poucos deles serviam adequadamente nela desde quando se tornara mulher adulta.

Conferiu em sua bolsinha de amarrar se sua passagem para atravessar o canal na balsa noturna ainda estava lá, e então reposicionou suas mãos enluvadas sobre o colo enquanto observava a agitação na plataforma pela janela enquanto bagageiros, passageiros e todos os outros tipos de pessoas pareciam todos convergir no mesmo lugar.

Não demorou muito e o apito a vapor soprou, causando um sobressalto no peito de Estelle e sentir seu estômago se retorcer com nervosismo. Era isso. Estava a caminho de um lugar desconhecido e pessoas desconhecidas. Sua carta de recomendação havia sido respondida por um advogado, o que era incomum, mas diante das circunstâncias, talvez não fosse tão surpreendente.

Um reboque puxou o vagão com firmeza quando a locomotiva começou a se mover, enquanto a velocidade aumentava em progressão geométrica. Logo o vagão deslizava sobre os trilhos enquanto se afastava da plataforma em direção à pálida e cinzenta luz do último dia de Outono.

*

Veneza parecia ser pura loucura e Estelle não compreendia nenhuma orientação dada aos berros pelos bagageiros venezianos. Mostrava a eles a passagem que tinha na mão, mas não sabia ao certo se eles a estavam compreendendo. Não fazia ideia se havia perdido o trem, nem sequer sabia se o agente de reservas havia entregue o itinerário correto. E se não tivesse nenhum trem? Afinal, quem nunca havia ouvido falar desse tipo de incidente acontecer?

De certa forma, havia. Sua viagem fora organizada com a mais cuidadosa conveniência. Viera de Calais, norte da França em um vagão privativo adorável. Um servo veio à noite para converter o

aposento em um dormitório, desdobrando o assento da forma mais engenhosa transformando-o em uma cama completa. Estava muito mais que confortável.

Perdida em meio à loucura da Estação de Veneza, não se sentia mais tão serena, ao invés disso encontrava-se seguindo um homem que não estava muito certa de que sabia aonde estava indo. Alguém esbarrou contra ela machucando seu ombro, e então alguém com malas pesadas quase esbarrou contra seu outro ombro. Os dedos dos pés também estavam sob constante ameaça das rodas dos carrinhos de bagagem e carroças que iam e vinham, então tentava se manter atenta às ameaças que pareciam vir de todas as direções, ou talvez não sobrevivesse à travessia entre as plataformas.

Finalmente, estava a salvo dentro de outro vagão, mais um que aparentemente seria reservado somente para ela. Era tão suntuoso quanto aquele do qual viera, e ansiava por uma xícara de chá. Sem dúvida o chá seria servido assim que o trem iniciasse a viagem.

Demorou um pouco, mas finalmente a plataforma no lado de fora da janela começou a ficar para trás e o apito do condutor soprou em dois apitos agudos. Com grande esforço, a locomotiva começou a puxar os vagões e o apito a vapor soprou, e a fumaça cinza encobria todo o lado de fora da janela como se estivessem dentro de uma nuvem.

Respirando fundo, Estelle observou o lado de fora procurando alguma vista de Veneza. Com o passar dos anos, havia lido bastante a respeito de Veneza, e sempre quisera conhecê-la, mas não tivera tempo de explorar a cidade, o que era uma lástima. Mas tal questão não era de grande importância. Seu empregador certamente esperava que ela se apresentasse ao cargo o mais rápido quanto fosse possível.

Capítulo 2:

Era um pouco antes do meio-dia quando o condutor se aproximou para avisar que estavam prestes a chegar na estação. Estava escuro e nublado lá fora, a despeito do quão cedo poderia estar. Sorriu em agradecimento para o condutor que abria a porta para que ela passasse. Dois rapazes seguiam atrás dela, carregando suas bagagens.

No momento em que abriram a porta, um vento cortante soprava. Estava frio, muito mais do que diziam ser típico do Sul. O condutor olhava-a com ansiedade, mas por um segundo ela desejava não ter que descer da segurança aconchegante do trem. Eles haviam a atendido tão bem, parecia cruel de se pensar que agora queriam expulsá-la para um frio tão severo.

O vento estava cortante, como se houvesse neve a caminho. Não havia sinal de neve no chão pelo menos até onde conseguia enxergar, mas não se surpreenderia se visse logo alguns flocos de neve caindo do céu.

Encorajando a si mesma, sorriu e segurou o corrimão para descer do vagão. Precisava de suas luvas, notou assim que desembarcou. Sua bagagem fora colocada na plataforma e um dos rapazes segurou a ponta do quepe despedindo-se dela e em seguida subiu de volta no trem.

O condutor soprou uma única vez seu apito, e o trem começou a se mover lentamente enquanto o motor arrancava. O aconchego estava partindo e deixando ela para trás, mas era certo que não poderia prosseguir com ele, não é?

Virou-se, e observou o pequeno prédio de pedra da estação. Não havia nenhuma luz vindo de dentro e um cadeado estava pendurado na porta. O nome da estação estava escrito em uma placa abaixo da viga do telhado, um nome que ela não conseguiria sequer tentar pronunciar. Esperava que eles a tivessem deixado no lugar certo.

Se virou procurando alguém, mas não havia ninguém ao seu redor, nem ao alcance de sua vista. "Olá?" perguntou e tentou escutar por alguns segundos, mas ninguém respondeu. O que ela faria

agora? Certamente deveria ter algum responsável pela estação. "Olá?" mais uma vez, ninguém respondeu.

Olhou para o chão da plataforma, encontrando uma pequena caixa de madeira que estava largada ali, tão esquecida quanto ela mesma. Talvez fosse possível que o Conde Drezasse nem sequer soubesse que ela estava a caminho. Fora agendado tão às pressas que era possível até mesmo que tivesse chegado antes de qualquer correspondência anunciando que ela estaria a caminho.

Não tinha a menor ideia do que fazer. O lugar parecia estar profundamente desolado e ela não via nenhuma casa ao redor, apenas uma vastidão de troncos e árvores em todas as direções. Não demoraria muito e ela congelaria se permanecesse ali. Sem ajuda, não tinha como carregar a própria bagagem. Era peso demais para carregar sozinha.

De repente um homem apareceu, certamente era algum tipo de fazendeiro. Usava roupas grosseiras e um quepe. O medo subiu pela sua espinha, mas enrijeceu-se. Ele a observou e passou por ela para pegar a caixa de madeira e se virou sem dizer uma palavra sequer.

“Com licença, senhor?” Estelle chamou. “Poderia me ajudar?”

Com outro olhar de relance, o homem continuou andando até estar além do alcance de sua vista, indo para atrás da estação. Estelle ficou indignada com a grosseria, e a má vontade para ajudar uma dama em necessidade. Talvez ele fosse surdo, pensou consigo mesma, ou talvez apenas não achasse apropriado conversar com uma mulher que obviamente não falava o mesmo idioma.

Mais uma vez, ela não sabia o que fazer, nem se ao menos deveria abandonar ali a bagagem. Havia uma chance razoável de que nunca mais a reencontraria se a deixasse ali, mas qual era a outra escolha/ Não era um risco que pretendia assumir, mas não havia nenhuma garantia de que alguém apareceria naquele lugar até que o próximo trem chegasse. E até onde sabia, poderia demorar uma semana.

Deixando a bagagem, seguiu na mesma direção que aquele homem havia seguido, ainda indignada que ele nem sequer se incomodou em tentar ajudá-la. Havia uma estrada que seguia pela floresta e Estelle seguiu por ela. O homem não estava mais ao alcance de sua vista, mas ele certamente havia seguido por esta estrada.

A escuridão e neblina da floresta fazia tudo apenas parecer mais frio e desolado ainda. Ainda que completamente vazia, a estação de trem parecia ser um elo para a civilização. Talvez tivesse sido um enorme erro vir aqui e quando o próximo trem chegasse encontrariam seu corpo congelado na plataforma.

Não, aquele homem vivia em algum lugar, então deveria ter ao menos uma casa habitada em algum lugar. Ela precisava encontrar alguém que pudesse orientá-la. Insistiria, se fosse preciso.

*

Depois de caminhar durante meia hora, avistou alguns chalés—a maioria de madeira, com telhado de espigões que se espalhavam em todas as direções. Parecia ser uma vila rudimentar e ela seguiu pela estrada lamacenta. As cercas eram feitas de forma simples com madeira. Uma mulher estava cuidando de um jardim mais adiante, mas assim que Estelle se aproximou, ela virou as costas.

Educação mais exemplar, pensou Estelle. Talvez a grosseria daquele homem que encontrara na plataforma não fosse incomum aqui. “Estou procurando o Castelo Drezasse”, disse Estelle, mas a mulher insistia em ignorá-la, se concentrando em apenas arrancar as ervas daninhas da pequena plantação de legumes em seu jardim. "Assustadoramente grossa", observou. Normalmente ela não acusaria a grosseria de outra pessoa, mas esta mulher estava além do tolerável.

Não havia escolha a não ser continuar andando já que aquela mulher obviamente não a ajudaria. Havia outras pessoas que a encaravam através das janelas e nas portas das casas, mas ninguém ofereceu nenhum tipo de assistência. Talvez fosse melhor presumir que ninguém falava inglês.

Então apareceu um homem na estrada, parado em pé com as pernas separadas e nos pés usava botas negras e pesadas, observando enquanto ela se aproximava. Sua barba era densa e desalinhada, tinha o nariz bulboso, e sua expressão era tão severa quanto antipática. Parecia ser um padrão naquela região.

“Drezasse,” disse ela em voz alta, já cansada de tanta grosseria.

O homem grunhiu e apontou com o queixo para uma estrada que seguia pela direita.

“Obrigada”, disse ela com pouca gratidão em seu coração. “Não foi tão difícil assim, foi?”

Seguiu caminho na direção indicada, torcendo para que o homem não estivesse propositalmente indicando a ela a direção errada. Não sentia muita certeza se podia confiar na orientação dada por ele, mas por outro lado, aparentava ao menos saber quem era o Conde, isso com certeza. Provavelmente estas terras pertencessem a ele. Até onde sabia, este lugar poderia até mesmo ainda funcionar sob as regras de algum sistema feudal. O vilarejo por si só parecia ser da Idade Média.

A estrada era longa e seus sapatos já estavam destruídos, mas depois de caminhar por uma hora inteira, avistou um castelo ao longe, no topo de uma montanha. Era bastante provável que ali fosse seu lar durante o futuro próximo. Parecia tão acolhedor quanto aquele vilarejo. Torres pontiagudas, torreões escuros, e algo que parecia ser uma muralha. Parecia medieval, construído para proteger contra qualquer exército inimigo. Parecia que ao descer daquele aconchegante trem havia voltado 400 anos no tempo.

Parecia que ainda levaria um bom tempo para chegar lá, então seguiu adiante, mais uma vez pensando que aquele poderia ser o maior erro que já cometera.

A estrada que seguia pela colina era íngreme, mas ela pôde notar o rastro de rodas ou talvez até de uma carruagem. Então havia um transporte que ninguém havia se incomodado em enviar para buscá-la. Era possível que ela estivesse sendo ingrata e injusta, mas certamente ela havia adquirido o direito de estar de mau humor.

Sentia calor e transpirava quando chegou ao portão principal, onde uma ponte se estendia até uma espécie de guarita. Seus pés doloridos pisavam nas pedras desniveladas que pavimentavam o caminho, mas felizmente logo o portão foi aberto. Havia um pátio atrás do portão. As torres se erguiam ao redor. Era um vasto complexo de construções e torres, e ela seguia em frente ao que parecia ser a entrada principal. As portas eram muito mais altas do que ela, se estendendo muito além de sua cabeça como se um gigante vivesse ali.

Havia uma aldrava de ferro no portão e ela bateu, mas não houve resposta. Se não tinha ninguém em casa, estava então com um problema sério. O vento gelado prometia apenas piorar até o raiar do

dia. Virando-se avistou outro portão, que parecia dar acesso aos estábulos. Havia uma boa quantidade de janelas ao seu redor, mais uma vez, muito acima dela mesma, mas não viu sinal de nenhuma alma viva em qualquer uma delas.

Enfim um som raspado sinalizou a ela que o portão estava sendo destrancado e lentamente era aberto. Custou um certo esforço puxar aquele portão ricamente ornado, feito de madeira maciça e algum tipo de metal escurecido. Um senhor apareceu diante dela.

"Olá?" disse Estelle, se esforçando para que soasse educada. "Meu nome é Estelle Winstone e fui comissionada para o cargo de governanta na residência do Conde de Drezasse."

O senhor deu um passo para trás abrindo espaço para que ela entrasse, e de imediato ela percebeu que lá dentro era quase tão frio quanto no lado de fora.

“Siga-me” ele disse com um sotaque acentuado e a conduziu pelo corredor escuro feito em mármore. Era belamente entalhado. A riqueza que o castelo ostentava era indubitável. O corredor central era enorme, e uma escada espiralava para o mezanino. Mas ele seguia pela direita e a conduziu seguindo por um longo corredor cujos arcos intermináveis eram de madeira escura entalhada até que chegaram aonde parecia ser um salão.

Uma garota passou correndo e os ultrapassou para então se encolher diante da lareira. O cômodo era frio, e obviamente não havia sido usado recentemente. Logo o fogo foi aceso e Estelle poderia até mesmo gemer de gratidão por terem salvo seus dedos das mãos e seus pés.

Capítulo 3:

Ninguém falou uma palavra com ela. O mordomo e a garota que a receberam eram muito gentis, apesar de terrivelmente silenciosos. Estelle desconfiava que talvez não soubessem mais que algumas palavras de inglês. Estava mais do que certa de que vir aqui havia sido um erro. O Conde parecia nem ao menos estar na residência. Tudo parecia cada vez pior do que ela esperava.

Mentalmente, tentou imaginar como ela encontraria um jeito de retornar à Inglaterra, sendo que não sabia sequer como comprar as passagens. Haveria em algum ponto daquela estação de trem abandonada uma bilheteria aberta? Suspeitava que pedir tal informação ao mordomo estava além das habilidades comunicativas dela.

O chá que eles serviram também era bem diferente, e lamentou dolorosamente não ter uma xícara de um bom chá-inglês. Não era ruim, mas era diferente, e naquele momento ela ansiava por algo que a lembrasse de casa. Serviam em uma espécie diferente de bule também, era alongado e com uma alça elegante. Era decorado com ornamentos dourados em toda a peça. Era sem dúvida um artigo fino.

Depois de um bom tempo, ouviu vozes sussurradas vindo do outro lado da porta e se perguntou o que estava acontecendo de errado. A porta abriu e um homem entrou no recinto, um homem que nunca havia visto antes. Tinha as maçãs do rosto altas e olhos azuis, usava um terno feito à mão. Dirigiu-se a ela com uma reverência rápida.

"Posso me apresentar? Meu nome é Professor Szousa."

Um súbito alívio se espalhou pelo coração de Estelle enquanto ouvia ele falar. O inglês dele tinha um sotaque bem acentuado, mas falava bem. Ela sorriu. Apesar de esperar que ele fosse o Conde, apenas por ser alguém com quem ela pudesse se comunicar já era um avanço enorme.

"Fico feliz em conhecê-lo. Meu nome é Senhorita Estelle Winstone. Fui contratada como governanta aqui, mas aparentemente houve algum mal entendimento a respeito da minha chegada."

“Pelo que sei o Conde não esperava que chegasse hoje. Mas me disseram que enviaram uma mensagem a ele.”

“Ele não está aqui?” perguntou, apenas confirmando o óbvio.

“Aparentemente o Conde retornará em breve, junto com Thomas —o filho”. Então, este era o nome de quem ela estava encarregue.

“Então, não há uma Condessa?”

“Posso notar que a Senhorita não foi devidamente informada.”

“Aparentemente há algum tipo de falha de comunicação.”

"Não tem importância," respondeu rapidamente. "Até mesmo as melhores coisas podem ter um começo difícil às vezes."

O mordomo retornou com outro bule de chá, exatamente igual aquele com o qual havia sido servida anteriormente.

“Por favor, sente-se”, convidou, sem saber ao certo se estaria autorizada a desempenhar o papel de anfitriã, sendo que havia chegado até ali completamente sozinha, porém ele era um recém-chegado assim como ela e um dos dois precisava desempenhar o papel.

Se aproximou sorrindo de uma das cadeiras e se sentou com um movimento educado. Apesar de ele mesmo ter se apresentado, ela não fazia ideia de mais nada além dele a não ser seu nome. Ele havia dito que era um Professor.

“O senhor leciona em qual área?” perguntou curiosa.

“Linguística.”

“O senhor fala inglês muito bem.”

“Também estudo os idiomas que causaram impacto em nosso país —persa, russo, e os idiomas eslavos, naturalmente.”

“Certamente o senhor tem um talento extraordinário.”

“Tenho um dom para idiomas”, disse encolhendo os ombros.

Estelle serviu-lhe, inclinando o bule estranho para despejar o chá. Trouxeram uma travessa de biscoitos que pareciam pequenos pãezinhos. Eram farelentos e um tanto amanteigados. “Deliciosos”, disse ela.

“São bem populares nesta região.”

“Estou muito feliz que tenha vindo”, ela prosseguiu. “Não me envergonho em admitir que estava bastante preocupada. E sendo bastante honesta, as pessoas do vilarejo me pareceram bastante peculiares.”

“Eles não são muito receptivos a estrangeiros.”

“Isso eu pude notar.”

“Até mesmo o Conde, cuja família viveu aqui nos últimos trezentos anos, ainda tem suas reservas quando se trata de estrangeiros.” Aquilo soava absurdo, mas tudo parecia ser estranho ali e seriam perguntas demais para aquele momento.

“A sua família é daqui?”

“Não, não. Nós viemos mais do Norte. Não, vim para cá somente para estudar os dialetos peculiares dos montanheses. Suas culturas são insulares e a linguagem deles parece ter se desenvolvido à sua própria maneira.”

“Compreendo. Deve ser um trabalho recompensador.”

Sua expressão pareceu sombria por um átimo, e então respondeu com um tom sério. “E é”. A solenidade desvaneceu e ele então ele estava empolgado novamente. "Não devia se preocupar. O Conde retornará em breve e seu treinamento iniciará. Thomas é um garoto curioso e inteligente. Estou certo de que será uma alegria cuidar dele."

Tirando do bolso um relógio, conferiu a hora. “Agora, infelizmente, preciso partir, mas estou feliz por estar aqui para recebê-la.”

Assim como ela.

“Falando pelo Conde, eu a dou as boas-vindas e insisto para que se sinta em sua própria casa. Mas tenha cuidado, pois o clima aqui muda rapidamente e a escuridão surge rapidamente e sem aviso. Também há lobos nas montanhas ao redor. Eu a aconselharia a não perambular para muito longe daqui.”

“O senhor faz tudo parecer muito empolgante.” respondeu estremecida.

A alegria em sua expressão desapareceu. "Não é minha intenção assustá-la, mas meus conselhos permanecem os mesmos. Não queremos que nada lhe aconteça; eu tenho uma casa na fronteira do fim do vilarejo. Se precisar de algo, pode mandar uma mensagem."

“Agradeço. Foi muita gentileza de sua parte vir me receber.”

“Por favor, não foi nada.”

Se levantou fazendo uma pequena reverência e partiu, assim como antes, com passos comedidos. Era um homem peculiar, ela concluiu, mas estava grata por ele ter vindo para assegurá-la de que não havia nenhum engano. Havia aparentemente a real necessidade de uma governanta, então pelo menos até o momento, não houvera nenhum engano.

Algum tempo depois, o mordomo retornou sinalizando que ela deveria acompanhá-lo. Oh, pensou ela em pânico, ela deveria ter avisado ao Professor a respeito de suas bagagens. “Minhas bagagens”, disse ela. "Toda a minha bagagem ficou na estação de trem." Bem, se é que ainda estivessem lá.

O mordomo a observava confuso. Ela precisou fazer uma espécie de mímica como se estivesse levantando malas e então vocalizou um "tchú-tchú" enquanto apontava para a direção em que desconfiava que estava a estação de trem. E então repetiu mais uma vez. Depois de algum tempo, ele fez um gesto de reprovação com a cabeça e disse algo que ela não pôde compreender. Se virou de costas e seguiu em frente. Talvez ela nunca mais recuperaria sua bagagem.

O mordomo a conduziu pelo corredor e subiram uma escadaria espetacular que havia visto no salão principal. Estava sendo levada ao segundo andar, onde outro enorme corredor levava a um quarto atrás de uma porta enegrecida. Uma madeira enegrecida e sedas vermelhas cobriam as paredes. Uma janela dupla dava vista de infinitos pinheiros enfileirados, cercados pelas brumas. O quarto estava aquecido com a lareira acesa. Painéis de madeira escura cercavam a cama, com um dossel de cortinas de veludo. Era um quarto bastante fino, talvez um pouco escuro demais para seu gosto pessoal, mas serviria perfeitamente. Certamente era muito superior ao quarto da hospedaria e as escassas acomodações que tivera lá.

“Muito obrigada”, disse ela com um sorriso. O mordomo partiu e Estelle foi até onde estava a penteadeira, onde havia uma jarra de porcelana. Pôde notar que o vapor subia da borda, logo, alguém havia cuidado de aquecer a água para que ela se lavasse. Era muita gentileza. Um banho era muito bem-vindo depois de tantos dias de viagem. Desabotoou seu casaco, e iniciou os procedimentos para se despir, estando pronta para descansar por um tempo.

Após levantar da cama que era mais do que confortável, foi até a janela para ver a vista. Não havia nada além dos pinheiros, que se enfileiravam dramaticamente pela colina. Alguns se apoiavam precariamente sobre os rochedos. Um rio passava pelo vale. A água deveria estar congelante, presumiu. Todo o cenário diante dela parecia frio, e a bruma ainda era densa entre as árvores.

Assim que o Sol se pôs, uma batida ressoou na porta e ela foi conduzida mais uma vez para uma sala de jantar, que acomodaria

confortavelmente trinta pessoas. Mais uma vez a decoração era escura, sendo que o único item claro era a toalha branca de mesa. Ao longo da mesa enfileiravam-se os mais refinados lustres. Com certeza não foram modestos na escolha da mobília, tampouco da decoração. Havia retratos com molduras douradas ao longo da parede - feições soturnas com expressões orgulhosas. Certamente eram membros da família do Conde, deduziu. Um dos retratos parecia ser um pouco mais moderno, e se perguntou se aquele não seria o próprio Conde ou talvez algum outro membro da família. Olhos e cabelos escuros, com uma expressão tanto entediada quanto orgulhosa. Os outros retratos eram obviamente de estilo militar. Havia cenas de batalhas de algum momento histórico que não sabia nada a respeito. Havia algo que remontava a estrangeiros, uniformes que nunca havia visto, e usavam capacetes incomuns.

Estava sentada, completamente sozinha na mesa alongada quando foi servido o jantar. Na verdade, estaria satisfeita em ter sua refeição em seu próprio quarto, mas obviamente, eles não concordariam e desejavam servi-la, e mesmo assim, não falavam o mesmo idioma.

Ainda não estava convencida de que não havia sido um enorme erro vir até aqui, mas o que Annalise diria se visse onde ela se encontrava agora? Estava vivendo em um castelo de verdade, apesar de ser mais distante da civilização quanto poderia ser.

Voltou a pensar no professor e no que ele havia dito, especialmente sobre o quanto os habitantes locais eram desconfiados. Parecia improvável que ela faria amigos novos aqui. O professor parecia bastante amigável e esperava reencontrá-lo mais uma vez. Havia, pelo menos, uma pessoa com quem ela podia conversar. A questão maior aqui era como ela se entenderia com seu novo patrão e o filho que lhe seria confiado para orientar e educar.

Capítulo 4:

A manhã seguinte foi bastante parecida com o dia anterior, cinzento e enevoado até onde a vista de Estelle enxergava. Não havia mais a ansiedade opressiva do dia anterior e ela tentava acalmar seu nervosismo. Estava onde deveria estar e tinha um telhado para se abrigar. Até o momento, havia bons motivos para agradecer.

O fogo havia apagado na lareira e o cômodo estava frio como gelo. Infelizmente, a camisola de Estelle estava na bagagem, que estava sabe Deus aonde a esta altura, então precisou correr de camisola e calçolas para buscar mais lenha e acender o fogo. Estava quase tremendo de frio enquanto tentava acender o fogo. Mas havia bastante lenha, então o cômodo logo estaria aquecido novamente.

Sentia como que se devesse fazer alguma coisa, talvez escrever uma carta avisando a alguém que havia chegado, mas todos seus pertences não estavam ali. Se não conseguisse recuperá-los, tudo seria bem mais complicado para ela. Não havia visto um único comércio no vilarejo, mas com alguma sorte, o trem poderia ir para alguma outra cidade nas redondezas onde poderia adquirir algumas provisões.

Passou algum tempo ainda no quarto, desfrutando do luxo de um certo descanso depois de tantos dias de viagem. Seus dias haviam sido agitados desde o momento em que recebera a resposta para sua carta oferecendo seus serviços. Agora estava aqui e não havia nenhuma família na residência. Até que eles chegassem, teria algum tempo para descansar.

Apesar de estar feliz por ter a oportunidade de se recuperar, não podia se forçar a permanecer assim por muito tempo. Estava em um castelo em terras desconhecidas. Tudo aqui era tão diferente de tudo que ela estava acostumada—o terreno montanhoso, a névoa constante, e o castelo escuro onde ela se encontrava. A vontade de explorar era poderosa demais para que ela o ignorasse e então se vestiu. A fome também a impulsionava a sair do quarto.

Uma vez que estava vestida, Estelle perambulou pelo quarto, tentando se lembrar do caminho que a levara até ali, tentando refazer seus passos desde quando saíra da sala de jantar. O corredor no lado

de fora de seu quarto era decorado com sedas finas nas paredes. Se lembrava dos arcos ornamentais, desenhos intrincados na madeira escura, e mais retratos pendurados ao longo das paredes. Havia uma mesa com um vaso que parecia ser oriental, poderia ser mesmo húngaro até onde ela sabia. Conhecia muito pouco da cultura local.

Eventualmente chegou às escadas do centro da casa e o mezanino que o cercava. Colunas entalhadas cercavam o local e ela até mesmo sentiu uma pequena queda de temperatura no amplo salão de pedra. Havia uma claraboia de vidro no teto que permitia a entrada de um pouco de luz. Não havia percebido isso antes. Era colorido e podia ver um emaranhado de rosas e espinhos. Era delicado, apesar de os espinhos serem representados um pouco maiores do que realmente seriam.

Para seu alívio, encontrou sua bagagem no meio do hall de entrada, como se estivesse esperando ser buscada. Alguém a havia buscado e a deixado ali. Será que ela deveria carregá-la ela mesma? Certamente que não. Ela não tinha condição alguma de carregar aquilo tudo. Alguém deveria ajudá-la. Apesar de que talvez por partes, ela conseguiria carregá-las. Era algo que ela precisaria decidir depois que comesse algo.

Vagou de cômodo em cômodo, explorando os cômodos adjacentes no primeiro andar. Havia um salão, muito maior e mais formal do que aquele em que estivera no dia anterior. Outro parecia ser um escritório, no qual ela não entrou por obviamente ser um espaço particular do Conde. Também havia uma biblioteca cujo piso ascendia em uma ladeira. As estantes tinham duas divisórias, mas a parede principal não ficava ali. Ao invés disso, havia uma abertura para o que parecia ser uma sala de música. A luz pálida do Sol brilhava através de incontáveis janelas de vidro. Nunca havia visto nada parecido com aqui, mas também nunca havia entrado em um castelo antes.

Em seguida, voltou para a sala de jantar, onde finalmente encontrou alguém, o mordomo que a havia recebido no dia anterior. “Bom dia”, disse ela. Ele sorriu sem vontade e ofereceu a ela o assento à mesa. Desapareceu por algum tempo, e depois retornou com um prato contendo pão, queijo e frios. Seu apetite aumentou vertiginosamente quando viu o prato e agradeceu ao homem, que então a deixou sozinha novamente.

Todo o castelo era inquietantemente silencioso, notou enquanto se acomodava para comer. As refeições eram exageradamente temperadas e o queijo era bastante cremoso. A textura do pão em seus dedos era macia. Estava habituada a ter arenque defumado no desjejum, mas isto também estava perfeitamente adequado. Talvez levasse um bom tempo até que provasse mais uma vez o arenque defumado. Estando cercada apenas por terra naquela região, duvidava que existisse arenques em qualquer parte daquele país.

*

Depois do desjejum, voltou para o hall de entrada, mas sua bagagem não estava mais lá. Alguém a havia pego e só podia esperar que tudo tivesse sido levado para seu quarto. Aparentemente, carregá-las não era mais um problema com o qual deveria se preocupar. Ao invés disso, explorou mais uma vez os cômodos, seus olhos examinando cada um dos variados e belos objetos. Então encontrou uma porta que levava para o lado de fora.

Um frio cortante a atravessou assim que ela pisou no lado de fora do castelo. Deveria ter trazido seu castelo, mas estava curiosa demais para isso. Sem fechar completamente a porta, passou pelo caminho de cascalho atravessando uma abertura na cerca. Parecia ser um jardim no outro lado, mas quando chegou até ele, pôde perceber que estava monstruosamente abandonado, como se ninguém tivesse cuidado dele há anos. Roseiras cresciam desalinhadas e selvagens. Algumas estavam claramente mortas, ou morrendo.

Aparentemente, o Conde não se interessava por jardinagem. Era uma pena pois parecia ter sido em algum dia um jardim lindo.

Havia algumas estátuas de anjos e outras que provavelmente eram algumas variedades de deusas ao longo do jardim abandonado. Algumas eram certamente criaturas míticas.

Subiu uma plataforma, de onde conseguia ver o vale lá em baixo, o vilarejo ao longe espalhado pelo lado direito do vale entre as pastagens. As montanhas se estendiam até o outro lado do vale, e em algum lugar entre as árvores ao longe, deveriam estar os trilhos ferroviários.

Parou e virou olhando ao espaço ao redor, percebendo que havia chegado ao final do jardim e se aproximava de uma floresta—densa e escura. Não demoraria muito até que perdesse o castelo de vista se continuasse, a floresta era cerrada e esconderia quaisquer sinais de civilização rapidamente.

Um arrepio subiu pela sua espinha. Havia lobos na floresta, era o que o Professor havia dito. Além do pequeno diâmetro de segurança ao redor do castelo havia muitos perigos. Ela nunca esteve neste tipo de situação de risco antes, onde estava à mercê de todo o tipo de ameaça bastava caminhar. Não estava acostumada com este tipo de ambiente.

Alguma coisa parecia errada. Sentia como se estivesse sendo seguida. Calafrios se espalhavam dolorosamente ao longo dos braços. Olhando através da floresta, não viu ninguém, mas sentia como se houvesse olhos a observando. Talvez alguma criatura estivesse esperando que ela entrasse na floresta, longe da segurança com a promessa de alguma aventura. Sua inquietação fazia com que o jardim parecesse algo macabro, com suas videiras e plantas moribundas.

Rejeitou o que sentia dizendo a si mesma que estava sendo tola. O professor havia sido enfático demais em seus alertas e ela estava imaginando que havia lobos à espreita. Era uma reação normal ao estranhamento, concluiu. Não havia razão em se deixar ficar histérica.

Com uma última olhada ao vale que parecia mais agradável, retornou ao castelo, sentindo que a umidade fria se apegava ao vestido. A névoa era densa aqui e ela podia senti-la em seu rosto. Gotas pesadas caíam sobre ela, e então levantou a saia e correu, voltando para a porta de onde havia saído.

Para seu alívio, o fogo havia sido aceso no salão onde havia sido trazida na noite anterior, e se acomodou diante das chamas, deixando que o calor a envolvesse. Era um frio por demais severo nas montanhas, concluiu. Sem dúvida na primavera seria mais agradável e os pensamentos sombrios sobre ser devorada por feras selvagens não seriam tão facilmente enraizadas em sua mente. Riu de si mesma por sua tolice. Não costumava ser tão impressionável, era considerada por todos que a conheciam como uma mulher pragmática e sensível.

O mordomo chegou com uma bandeja para servir o chá e Estelle não podia ficar mais feliz. Chá era perfeito para ajudar a se aquecer. Ele a serviu, fazendo uma reverência. Estelle agradeceu e sorriu, mas enquanto ele se afastava um outro homem que ela nunca havia visto antes se juntou ao mordomo e sussurrou algo para ele.

O mordomo voltou para o quarto e foi até a janela, olhando como se procurasse algo. Se voltando para ela, fez um gesto para que ela se aproximasse, e ela se levantou. Acompanhando a direção do olhar do mordomo, viu uma carruagem ao longe que se aproximava com rapidez pela estrada de onde ela viera ao sair do vilarejo.

"Conde Drezasse", disse o mordomo, e depois se afastou apressadamente. Então o Conde - seu patrão - estava em casa. Acompanhou o progresso da carruagem, que parecia ser bem antiquada considerando os padrões modernos, parecia ter, pelo menos, um século de idade. Parecia com pressa de chegar em casa.

Voltando para sua cadeira, Estelle conferiu se o cabelo estava razoavelmente em ordem, e com a coluna reta e as mãos repousando sobre o colo, esperou.

Capítulo 5:

Demorou algum tempo, mas finalmente Estelle ouviu um burburinho no castelo. O barulho ecoou pelos tetos altos, mas foi abafado quando chegou aos seus ouvidos. Não podia controlar seu nervosismo. Era a primeira vez que conheceria seu empregador, e neste caso, não havia sido contratada diretamente por ele. Era possível que ele não a aprovasse. O que faria se isso acontecesse? Supunha que então seria mandada de volta para casa.

Continuou esperando e ninguém parecia vir até ela, o que era compreensível. Talvez tivesse sido uma longa viagem e eles precisassem descansar.

De repente, a porta abriu e alguém colocou a cabeça para dentro, uma pequena cabeça com cabelos escuros. Ele saiu de novo, e depois voltou, abrindo a porta e adentrando o cômodo com o queixo erguido e as costas retas. Estava apenas a examinando antes de se apresentar adequadamente.

Deu apenas alguns passos, parou e a observou. “Eu sou Thomas Drezasse”, disse em um tom sério.

“Olá, Thomas. Eu sou a Senhora Estelle Winstone. Serei a sua nova governanta.”

Ele estava descaradamente a avaliando agora. “Você é inglesa.”

“Sim, eu sou.”

“Você não é muito alta.”

“Como você saberia dizer? Estou sentada.”

“Você parece baixa.”

“Não muito baixa em relação à maioria das mulheres.” Era sem dúvida da altura normal.

“Nós acabamos de voltar”, ele disse. Falava inglês razoavelmente bem. Ela não era a primeira governanta inglesa que ele tivera, ou talvez tivesse um tutor.

“Compreendo. Espero que tenha sido uma boa viagem.”

“Com certeza”, ele disse como se fosse uma suposição ridícula. “Estas terras são todas nossas”, afirmou endireitando a coluna. "Até onde a vista alcança."

“E é muito bela.”

“Tem muitas árvores. Não sobraram muitas florestas no seu país de origem. Todas foram destruídas.”

“Temos mais pastagens”, respondeu.

“Mas todo mundo precisa de madeira.”

"É de fato um material muito importante.

Sua expressão transparecia o orgulho enquanto a analisava de cima a baixo mais uma vez. “Eu vou embora agora.”

“Tudo bem. Foi um prazer conhecê-lo.”

O garoto assentiu e se virou, marchando em direção á porta. Havia sido um encontro bastante peculiar como só garotos tão jovens conseguem fazer. A insistência em formalidade, mas sem a finesse de um homem adulto. Mas havia algo estranho naquele garoto. Talvez tivesse algo a ver com o fato de estar crescendo em uma região tão remota. Mas mesmo assim, Estelle estava feliz com seu emprego. precisaria explorar quais seriam as limitações dos conhecimentos dele e desenvolver algum plano para ele.

Depois deste encontro, estava só mais uma vez. A casa se transformara em um espaço silencioso exceto pelo relógio.

Não cabia a ela ir procurar seu novo patrão. Já deveria ter sido informado onde ela estaria, mas ele certamente não estava preocupado em ir conhecê-la. Presumiu que talvez esta fosse a prerrogativa dele. Já sabia com a experiência que a relação com a família podia ser estranha às vezes, como se ela não fosse nem parte da família, tampouco da criadagem, como uma pessoa estranha que não tinha nenhum lugar para ocupar na dinâmica doméstica. Essa relação variava para cada família. Seu patrão anterior havia sido sempre muito gentil e a incluía em alguns passeios da família. A relação era sempre redefinida a cada empregador a quem servia.

Este emprego era vantajoso por pagar melhor e esperava conseguir economizar um pouco. Era difícil economizar quando recebia o salário pequeno que costumavam pagá-la. A distância e o isolamento deste emprego era bem recompensado financeiramente.

Logo o mordomo entrou, avisando que o almoço estava sendo servido na sala de jantar e ela o acompanhou até o salão. Talvez ela conhecesse seu empregador durante o almoço, mas somente Thomas estava sentado lá quando ela entrou.

“Seu pai não virá nos acompanhar?” perguntou enquanto se sentava.

"Não. Ele almoça enquanto está estudando", disse Thomas. "Eu almoço aqui". Era típico que ela tivesse as refeições com os outros criados, mas muito atípico que fosse ignorada pelo empregador no primeiro dia. Mas era a residência dele e ele poderia fazer o que bem entendesse como bem quisesse. Ela apenas aceitaria.

Um porco assado foi servido e uma bandeja de prata, assim como patê e pão. Mais uma vez a carne estava muito mais apimentada do que ela estava habituada. Cada pedaço era uma explosão forte de sabor em sua boca, quase que entorpecendo seus sentidos por um momento. Levaria algum tempo até que se acostumasse com a culinária. Não era ruim, apenas diferente demais do que estava acostumada.

Thomas descrevia a visita que haviam feito a um parente distante que vivia em algum lugar a um dia de viagem de distância, e Estelle ouvia atenciosamente.

“Vocês recebem visitantes frequentemente?” perguntou quando Thomas parecia ter se esquecido de algo que pretendia dizer. Era como se ele estivesse engasgado com as palavras e tentasse cuspi-las.

“Não tão frequentemente” admitiu. “Mas o Professor Szousa costuma visitar às vezes.”

“Você o conhece bem?”

“Acho que sim, apesar de que ele não chegou há muito tempo.”

“Oh? Ele também é um recém-chegado?”

“Ele chegou na primavera.”

Pelo que o professor havia dito, fazia sentido. Ele estava aqui para estudar os idiomas dos habitantes locais. “Ele parece ser um bom homem.”

Thomas encolheu os ombros. “Ele mora no vilarejo.” Se levantou. "Vou me retirar agora." Assim como antes, ele saiu do quarto e Estelle o observou enquanto ele saía, ainda admirando aquele garotinho curioso.

Quanto a ela mesma, concluiu que talvez fosse melhor que retornasse ao salão menor. Sentia-se menos à vontade para perambular pelo castelo e explorá-lo agora que o patrão estava lá. O salão e o seu próprio quarto eram os únicos lugares onde se sentiria expressamente autorizada a estar. Certamente havia uma sala de estudos em algum lugar, mas temia entrar em confusão se se

arriscasse a procurar por ela sozinha. Thomas provavelmente saberia então ela perguntaria na próxima vez que o visse.

Mas seus planos foram interrompidos quando o mordomo a encontrou. "O Conde Drezasse está à sua espera," anunciou esperando para que ela o seguisse.

Estellle tentava freneticamente repetir o sotaque com o qual o mordomo dizia o nome de seu patrão. Não conseguia reproduzi-lo à perfeição e temia que soasse inculta. Não havia outra escolha; a não ser tentar, mesmo que não soubesse pronunciar o nome corretamente. Com o pouco que sabia, poderia até mesmo estar pronunciando um nome completamente diferente sem sequer ter conhecimento disso.

O mordomo abriu a porta do cômodo que Estelle presumiu que seria a sala de estudos. Era escura, e a luz que vinha da janela não era suficiente para iluminar as paredes e móveis escuros. O fogo crepitava na lareira e Estelle atravessou a sala revestida de enormes carpetes até estar prostrada diante de uma escrivaninha enorme onde um homem de cabelos negros estava sentado.

Ele olhou para ela quando o mordomo pigarreou. Era belo, de cabelos negros e olhos igualmente negros, e seu maxilar era projetado. Os cabelos eram levemente ondulados, caindo sobre o colarinho da camisa. Usava um terno preto e um colete cinza por baixo dele. Não havia dúvida do quanto era belo, mas sua aparência não era em nada britânica, com seus traços fortes e olhos inquisidores.

“E você quem é?” perguntou em um inglês compreensível, mas levemente carregado de sotaque.

“Sou a Senhorita Estelle Winstone”, respondeu, mantendo o queixo erguido e as costas retas, procurando disfarçar o quanto se sentia intimidada.

Se reclinou na poltrona enquanto a avaliava. “E de qual região da Inglaterra você veio?”

“Do Norte”, respondeu. “Meu pai era vigário de um pequeno distrito de lá, mas minha família não é de lá originalmente.”

“E seria de onde?”

“Somerset.”

“E você é instruída?”

Nunca havia sido intimidada daquela maneira. Seus trejeitos também eram muito diferentes dos de mim cavalheiro inglês. “sim, assim como meu pai. Frequentei a escola paroquial por algum tempo.”

Permaneceu imóvel, os lábios contraídos, como se ainda a estivesse avaliando. “Aparentemente os advogados acreditam que você está à altura deste emprego. Já conheceu meu filho?”

“Sim, ele veio se apresentar.”

“Bom”. Gesticulou com indiferença em direção a alguém que já estava habituado a levar cada uma de suas palavras extremamente a sério. Voltando a atenção aos seus documentos, não lhe deu mais nenhuma atenção.

Certamente não havia sido uma recepção amigável, pensou enquanto saía da sala de estudos. Ele a havia avaliado como se ela fosse um cavalo - só lhe interessaria se servisse a algum propósito. Ou pelo menos, foi assim que ela se sentiu. Admitia que nenhum de seus empregadores havia nenhum interesse autêntico nela, mas ao menos costumavam ser cordiais.

Teve a forte impressão de que não haveria uma relação de amizade entre ela e seu patrão, o que fazia com que restasse muito poucas pessoas—m quem ela pudesse conversar—Thomas e o Professor Szousa.

Mas compensaria, ela dizia a si mesma. Se cumprisse bem sua função, teria um pequeno pé-de-meia quando partisse. Um empregador carrancudo era algo que valeria a pena suportar.

Não ousaria ir tão longe admitindo que gostara do homem, pois não seria de bom tom que patrões dedicassem muita atenção, ou, pelo menos, é o que lhe diziam. Nunca havia tido esse tipo de problema, e parecia que sua boa sorte permaneceria intacta.

Capítulo 6:

A sala de aula ficava no andar de cima e na parte mais distante do castelo. Tinha vista para toda a amplitude do vale e uma lareira que mantinha o cômodo aquecido. Um globo refinado ficava ao lado de sua mesa e havia uma estante com todos os livros e textos que pudesse precisar. Era bem visível o quanto a educação de Thomas era prioritária.

O jovem apareceu na porta, mais uma vez se apresentando orgulhosamente.

“Bom dia, Thomas”, cumprimentou-o.

“Senhorita Winstone.” Seguiu em direção ao fundo da sala e começou a arrumar alguma estrutura feita de madeira virado de costas para ela. Esperava que ele estivesse tenso por ter uma nova governanta. “Eu não deveria precisar mais de uma governanta”, disse. "Anteriormente, eu já tive mestres, alguns eram os melhores disponíveis."

Obviamente ele não a considerava à altura.

“Em breve, irei para uma escola na Suíça. Então você está aqui para 'cuidar' de mim enquanto isso. Eu não preciso de uma governanta.”

O advogado havia mencionado algo sobre o garoto estar prestes a partir para um internato por volta do Ano Novo. “Oh?” exclamou. "Talvez você tenha razão."

“Eu tenho total capacidade.”

“Quanto a isto, não tenho dúvidas.”

Ele parecia ter aceitado sua resposta. “Talvez seu pai se sinta preocupado que você se sinta só enquanto tem que esperar.”

“Meu pai não se preocupa com tais coisas,” disse ele abrindo mão da postura defensiva. “Ele tem muitas coisas com que se preocupar. Política, é o que ele diz.”

“São muitas as exigências para um cavalheiro de alto cargo como seu pai.”

“O que seu pai faz?”

“Ele era um vigário.”

“Ele faleceu?”

“Sim.”

“Assim como minha mãe.”

“Sinto muito em ouvir isso. Minha mãe também faleceu, quando eu era jovem.”

“Do que ela morreu?”

“De febre.”

“A minha mãe caiu.”

“Oh?” exclamou Estelle, visivelmente surpresa.

“Ela caiu da ribanceira, dos portões.”

A imagem do profundo declive sob a ponte surgiu em sua mente e ela estremeceu. Que horror. Como é que poderia ela ter caído ali?

“Meu pai teve que resgatá-la de lá.”

“Isso é horrível.”

“Ele disse que ela não sofreu.”

Estelle estremeceu mais uma vez. Esta conversa estava cada vez mais desconfortável. “Sinto muito.”

“O padre do vilarejo é católico, mas você não é católica, certo?”

“Não, eu sou anglicana.”

“Ele não fala inglês. Você fala latim?”

“Um pouco.”

“Talvez vocês possam conversar em latim então, se vier a conhecê-lo.”

“Você frequenta às missas na Igreja do vilarejo?”

“Não. Temos uma capela aqui, mas o padre raramente vem. Às vezes vamos para a Basílica em Budapeste.”

“Dizem que ela é linda. Eu nunca a vi.”

“Meu bisavô está enterrado lá.”

Mais uma vez, Estelle estava sendo lembrada sobre a importância da família Drezasse. "Acredito que seja uma enorme honraria. Em vez de passarmos nosso tempo com estes livros maravilhosos, que tal você me levar para me mostrar o castelo?"

“Eu conheço cada palmo deste castelo,” afirmou empolgado. “Até mesmo partes que ninguém conhece.”

“Mas ele é tão grande,” sussurrou com uma certa admiração em seu tom. Quanto a Thomas, suspeitava que seria preciso conquistar sua confiança. Seria útil dedicar algum tempo a apenas se aproximarem. Uma parte dele obviamente resistia em aceitar que uma governanta havia sido contratada para cuidar dele. Mas era bastante

comum garotos aos nove anos de idade se sentirem seguros demais de si para se permitirem serem cuidados por qualquer pessoa.

Thomas mostrou a ela cada um dos cômodos um por um, começando pelos próprios aposentos, o qual estava cheio de brinquedos, alguns eram os mais excêntricos que ela já havia visto, com funcionamento mecânico e feitos de metal. Não se demoraram muito ali, e ele cuidou de não mostrar um dos quartos de hóspedes, um dos incontáveis quartos de hóspedes.

“Acho que este é meu cômodo preferido”, disse ela quando chegaram à biblioteca anexada à sala de música.

“Ninguém nunca entra aqui.”

"É uma pena. Acho que aquele é o lugar mais belo que já vi na minha vida."

“Temos calabouços descendo as escadas. Você quer vê-los?”

“Outro dia, talvez.” Então este castelo era antigo o suficiente para ainda ter calabouços. Maravilhoso. Este conhecimento não a ajudaria a dormir melhor à noite.

“Meus antepassados mantinham seus inimigos presos lá.”

Não, Estelle não queria ver os calabouços, não queria imaginar que aquele poderia ser o seu destino caso desagradasse o conde. Estava sendo tola, claro, mas um homem com o prestígio dele tinha o poder de fazer o que bem entendesse, “Que tal se ao invés disso, você me mostrasse os estábulos?”

"Eles ficam lá fora, no outro lado do pavilhão. Vou ordenar Balog para que nos traga nossos casacos." E correu em disparada. Ela finalmente conseguiu descobrir o nome do mordomo. Ele o havia dito anteriormente, mas ela não havia conseguido entender. Balog. Não podia esquecer este nome.

Estava esperando no corredor da entrada principal quando Thomas e Balog voltaram, e o mordomo a entregou seu casaco. “Muito obrigada, Sr. Balog.”

Ele pareceu satisfeito e fez uma pequena reverência. Thomas já estava no lado de fora da porta e assim que ela o alcançou, Balog fechou a porta atrás deles.

O vento estava forte, atravessando o pavilhão externo. “Por aqui”, disse Thomas, adiantando-se em direção aonde ela presumia que estaria o estábulo. Portões enormes pintados de verde conduziam ao interior, e ao lado havia um depósito para carruagens e outros

veículos. Havia uma boa quantidade deles, incluindo a carruagem de viagem que havia visto na ocasião do retorno do Conde, outra que parecia ser ainda mais grandiosa, outra carruagem, e também algumas carroças. Diante deles estava o estábulo, com seis cocheiras, mas apenas algumas estavam ocupadas.

“Temos um segundo estábulo descendo o vale, mas é usado só para os cavalos da plantação. Aqui ficam os nossos cavalos, e este é o meu.”

Ele a levou até onde estava um pônei preto com de crina frisada e uma estrela branca. “Você cavalga bastante com ele?”

“Sim, ele é um ótimo escalador.” respondeu Thomas. “Ele consegue subir praticamente em qualquer lugar.”

“Parece perigoso. Ouvi dizer que há lobos na região. Você não fica com medo?”

“Eles não costumam chegar perto do vilarejo e só nos preocupamos durante a pior fase do inverno—quando eles passam fome.”

“Você já viu algum deles?”

“Certamente, mas temos cães de guarda que os mantém longe.”

Estelle havia escutado cães e se perguntado se não haveria lobos à espreita que os faziam latir. De certa maneira, se sentia protegida. Para Thomas, ter lobos à espreita parecia ser algo normal, mas para ela, eles eram muito mais assustadores.

“Você pode montá-lo se desejar,” disse Thomas, referindo-se ao seu pônei.

“Raramente tenho oportunidade para cavalgar, mas agradeço a oferta.”

“Deve ser entediante nunca ir para lugar nenhum,” refletiu com perplexidade.

Seu pai tinha uma carruagem e sempre que precisassem ir para algum lugar, era apenas usá-la. Ela só havia subido em cima de um cavalo algumas poucas vezes. “Creio que posso afirmar que você conhece cada palmo deste vale.”

“E além dele.”

Será que o Conde deixava este menino completamente solto? Se perguntou.

“A maioria das pessoas nunca se aventura. A maioria dos aldeões nunca sai de casa. Quando eu crescer, quero ser um explorador.”

“E me parece que já começou bem. Eu vi o jardim.”

Seu rosto ficou sério mais uma vez. “Era da minha mãe. Ela adorava rosas.”

Pelas condições que o jardim estava, calculou que a Condessa provavelmente falecera há aproximadamente três anos, talvez mais. “Está muito abandonado.”

“Você acha? Mas as rosas ainda desabrocham.”

Estelle concluiu que aquele deveria ser o único jardim e que ele não sabia de nenhum outro. “Talvez apenas precise de uma poda.”

“Então talvez seja melhor avisar ao Balog”, respondeu o garoto com indiferença. Mas não era possível que as más condições do jardim tenham passado desapercebidas, então talvez não houvesse nenhum interesse em tomar providências. Não estava em posição de tecer comentários a respeito de tal assunto.

“Venha”, chamou ele. “Vou te mostrar a torre de vigília.”

Sequer havia percebido que havia uma torre de vigília. Por outro lado, não havia explorado muito do castelo. O garoto correu e Estelle tentou acompanhar, seguindo-o a cada degrau de cada uma das escadas, ao longo de baluartes e atravessando torres, até que chegaram a uma torre localizada no ponto mais alto do castelo, de onde podia enxergar toda a extensão do vale e além. O vilarejo parecia minúsculo, como casinhas de brinquedo. Havia carroças e cavalos nos campos, e as pessoas pareciam bonequinhos.

“Era aqui que avistávamos os exércitos inimigos se aproximando. Meus antepassados eram guerreiros, nos defenderam dos Otomanos e até mesmo contra os Mongóis. Nossa família protege estas terras há mais tempo do que qualquer um poderia lembrar.”

“Me lembro do professor mencionar que sua família vive aqui há trezentos anos.”

“Ele está enganado. Estamos aqui desde sempre.”

Estelle sorriu. Não saberia dizer qual dos dois estava certo, porém também não via que importância teria. Não são todas as famílias da nobreza próximas, de qualquer maneira? Costumava ser assim na Inglaterra. Talvez não fosse tão diferente aqui.

Se permitiu admirar por alguns momentos o horizonte. As florestas pareciam ser infinitas—e as montanhas tão distantes, além do alcance da vista. Pareciam flutuar sobre a vastidão da selva onde havia criaturas que queriam devorá-la. Mais uma vez estremeceu,

mas talvez estivesse apenas sendo neurótica. Suas mãos estavam congeladas e o vento soprava congelando suas bochechas. "Talvez seja melhor voltarmos para dentro do castelo", sugeriu.

“Você não quer ver o rio?” Então ela se lembrou do rio, tão distante na vista da janela de seu quarto. “Ele é ótimo para pescar. Você pesca?”

“Quase tão frequentemente quanto ando a cavalo” admitiu, se perguntando se aquele lugar não era o paraíso do garoto. “Mas em um dia mais ensolarado, talvez tenhamos um piquenique e você poderá pescar nosso jantar.”

Thomas pareceu satisfeito com o plano.

Capítulo 7:

Thomas não estava muito contente com as aulas que haviam sido planejadas para ele, ainda insistindo que não precisava de sua tutoria. Independente disso, Estelle havia sido contratada para cumprir as ordens do Conde, não do garoto. Mas pelo menos conseguira convencê-lo lembrando-o que os outros alunos da escola na Suíça já sabiam toda a matéria que ele estava aprendendo agora, e que ele ficaria atrasado.

Sentia remorso por usar as inseguranças naturais do garoto por sua criação ser tão isolada que poderia fazê-lo ser visto como diferente e indigno de nota em relação aos outros garotos da escola em que estudaria, porém, não estava mentindo. Não havia nada de errado em ter as habilidades de um explorador, mas tais aptidões não seriam úteis na escola em que estava matriculado - uma na qual estudavam os pupilos da mais alta estirpe, incluindo até mesmo príncipes.

Mesmo contrariado, ele aceitou seguir com o planejamento desenvolvido por ela. Hoje, eles estudariam sobre a Revolução Francesa, sobre a qual Thomas afirmava saber tudo a respeito, mas mesmo assim, sentou-se obediente para prestar atenção à aula dela.

Foram interrompidos quando Sr. Balog apareceu à porta, para entregá-la uma mensagem. Não esperava nenhuma mensagem e achou que o Conde houvesse preparado algum tipo de instrução para ela, mas não era do Conde. A mensagem vinha do Professor Szousa, convidando-a para o chá naquela tarde.

“Sim, iremos para o vilarejo” disse Thomas já empolgado, “mas tenha cuidado, os habitantes de lá são monstros.”

“Não se diz coisas assim, Thomas.”

Ele se levantou com um sobressalto. “Eles gostam de encarar enquanto rangem os dentes, e suas crianças são pequenos monstros.”

“Thomas!” Estelle repreendeu chocada. “Não se faz esse tipo de comentário sobre as pessoas, mesmo que elas sejam diferentes de você. Cada um tem sua própria beleza e charme.”

“Diz isso porque não viu ainda”, acusou ele.

Na verdade, ela havia visto sim e eles haviam sido muito menos que cordiais. Mesmo assim, aquele tipo de comentário não era correto. Mas crianças dificilmente conseguem manter suas opiniões para elas mesmas, o que fez com que Estelle se perguntasse se haveria algum tipo de animosidade entre a família Drezasse e os habitantes do vilarejo. Mais uma vez, esperava que ao mesmo houvesse alguma forma de relacionamento feudal entre os dois grupos. “Independentemente das diferenças, todos merecem ser tratados com dignidade, mesmo que não sejam capazes de retribuir ao tratamento que se dá.”

Thomas bufou. “O professor costuma se entender bem com eles. Ele sabe falar o idioma deles.”

As sobrancelhas de Estelle se ergueram com a surpresa. Eles não falavam o mesmo idioma, então? Havia pressuposto naturalmente que falassem por ambos viverem na mesma região. O Húngaro deveria ser o idioma oficial. Do pouco que pesquisara a respeito, lembrava-se que o país inteiro falava o mesmo idioma, mas agora Thomas afirmava o contrário.

*

Não foi fácil convencer Balog de que ela era capaz de conduzir a carruagem sozinha. Mas ela havia, de facto, conduzido a carruagem na maioria das viagens durante os últimos anos de vida de seu pai. Nada a convenceria a ir a pé para qualquer lugar que fosse, principalmente se ela estava indo encontrar a única pessoa que conhecia naquela região. Mas apesar de ainda ter alguma relutância, e com a ajuda de Thomas, ele concordou em permiti-la.

Thomas seguia ao lado dela em seu pônei. Ele sabia cavalgar muito bem, e era bem visível que havia passado longas horas sobre a sela de seu pequeno cavalo.

Sentindo-se um tanto nervosa, partiu, lembrando que a estrada que seguia para o vilarejo era bastante íngreme em certos pontos, e sentiu outra onda de calafrio subir pela sua espinha enquanto seguia pela ponte do portão onde a Condessa havia caído pela ribanceira íngreme. Tentou não pensar a respeito, ou sobre o que aquela mulher deveria ter sentido enquanto caía daquela profundidade toda.

Abanando a cabeça, Estelle afastou tais pensamentos, tentando manter a empolgação com a ideia de que estava prestes a fazer sua primeira visita. Thomas garantiu que sabia onde o professor morava.

Demorou um pouco, mas finalmente chegaram ao vilarejo e mais uma vez todos passavam ora ignorando ou a encarando com olhares duros enquanto passavam. Um chegou até mesmo a cuspir enquanto ela passava. Não era só na primeira impressão que concluía que os habitantes do vilarejo não eram amigáveis.

Desviando para uma trilha mais estreita, Thomas a conduzia até uma linda cabana de madeira com dois andares. Havia varandas que se estendiam ao longo da casa nos dois andares, era um lugar adorável onde ela adoraria morar se um dia tivesse a sorte de ser a proprietária de seu próprio chalé. Este certamente não era um chalé típico inglês, mas era maravilhoso em sua peculiaridade.

O professor saiu de centro da casa sem seu casaco para recebê-los. Estelle sorriu para o cozinheiro de olhar marrento que estava parado na entrada da cozinha, enquanto Estelle era conduzida até a sala de estar. O interior do chalé era tão encantador quanto seu exterior, decorado com papel de parede e piso de madeira. Havia uma lareira de pedra no canto da sala e mantinha o cômodo aquecido. "Bem-vinda", repetiu o professor.

“Bem, Thomas, porque você não vai lá fora brincar com algumas das crianças do vilarejo? Estou certo de que já faz bastante tempo desde a última vez que vocês se encontraram.”

O olhar de Thomas se estreitou por um momento, mas eventualmente ele atendeu ao pedido, desaparecendo porta afora.

“Por favor, tome um pouco de chá,” disse o professor, apontando para uma mesa coberta com uma toalha rendada. Tudo naquela casa parecia alegre, exceto o cozinheiro mal-humorado, que havia trazido a bandeja e se retirado.

“Eu adorei este chalé”, observou ela.

"É uma joia. Este estilo é bem comum desta região. Bem pitoresco e confortavelmente seguro para uma vida simples nas montanhas. Fico feliz que tenha vindo até aqui, mesmo sendo tão longe."

“Não foi incômodo nenhum. É um prazer poder sair do castelo um pouco. O clima também acrescentou positivamente.”

“O clima pode ser severo nesta região nessa época do ano. E pior ainda quando chega a neve.”

Estelle não conseguia sequer imaginar como ficaria a visão do vale coberto de neve. “Sem dúvida, deve ser encantadoramente belo.”

“Belezas naturais em abundância.” Serviu o chá de um dos bules altos que eram comuns naquele país. O vapor saía dele com o chá quente. “Eu o preparei um pouco mais suave ao seu gosto.”

“Eu agradeço”, respondeu ela, agradavelmente surpresa.

Pegando uma xícara para ele mesmo, relaxou enquanto se recostava. “E obviamente, um prazer ter a sua companhia.”

“Absolutamente. Diga-me, professor, Thomas me disse no outro dia que ele tinha dificuldades em interagir com as pessoas do vilarejo. Pensei que ele falava húngaro.”

“Sim, mas a natureza isolada desta região faz com que seus dialetos não tenham evoluído muito do que se costuma chamar de húngaro antigo. A não ser que esteja familiarizado com ele, é difícil de entendê-lo.”

Estelle achou estranho que Thomas tivesse crescido aqui. Significava então que ele não havia convivido muito com as crianças locais. Sentiu-se entristecida ao pensar no quanto algumas pessoas pareciam ser solitárias. “O vilarejo e o castelo talvez não sejam muito próximos”, sugeriu.

"O Conde não tem muito tempo para as pessoas daqui", disse o professor sem dar importância. "Ele está fora frequentemente, então talvez não seja tão surpreendente que eles não se conheçam muito bem. Os aristocratas sempre focam somente na própria sociedade, creio. Estou certo de que não seja muito diferente no país de onde a senhorita veio."

“Isso é verdade, mas os vizinhos costumam entender uns aos outros.”

“As pessoas subestimam a importância da linguagem—a barreira que ela se torna quando a comunicação não é livre.”

“Creio que o senhor tem razão, professor.”

“Mas não se preocupe demais com relação a isso. O Conde está contando com você para preparar Thomas para o lugar que ele precisa ir no futuro e estou certo de que fará um serviço admirável.”

“Ele é um aluno maravilhoso. E um explorador um tanto quanto destemido.”

“Aquele garoto vive em seu mundo de sonhos na maior parte do tempo. Mas creio que garotos que perdem a mãe tão cedo tendem a

amadurecer um pouco mais rápido. Eu mesmo insisti com o Conde de que o garoto precisava da orientação de uma tutora com um toque feminino antes que fosse tarde demais. Estou satisfeito que o Conde tenha escutado meu conselho."

Agora fazia sentido porque o Conde havia contratado uma governanta em vez de um tutor. "Bem, espero conseguir alcançar os objetivos esperados."

"Estou certa de que conseguirá. Foi uma lástima o que aconteceu com a Condessa. Bem antes de eu chegar, lógico."

Estelle não sabia o que dizer. O destino daquela mulher foi horrível demais, além de qualquer palavra pudesse descrever.

"Dizem que ela era muito bonita, mas dizem que o Conde nunca se interessou por ela", lamentou ele.

"Como assim?" perguntou Estelle.

"Não sei", respondeu o professor, dando uma suave tapinha nas costas da mão dela. "Apenas tragédias de um tempo que já passou."

Estelle não compreendia. O que significava isso, que o Conde não era muito próximo dela? Por que ele diria isso, como se fosse um fardo que pesava sobre seus ombros?

"Thomas quem mais sofreu, claro" continuou o professor, "mas todos nós devemos fazer o melhor por ele, apesar da natureza severa de seu pai."

Severo parecia ser uma boa forma de descrever o Conde. O pouco que vira dele, ele não aparentava nenhuma leveza ou que pudesse abrandá-lo de alguma maneira. Estelle podia imaginá-lo sendo severo, mas parecia haver algo além disso que incomodava o professor pela maneira que ele havia falado—ou sugerido.

Mas de forma alguma ela mencionaria um assunto tão delicado. Se a relação entre o Conde e a Condessa era deficiente de alguma maneira, talvez sua queda não fosse um acidente como Thomas havia contado. Uma criança nunca entenderia a tristeza que levaria uma mãe a acabar com a própria vida. Mas eram apenas suposições. Mais uma vez, quem cairia acidentalmente de uma ponte, uma voz desrespeitosa em sua mente ainda perguntava. Um frio inquietante percorreu suas entranhas e por um átimo, sua xícara de chá estremeceu sobre o pires antes que ela conseguisse colocá-lo sobre a mesa. A Condessa devia ser uma mulher extremamente infeliz.

Capítulo 8:

Estelle acordou com a incômoda sensação que havia começado a sentir no dia anterior. A tragédia pairava sobre aquele lar e ela podia senti-la como se estivesse grudada em sua pele. Caso o que o professor lhe contara não fosse verdade e o casamento entre o Conde e a Condessa não foi uma união feliz, então Thomas era o mais afetado pelo falecimento da mãe.

Sentia uma enorme empatia por ele, por ela saber como era perder a mãe. Na época, seu pai havia feito tudo que pôde para compensar a perda dela, assumindo o papel de mãe além de pai. Thomas, por outro lado, tinha seu pai ausente e claramente não tinha tantos amigos para se distrair. Devia ser horrível para aquele garotinho. Não era nenhuma surpresa que ele escolhesse sonhar com a carreira de explorador—ansiando por uma fuga da atmosfera pesada de seu lar.

A outra informação dita pelo professor também reverberava em sua mente, de que havia sido escolhida para dar um toque feminino na orientação e educação do garoto. Sentia profundamente o peso daquela responsabilidade, ainda mais agora, mas não sabia ao certo no que isso implicava. Educação costumava ser seu enfoque, mas talvez ela pudesse fazer algo mais. Apenas não sabia o que. Sabia muito menos em se tratando do que as mães proviam para seus filhos. Mesmo assim, mais uma vez lembrou, ela sabia ao menos o que uma criança sentia falta quando perdia a mãe.

Mas com tal conhecimento, ainda não sabia ao certo como proceder. Tinha feito o planejamento da aula do dia, mas agora se perguntava qual seria o propósito.

Parada diante da janela, olhou para o rio abaixo, esperando que a vista pudesse lhe dar alguma resposta, mas não veio nenhuma. Só podia seguir adiante com o dia.

Depois de se vestir, desceu para a sala de jantar, onde Thomas a esperava. “Como você está hoje?” perguntou enquanto se aproximava e se sentava ao lado dele à mesa.

“Tudo bem” respondeu, parecendo levemente entediado enquanto comia.

“Que tal se continuássemos aquela nossa conversa sobre a história de sua família?”

"Pode ser," respondeu ele, parecendo um pouco mais animado. “Mas o Mestre Nemes está vindo hoje à tarde. Ele é o meu professor de esgrima."

“Tudo bem” respondeu ela, lembrando que nunca soube de tais aulas. Havia uma grave falha de comunicação nesta casa, concluiu. Nada era diretamente comunicado a ela e ela apenas as descobria à medida que aconteciam. E um professor de esgrima, isso não era muito comum. Seus alunos anteriores raramente aprendiam esgrima, tampouco a usar uma espada, parecia algo extremamente antiquado. Mas as coisas eram sempre bem diferentes aqui. Por algum motivo, habilidades com a espada eram de grande estima por algum motivo que não compreendia muito bem. Não havia mais muita utilidade para espada atualmente, desde o fim da época dos duelos. Será que os cavalheiros desta região ainda duelavam? Se fosse verdade seria algo muito estranho e bárbaro. “O Mestre Nemes vai ficar por muito tempo aqui?”

“Ele costuma ficar por alguns dias.”

“Seu pai é esgrimador também?”

“Mas é claro. O Mestre Nemes ensinou a ele como lutar quando ele tinha minha idade.”

“Compreendo.” A cada dia, ela via vestimentas incomuns, as coisas que eram diferentes de tudo a que ela estava habituada. De alguma forma a vida aqui parecia ser um pouco mais presa ao passado comparado à maneira como se faziam as coisas na Inglaterra. “Bem, então creio que teremos um pouco menos de tempo para nossa aula de hoje.”

“E provavelmente nos próximos dias também. Mestre Nemes ficará aqui apenas por alguns dias.”

Talvez Estelle estivesse um pouco incomodada em ouvir isso, mas se era da vontade do Conde, não estava em posição de recusar.

Lhe restaram apenas algumas poucas horas com Thomas na sala de aula hoje, antes que fossem interrompidos pela chegada de Mestre Nemes. Thomas correu da sala empolgado. Era bem visível o quanto ele estava ansioso por ele, e Estelle não podia guardar rancor dele por estar empolgado com a chegada de quem era obviamente um de seus professores preferidos.

Agora ela não teria muito o que fazer durante os próximos dias, até que Mestre Nemes partisse novamente.

O garoto e o tutor de esgrima estavam já à porta quando ela desceu para o hall de entrada, mas se apresentaria somente durante o jantar, talvez antes. Até lá, precisava encontrar algo com que pudesse se ocupar. Observou os retratos por algum tempo, e então seguiu até a biblioteca. Para onde Thomas e o Mestre de esgrima foram, ela não fazia ideia. Não havia nenhum som na casa que sugerisse onde estariam.

Seguindo para a biblioteca, viu que havia ali livros em todos os idiomas. Alguns títulos em inglês, mas nenhum que lhe atraísse a atenção. Havia um livro sobre o Império Romano que ela até gostaria de ler, mas não havia pressa. Lentamente, se dirigiu em direção à sala de música, com suas altas paredes e teto de vidro. As plantas aqui também estavam descuidadas e haviam crescido retorcidas desordenadamente. Uma samambaia ainda estava viva, então ela encheu um regador que encontrara em um canto e regou cada uma das plantas que aparentava ainda estar lutando para sobreviver.

Talvez como as rosas, estas plantas estivessem abandonadas desde a morte da condessa. Era uma pena. Era um espaço tão bonito. O sol pálido não estava fornecendo muito calor naquela manhã, mas talvez à tarde este cômodo ficasse aquecido e confortável para uma boa leitura.

O barulho da porta se abrindo causou-lhe um sobressalto. Não esperava que alguém viesse ali. Virando-se viu que o Conde estava em pé diante de uma das várias prateleiras, passando os dedos por cada um dos livros, depois abriu um espaço para puxar um deles.

Estelle não sabia o que fazer. Não estava exatamente fazendo algo escondido e não estava exatamente se esgueirando se ele olhasse para o lado a veria. Ela pigarreou, e o conde interrompeu sua atividade, voltando seu olhar para ela.

“Senhorita Winstone”, disse ele com surpresa na voz.

Ela sorriu, mas não passou de um riso rápido. “Me desculpe a intromissão. Me disseram que ninguém frequentava a biblioteca.”

Seu olhar sustentou sobre o dela por um momento antes dele responder. “Não completamente.”

“Me desculpe. Estou me intrometendo.”

“Bem, agora você vive aqui, logo, a biblioteca está à sua disposição.”

“Parece que o Mestre de esgrima já chegou, senhor” disse ela. Não queria parecer negligente com seus deveres, ignorando seu cargo enquanto perambulava pela biblioteca. Colocando o regador no chão, deu um passo em direção dele. Os olhos dele não desviaram dela. Era um pouco desconfortável ter uma conversa com um espaço tão grande entre eles.

“Eu compreendo.”

Ele se voltou para ela agora, estava vestido um pouco menos formal sem o casaco. Usava calças e colete pretos, uma cor que ele parecia preferir na maior parte do tempo.

"Esta biblioteca é bem impressionante", disse ela enquanto percebia que a distância entre eles se encurtava. "A sala de música é linda, uma pena que esteja tão...abandonada."

“Não disponho de tempo para cuidar de plantas” respondeu ele.

“Certamente”, disse ela, enquanto retorcia as mãos uma na outra. Estava se sentindo além de desconfortável. Não havia sentido em negar isso; apesar de não saber muito bem o porquê. Ele precisava se afastar. Esta era a única chance que tinha de conversar com ele, e desde que ele raramente estava por ali, talvez não houvesse oportunidades futuras. “Estava pensando se talvez não tenha algo em específico que o senhor queira que eu ensine ao Thomas.”

Silenciosamente, ele parecia refletir por um momento. “Tem algo em específico que a senhorita ache que ele precise aprender?”

A pergunta a surpreendeu. “Não, ele parece ser um garotinho bastante curioso. E tem muito orgulho da história de sua família. Talvez apenas seja um pouco solitário.”

“Quando ele for para a escola não ficará mais tão solitário.”

Mas não o pai dele, o pensamento surgiu espontaneamente em sua cabeça. Ela corou. Seria possível que ele nunca tivesse de fato sentido nada pela esposa como o professor havia dito? Em um lugar desolado como esse, todos precisavam se afeiçoar a alguém, não? Talvez fosse por isso que ele passava tanto tempo fora daqui. Até onde sabia, ele bem que poderia ter alguma amante em algum lugar. "Eu só pensei..."

“Estou certo de que está fazendo um trabalho adequado o suficiente”, disse ele, fazendo uma reverência breve antes de se

retirar.

Aquilo não fora um gesto amigável, mas também não era um gesto descortês. Ficou observando enquanto ele passava pela porta, se afastando sem olhar para trás. De alguma forma, sentia como se eles tivessem estabelecido uma conversa um tanto difícil, mas não se poderia culpar somente a ela. Estava um tanto surpresa por ele não se interessar em conversar sobre a educação de seu filho mais detalhadamente, mas como o professor havia mencionado, talvez ela não estivesse aqui somente pela educação do garoto.

Sem pensar muito a respeito, foi até a prateleira onde ele havia estado e olhou para o livro que ele guardou ali, como se pudesse absorver algum conhecimento através dele. Mas o título não estava escrito em nenhum idioma que ela conhecesse, então não havia nenhum conhecimento a ser adquirido ali.

Ela só queria saber se estava de fato fazendo o que se esperava que ela fizesse, detestando a ideia de que poderia estar desapontando. O Conde, entretanto, não parecia querer, ou era incapaz de dar a ela qualquer orientação. Um toque feminino talvez estivesse fora de sua área de conhecimento.

Não conseguindo pensar em mais alguma coisa para fazer, pegou o livro que havia visto sobre o Império Romano. Se não havia mais o que fazer, isso deveria bastar.

Capítulo 9:

O professor de esgrima era um senhor de idade avançada, exatamente como Estelle imaginava já que Thomas havia dito que ele havia sido o professor do Conde. O cabelo penteado chegava na altura do ombro e seu rosto era enrugado. O corpo era bastante ágil para um homem tão velho, e seus olhos eram brilhantes e castanhos. Estelle esperava que ele se tornasse uma pessoa ao menos interessante depois que fossem apresentados durante o jantar.

Falou durante boa parte da noite sobre pessoas que ela não conhecia, e até mesmo quando contava suas histórias de infância, parecia falar de uma era completamente diferente. Mas ele parecia estar habituado a entreter as pessoas durante jantares. Sua vida parecia ser constituída basicamente de viagens de uma casa de nobres para outra e entreter seus empregadores.

Para ainda estar fazendo isso com uma idade tão avançada, só podia significar que ele era realmente muito bom nisso, ou não o estaria fazendo agora. Estelle simpatizou com o homem, sabendo que sua própria vida não era muito diferente, não podendo se dar ao luxo de parar de trabalhar. As provações das governantas mais velhas haviam chamado a atenção pública e havia um fundo de aposentadoria disponível para elas, mas Estelle esperava nunca chegar a um ponto em que precisasse aceitar caridade. De facto, agora já podia até mesmo ser vista como uma solteirona, já que já tinha chegado aos vinte e sete anos. Não era completamente irreal a possibilidade de que ainda se casasse, mas sua posição social era um fator que excluía a possibilidade de que conseguisse um bom partido. O dinheiro que poderia guardar do emprego atual lhe garantia algumas opções para o futuro, talvez até mesmo poderia evitar que acabasse falida.

O que o futuro lhe reservava era algo que ela evitava pensar desde o falecimento de seu pai. Talvez ainda estivesse de luto até hoje, cinco anos depois de sua morte. Era difícil aceitar o fato de que estava completamente sozinha. Era muito difícil contemplar o futuro.

Ao menos aqui, não era deixada para jantar sozinha. A desolação do lugar fazia com que todos apreciassem qualquer companhia que

estivesse disponível—até mesmo de uma mera governanta.

Esta foi a primeira vez que o Conde se juntou a eles para o jantar, sentado na cabeceira da mesa. A ansiedade de Thomas por agradar seu pai era óbvia. No senso mais rígido, ele era jovem demais para jantar com os adultos, de acordo com os costumes que pareciam ser ávidos demais em afastar as pessoas umas das outras.

“E o que traz a senhorita para um lugar tão longe de casa?” perguntou o Sr. Nemes enquanto apontava para ela com sua taça de vinho. “Seria algum tipo de aventureira a senhorita?”

“Não, certamente. Não estava tão consciente do quão era distante o emprego quando me ofereceram, mas era uma boa oferta de trabalho com uma família respeitável” respondeu, gesticulando delicadamente para o Conde. "então era praticamente impossível para eu recusar. É minha primeira vez fora da Grã-Bretanha."

"É possível que sejamos praticamente parentes." O brilho em seus olhos demonstrava que ele queria provocá-la.

“Seria estranho”, ela respondeu.

“Estranho. Não tenho tanta certeza de que algum dia alguém tenha se referido a mim dessa maneira. Conte-nos, Senhorita Winstone, o que é que acende as chamas em seu coração?”

“Sou uma governanta, Sr. Nemes, uma sensível demais para brincar com fogo.”

Ela pôde notar que ele se divertiu com sua resposta. “Vocês, ingleses, levam a sensibilidade em consideração demais. Não é a sensibilidade que faz a vida valer a pena. É a paixão. E este aqui é um lugar com paixões ao extremo.”

Por algum motivo, voltou a pensar nos lobos, recordando do medo que sentiu quando esteve no jardim e podia jurar que criaturas famintas com dentes afiados estavam à espreita. Nunca havia sentido medo como aquele antes. Ser incomodada por uma criança malcriada era o máximo de nervosismo que já havia passado até então, ou talvez o medo depois de ler um livro sobre castelos antigos e abandonados e fantasmas.

“Paixões extremas também levam à maiores perdas”, respondeu o Conde sem olhar para ninguém. Balançava a taça de vinho em sua mão, seus olhos estavam escondidos pelas sombras.

Mais uma vez um arrepio subiu pela espinha, ao se lembrar da ponte e da ribanceira abaixo. Mas com certeza ele não estava se

referindo a nada disso, e sim de alguma decepção em sua vida. Talvez até mesmo a alguma tragédia que fosse o motivo do suicídio da Condessa, um motivo que fizesse com que ela pulasse da ponte. Mais uma vez o assunto que ela não queria mais pensar a respeito voltava a assombrar sua mente. A ideia de que alguém poderia se sentir perturbado a ponto de tirar a própria vida a deixava incomodada.

“Mas assim é a vida, com seus altos e baixos, que nunca acabam,” o Sr. Nemes prosseguia. “Se não for para vivê-los, que outro motivo teríamos para viver?”

“O amor”, respondeu Estelle sem pensar.

A atenção do Sr. Nemes se voltou para ela. “Me parece que a senhorita é uma romântica, Senhorita Winstone.”

Ela corou. Sim, talvez ela fosse. Não se interessava por paixões fugazes, não como por amor obstinado. “Somente não tenho muita certeza de que amor e paixão sejam a mesma coisa.”

“Nisso eu discordo”, respondeu Sr. Nemes. Percebeu que ele não usava uma aliança, o que sugeria que ele não havia encontrado um amor obstinado o suficiente para o casamento. “Como poderia se sentir viva sem paixões?”

Talvez não fizesse sentido discutir com um homem como ele, sendo ele uma pessoa completamente diferente dela. Notou que tanto a atenção do Mestre Esgrimador quanto do Conde estavam voltadas diretamente a ela, avaliando-a. Até mesmo a simples sugestão de que a estivessem levando em tal consideração era mortificante para ela.

“Não importa”, disse Sr. Nemes desdenhosamente e Estelle sentiu-se aliviada pela conversa não ter sido levada adiante. “Uma refeição tão agradável acaba de chegar ao fim.”

“Que me lembre o senhor tem um bom gosto para conhaque.” disse o Conde.

"Eu jamais recusaria uma dose dos seus barris, meu caro", respondeu Sr. Nemes. "Talvez possamos deixar as convenções de lado e convidar a Senhorita Winstone para nos acompanhar. Uma boa dose de Pálinka agradaria o gosto refinado do sexo frágil."

Estelle não fazia a menor ideia do que ele estava falando, mas sentia-se honrada com o convite. Era algo fora do comum, mas também havia sido convidada para o jantar, se a questão era a quebra de protocolos. “Talvez uma pequena dose”. De qualquer forma

seria bom não ficar só por algum tempo. Havia passado a maior parte do dia completamente só e já estava cansada da própria companhia.

Se levantaram e seguiram para o salão onde o fogo crepitava na lareira. Balog serviu conhaque aos homens e uma pequena taça de um líquido translúcido para ela. Tinha um aroma acentuado de pêssego. O cheiro de álcool invadia suas narinas.

“Dizem que uma pequena taça de Pálinka por dia é um bom remédio,” disse o mestre esgrimeiro enquanto fazia uma pequena reverência.

A bebida não se parecia com nada que ela tivesse experimentado, mas era agradável. “Não duvido que seja.”

“Se, pelo menos, todos os remédios tivessem esse gosto, não é?” respondeu ele enquanto a observava, e então se voltou para Thomas. “Agora, mostre-nos o que está treinando,” sugeriu ao garoto.

Balog trouxe duas rapieiras. Thomas segurava uma pelo floreio de aço protegendo sua mão. Se colocou em posição de guarda enquanto Sr. Nemes recebia a outra espada.

O coração de Estelle se apertava de medo de que o garoto se machucasse, enquanto sua mente a lembrava constantemente que o Mestre jamais permitiria que o garoto saísse ferido. Aquele definitivamente não era um assunto em que tivesse o direito de se intrometer.

Seguiram-se movimentos rápidos e o tilintar dos metais se chocando. Na maioria das vezes era Thomas atacando e o Sr. Nemes defendendo, com os típicos movimentos suaves de alguém que se sentia confortável e confiante com uma espada na mão.

O Conde permanecia sentado enquanto assistia a eles, uma taça de conhaque em sua mão. Parecia relaxado e satisfeito, mais do que jamais havia visto.

“Talvez você seja melhor pupilo do que seu pai”, disse Sr. Nemes, enquanto o conde estalava a língua em reprovação. “Ou será que ele já esqueceu suas habilidades com a espada?”

“Isso, jamais” respondeu o conde, enquanto se levantava para responder ao desafio. “Talvez apenas me falte um pouco de prática.”

O conde tirou o casaco e o pendurou no encosto da poltrona, em seguida pegou a espada com Thomas e endireitou as costas se preparando. Thomas sentou-se na poltrona do pai, observando-o com admiração brilhando nos olhos.

Então o Sr. Nemes parecia revigorado, lutando em um nível muito mais avançado do que havia lutado com o garoto. Agora não era muito fácil ver quem estava estocando e quem estava se defendendo, pois, eles se moviam com uma rapidez impressionante. O tilintar agudo do choque dos metais ecoavam em seus ouvidos. Passos curtos e afiados, músculos tensos durante estocadas, criando uma dança elaborada de movimentos de ataque e defesa.

Não sabia dizer até que ponto Sr. Nemes estava sendo moderado, se é que estava sendo. Drezasse conseguia se defender muito bem, sem dúvida poderia enfrentar quem quer que o desafiasse. E ela podia ver o quanto ele estava deliciado com este entrave. Era bem parecido com assistir a uma exibição de força e habilidade, uma exibição que poderia acabar de forma terrível. Nunca havia estado em posição de assistir algo assim, e tanto o medo quanto a excitação apertavam firme seu coração, tornando até mesmo difícil de respirar.

Observando, concluiu que uma vez que o Conde superara a falta de prática, ele era na verdade muito bom naquilo. Observando mais atentamente seus movimentos podia notar que sua concentração estava completamente direcionada ao seu oponente e à luta. Suas sobrancelhas escuras estavam retas em uma concentração rígida. Naquele momento, ela também pôde perceber o quanto Thomas adorava o pai, mas todos os garotos adoravam seus pais, ela concluiu.

Depois de um tempo, ela se levantou e se retirou do salão. Os homens não notaram, pois estavam absortos demais na diversão da luta. Aquela noite estava começando a parecer um pouco surreal. Ela nunca havia visto homens lutando daquela maneira, empunhando lâminas de metal que sibilavam no ar de tão afiadas. Seu coração ainda não havia se acalmado enquanto seguia em direção ao seu quarto na escuridão daquele castelo. Se perguntava quais sonhos estranhos ela teria naquela noite—com belos príncipes em grave perigo, talvez.

Capítulo 10:

Os dias pareciam cada vez mais longos para Estelle. A maior parte do tempo de Thomas estava ocupado pelas aulas com o Sr. Nemes, que aparentemente, estava pronto para ir embora no dia seguinte logo cedo. Depois disso, ela teria mais trabalho a fazer, ao menos pelas manhãs em que ela voltaria a dar as aulas para Thomas.

Até então, um longo dia parecia estar adiante. Nos últimos dois dias, perambulava pelos corredores do castelo, notando os detalhes que encontrava pelo caminho, incluindo um vaso chinês, armaduras completas e uma cristaleira contendo uma coleção requintada de taças vietnamitas. Também encontrou uma sala de música fechada onde acumulava ar parado e poeira sobre cada um dos móveis. Aparentemente o Conde também não era o tipo de homem que se interessava por música.

Mas aquele homem como um todo era um mistério para ela. A última vez que se encontraram havia sido bastante estranha. De certa forma, ele havia sido respeitoso, e até mesmo notável. Talvez houvesse algo até mesmo um pouco provocador na forma que ele agia—não como o Sr. Nemes, claro, mas algo mais parecido com curiosidade, talvez. De qualquer maneira, os olhos escuros do Conde Drezasse a deixavam nervosa. Quando ele olhava para ela, sentia o olhar dele como se fosse uma onda de calor em sua pele, e não sabia exatamente quais pensamentos estavam por trás daqueles olhos quase negros.

Todo aquele tempo completamente sozinha fazia com que ficasse pensativa e se perguntava muitas vezes sobre assuntos que não deveria—como nos belos olhos do Conde. Precisa se manter ocupada com alguma outra coisa antes que começasse a se perguntar mais aprofundadamente sobre o Conde—os lábios, talvez, ou seus ombros largos - o que não eram assuntos apropriados para uma empregada deliberar. Com algum esforço, afastava tais pensamentos e sensações que por vezes pareciam invadir seu íntimo, se tratando de homens. Instintivamente, sabia que a imagem do homem em sua imaginação era um perigo diante a visão daqueles olhos negros.

Voltando para seu quarto, procurou se distrair com uma boa leitura, aquele livro sobre o Império Romano, que apesar de não ser um romance, era interessante e até mesmo fantástico—uma cultura tão distante da sua que por vezes era até mesmo difícil de entendê-la.

O almoço era um momento solitário, sentada na enorme mesa de jantar completamente sozinha, o som de seus talheres sendo manuseados por ela ecoavam até o teto. Na verdade, não havia conversado com uma pessoa sequer durante todo aquele dia, exceto talvez pelos agradecimentos a Balog, que nunca respondia a nada.

O clima parecia melhorar durante a tarde e ela aproveitou para ir até o jardim das roseiras. Videiras se arrastavam pelo cascalho do caminho e as ervas daninhas estavam altas. O adubo da estação passada estava todo espalhado pelo chão. Sem dúvidas o jardim poderia florescer de novo, mas seria desordenado e feio, com as outras plantas crescendo por cima das flores.

O céu nublado pairava sobre ela e o ar esfriava, mas por enquanto a chuva parecia não estar próxima. Parecia uma pequena trégua entre a escuridão do castelo e a solidão em seu quarto. Uma águia passou voando alto sobre ela, suas asas graciosas pareciam elevar-se sobre as montanhas e o vale, sem dúvida deveria procurar pela sua próxima presa. Seus pensamentos voltaram-se mais uma vez aos lobos, mas se recusava a se entregar ao medo.

Gotas de chuva pareciam cair sobre seus ombros, as gotas frias encharcando o tecido de seu vestido. A trégua do clima estava acabada e era hora de voltar para o castelo. Havia encontrado a porta da cozinha, enterrada pela metade no chão, que ela poderia usar. A porta era bem pesada, feita de carvalho maciço, mas mais fácil de lidar do que os outros portões maciços do castelo.

Os encarregados da cozinha não pareciam gostar de sua presença, então passou pela cozinha rapidamente, em direção à saleta do mordomo que daria na sala de jantar. Precisava encontrar alguma outra porta, mas sendo um castelo medieval, portas não eram muito facilmente encontradas.

Ouviu passos vindos do corredor do outro lado e Estelle seguiu o som, e viu que o conde subia as escadas.

“Estive pensando,” disse ela e ele interrompeu seus passos, virando-se apenas meia-volta para olhar para ela lá em baixo. “Se

você me permitiria podar as roseiras enquanto estiver com o meu tempo livre.”

“Não são suas roseiras para podá-las,” respondeu ele bruscamente. “E é inconveniente que me faça tal pergunta. A senhorita tem um papel a desempenhar aqui, Senhorita Winstone. Se não lhe parecer adequado, talvez seja melhor discutirmos a sua demissão.”

Os olhos de Estelle se arregalaram em choque e não sabia como reagir. A resposta brusca era inesperada e não sabia o que fazer. "Sinto muito, eu não tive a intenção de..." Mas ele já estava fora do alcance da vista, recusando a chance dela se desculpar.

Tentava reavaliar mentalmente cada uma de suas palavras, tentando decifrar o que teria feito de mal. De alguma forma havia ultrapassado grosseiramente algum limite e havia sido censurada por isso. Estava apenas se oferecendo para ajudar, mas sua oferta de alguma forma havia sido ofensiva. Será que de alguma forma sua oferta fosse uma ofensa? Talvez houvesse alguma regra cultural que não soubesse. Agora ela se sentia péssima. O desconforto e o arrependimento pareciam um peso sobre seu peito. O fato de que ele não a permitiria se desculpar a magoava mais do que a culpa por ter passado algum limite - afinal de contas, não fizera de propósito.

Enquanto voltava para seu quarto não conseguia parar de pensar na advertência que havia recebido, assim como no lembrete de sua possível volta para a Inglaterra. Será que ele estava mesmo considerando isso? Por que ele teria mencionado algo assim?

Sua única intenção era ajudar, repetia a si mesma, mas não era mesmo sua função. Não, era melhor que ela se limitasse a o que se esperava dela em sala de aula. Será que isso significava que ela nunca mais seria convidada a se juntar a eles na mesa de jantar também? Não teria problemas em obedecer; apenas esperava que fosse mais bem informada sobre o que esperavam que ela fizesse, pois ao que parecia, não estavam bem claro quais eram os limites impostos a ela.

Talvez até mesmo sua passagem pelo jardim das roseiras fosse proibida. Mas não havia ninguém a quem ela pudesse perguntar. Talvez o Sr. Nemes soubesse responder, mas estaria apenas piorando a própria situação se insistisse a respeito de algo que seu patrão já a havia proibido, principalmente caso ele estivesse apenas

sendo cauteloso e não houvesse nenhuma diferença cultural em sua objeção. Era possível que sua objeção fosse algo mais simples—algo a ver com o passado e a pessoa que gostava daquele jardim. Não entendia que mal poderia haver, mas parecia ser algo que poderia enfurecê-lo somente com uma simples sugestão.

*

O frio estava cortante no lado de fora quando passou pelos portões para ver o Sr. Nemes ao lado da carruagem, já pronto para partir. Thomas também estava lá, se despedindo. Ela podia ver que ele estava sentido por seu mestre de esgrima partir, mas também estava orgulhoso de si mesmo pelo que havia aprendido com ele. Talvez ela devesse pedir a ele que a mostrasse mais tarde.

Finalmente o Sr. Nemes apertou a mão de Thomas e se voltou a ela. "Senhorita Winstone," disse ele enquanto se inclinava para beijar a mão dela. Era raro que alguém fizesse tal gesto para ela, então ela corou levemente. "A senhorita estava muito quieta durante o jantar na noite passada. “Estavam apenas os três diante do portão; o Conde não viera se despedir. "Estaria a senhorita triste por eu estar partindo?"

Estelle sorriu espontaneamente. "Este lugar será bem vazio na ausência de suas anedotas, Sr. Nemes," Na verdade, a perspectiva de estarem apenas ela, Thomas e o Conde não era algo que a desagradava. Mas estava chateada pelo Sr. Nemes estar partindo.

Ainda segurando sua mão, ele pediu "Não deixe que Drezasse seja grosso com você. Não pode levar a sério todas as coisas que ele diz." Era como se ele estivesse ouvindo seus pensamentos. Agora ela corava ainda mais. "Os homens dessa região selvagem às vezes perdem os bons modos, mas ele é um bom homem em seu coração. Ele pode latir, mas não morde. Lembre-se disso. E se ele perder a compostura, você deve adverti-lo de forma direta e clara."

Mas era um pouco difícil para ela se imaginar corrigindo a educação do Conde. “Tentarei manter isso em mente.”

Sr. Nemes fez uma segunda reverência mais curta antes de subir em sua carruagem. “Foi uma honra e um prazer,” disse ele antes de fechar a porta. "Até uma próxima vez."

Era bem provável que ela não estivesse lá na próxima vez. Talvez não houvesse sequer uma próxima chance já que Thomas continuaria seus estudos na Suíça, mas não era de sua competência se preocupar com tais assuntos, ou até mesmo comentá-los. Estava na verdade bem ciente de que era melhor não forçar mais nenhum limite de novo e fazer pressuposições ou assumir o controle de mais nenhum assunto naquela casa. “Faça uma boa viagem.”

Uma vez dentro da carruagem, ele segurou a ponta de seu chapéu e o condutor chicoteou duas vezes o traseiro dos dois cavalos e partiram, com cascos e rodas pisoteando os paralelepípedos.

Thomas já havia voltado para dentro do castelo e ela estava lá fora completamente sozinha. Voltando-se para o castelo, não sabia exatamente o que faria lá dentro, queria ficar lá fora, no ar fresco, mesmo que congelante, o ar fresco a mantinha distante dos corredores escuros e da atmosfera pesada. Também receava se encontrar com o Conde mais uma vez, pois não tinha ideia do que diria.

Chega de hesitações, ordenou a si mesma. Havia trabalho a fazer —trabalho este que era a única razão de ela estar aqui, um dever que não podia se dar ao luxo de negligenciar. Não que ela pretendesse fazê-lo, mas admitia que nos últimos dias havia sido menos que inútil já que Thomas estivera ocupado com outras atividades.

Seguiu apressada pelo castelo, em direção à sala de estudos onde Thomas já estava esperando por ela.

Capítulo 11:

Havia combinado com Thomas que estudariam o Império Romano e a Grécia antiga. Na verdade, ela havia sugerido e ele concordou. Seus conhecimentos em geografia eram bons, assim como de aritmética, então optara por concentrar se em história, alemão e literatura.

A luz do sol entrava empalidecida vindo do conservatório até a biblioteca. Estavam à procura de livros para a aula e ela estava certa de que poderia encontrar alguns livros úteis entre aquelas prateleiras. Se conseguisse encontrar algum livro sobre uma das matérias, porém escrito em alemão, seria melhor ainda. Talvez pudessem ler a Ilíada também, se encontrassem um exemplar.

Decididamente, ela amava aquele cômodo. Era o único cômodo do castelo que não parecia tão sombrio. “Tudo bem,” disse. "Você sabe o que estamos procurando. Você pode começar pela direita e eu vou começar pela esquerda."

“Já que você é mais alta que eu, vou ficar com a escada,” disse ele e se adiantou empurrando a escada para o seu lado, deslizando-a com força.

Começaram a procurar pelas longas colunas. Alguns dos livros eram muito antigos, e alguns até em alguns idiomas que ela não conseguia nem mesmo identificar, mas havia uma coleção de variados assuntos. Finalmente, encontrou um livro adequado e o colocou na enorme escrivaninha no centro da biblioteca.

“Sabia que têm buracos neste quadro?” disse ele, apontando para um dos retratos pendurados ao longo da parede. Era um homem barbudo, de aparência assustadora e uma expressão rígida. “Dá pra levantar os olhos e ver do outro lado.”

Estelle estremeceu. Por algum motivo sentia que aquela informação não era bem-vinda - não que ela suspeitasse que o Conde a estivesse espiando. "Me pergunto quem foi que fez esses buracos."

“Não sei ao certo,” respondeu ele. “Alguém que queria espiar as pessoas.”

“Ou que não confiasse nas pessoas desta casa.”

“Vigiando os inimigos.”

“Inimigos que provavelmente foram recebidos como convidados. Com certeza as coisas eram diferentes no passado.” Tomara que fosse mesmo apenas no passado. Nunca havia notado se os olhos dos retratos se moviam, mas talvez não conseguisse evitar ficar atenta a isso agora que sabia que havia esses buracos. "Tem algum outro retrato como esse?"

“Acho que só este, mas tem muitas passagens secretas. O castelo está cheio delas.”

Mais um pensamento causou-lhe um calafrio, a ideia de algum esqueleto antigo e coberto de teias de aranha estar em alguma dessas passagens secretas. Estava imaginando coisas, mas por outro lado este era um castelo antigo cheio de segredos. A ideia de que poderia haver alguma passagem dessas dando acesso ao seu quarto era horripilante, mas, ao mesmo tempo, porque alguém usaria uma passagem dessas? Se alguém usasse, este alguém seria Thomas fazendo traquinagens para assustá-la e ela já sabia há muito tempo que crianças adoravam dar sustos na governanta.

“Você já esteve em alguma delas?”

"Várias delas. Tem uma que desce para o rio, mas é muito perigosa." Certamente era uma descida e tanto, pensou Estelle. "Mas estava fechada com uma grade de ferro. Aquela atrás daquela prateleira," disse ele apontando para um canto da parede. "Você tem que puxar o último livro na segunda fileira para abri-la. Você quer ver?"

“Agora não é hora para distrações. Temos um Império Romano para ser explorado,” respondeu dando-lhe um olhar repreensivo.

Thomas suspirou e voltou para os livros. Ele era um garoto adorável, apesar de se distrair com facilidade, mas de acordo com sua experiência, os garotos eram assim.

*

Estelle se manteve longe do jardim das roseiras e passava a maior parte do tempo no salão, onde Balog servia-lhe chá todas as tardes enquanto Thomas estava por aí explorando ou lendo trechos de livros que ela havia escolhido para ele. Já estava lá fazia tempo o suficiente para que começasse a se acostumar com a solidão e a desolação daquele lugar. Mesmo assim, uma caminhada no Pall Mall em

Londres e seu trânsito intenso, milhares de pedestres e até mesmo os varredores das ruas seriam agradáveis agora - apesar de que tudo isso era um pouco demais para ela quando morava em Londres. Não poderia dizer que não era uma pessoa urbana. Ela gostava da vida nos campos e vilarejos, mas talvez aquela condição onde estivesse fosse um tanto quanto isolada demais.

Também não costumavam frequentar a missa de domingo e isso de certa forma era um alívio. Ela se lembraria demais de seu pai e tudo que havia perdido. Mas obedientemente ela orava todas as noites. Sabia a maior parte da Bíblia, então sofrer com alguma abstinência da missa não era uma preocupação durante alguns meses. Dito isso, estava interessada em conhecer a pequena igreja que havia visto no vilarejo, com sua torre espiralada e telhado inclinado, mas talvez, assim como em outros lugares na região, ela não seria bem-vinda.

Surpreendeu-se quando a porta se abriu para ela, mas pensou que seria Balog vindo para recolher a louça do chá. Mas não era, e sim alguém mais forte e mais alto que entrava no cômodo, e Estelle sentiu instantaneamente o nervosismo crescer ao ver que quem entrava era o Conde. Será que ele sabia que ela estava ali? Estaria ela mais uma vez aonde não deveria? Se levantou.

Olhando para ela, ele parou por um momento e permaneceu assim. “Senhorita Winstone,” disse ele, com sua voz profunda e quase ofegante. Ainda não sabia dizer se ele havia apenas se deparado com ela acidentalmente ou se sabia que ela estava ali e viera vigiá-la. Será que ele pretendia ter aquela conversa a respeito de sua demissão?

“Meu senhor,” respondeu cortesmente e sem demora.

Respirando fundo, ele então prendeu a respiração, parecia pensar nas próximas palavras. “Creio que tenha falado com você de maneira rude no outro dia”, disse ele.

Estelle não sabia o que dizer em seguida, então permaneceu em silêncio.

“O jardim das roseiras não é um lugar que eu deseje revitalizar,” ele continuou parecendo entediado com aquela conversa.

“Entendo,” respondeu finalmente. “Não tive intenção de ofendê-lo.”

“Eu compreendo.”

Era uma pena, pois parecia haver ali algumas plantas maravilhosas—que precisavam apenas de alguns cuidados. Mas este era seu lar e se ele preferia que o jardim se deteriorasse, era inteiramente de seu direito fazê-lo.

“Aquele jardim traz muitas memórias,” explicou, “memórias que eu não quero de volta.”

Agora que ele mencionara, estava bem claro para ela. O jardim pertencera à sua esposa e se o relacionamento deles não andava bem, ou de alguma forma tivesse contribuído para a óbvia infelicidade da esposa, era algo que ela compreendia. "Certamente", respondeu sorrindo timidamente. "Não tive a intenção de ser insensível."

Ele permaneceu olhando para ela por mais um momento e Estelle não sabia sequer o que fazer com os próprios braços. Então ele se virou para sair do cômodo. Bem, ao menos ela não havia desrespeitado alguma forma de barreira cultural. Se precisasse questionar sobre algum assunto como esse, talvez fosse melhor achar uma maneira mais delicada de abordar o assunto. "Tem outra coisa, talvez você saiba que receberemos visitas novamente. A Condessa Vaczy. Ela e seu séquito ficarão aqui por alguns dias."

Sem dizer mais nada, seguiu em direção à porta. "Uhm", disse ela, tentando chamar sua atenção.

Ele se virou, relutante. “Sim?”

“Tem alguma postura específica que deva me portar?” perguntou tentando esconder um pouco da insegurança que sentia quanto a qual posição que deveria representar.

“Como a senhorita normalmente se comporta?”

Claramente ele não estava habituado a ter uma governanta em casa, pressupôs. “Bem, eu entenderia se o senhor preferisse que eu permanecesse em meu quarto durante o período da visita, exceto no horário das aulas de Thomas, claro. Alguns patrões preferem que seus subordinados não sejam vistos, enquanto outros são mais permissivos. É só o senhor me dizer como prefere. Ficarei feliz em me manter fora do caminho, se assim o desejar.”

“Acho que não será necessário. Duvido que haja algo em você que a Condessa julgue ofensivo. Deveria se apresentar a ela. Não somos muito formais aqui, creio que possa compreender.”

Com um aceno rápido, ele partiu, aparentemente já cansado daquela conversa.

A ideia de ter visitantes era tanto agradável quanto desagradável. Se tratava de uma outra cultura e suas noções de etiqueta já haviam sido questionadas antes. A última coisa que queria era ofender a convidada do Conde, mas também ansiava por alguma companhia enquanto Thomas estivesse brincando longe dela na primeira oportunidade, como garotos costumam fazer.

Ainda assim, havia algo nesta visita que parecia incômoda. Apesar de desconfiar que o professor poderia acompanhá-los se isto fosse de seu desejo. Ele era um bom homem e compreensivo, e não parecia ser um incômodo naquela casa, como o Conde parecia ser às vezes.

Era interessante o fato de ele ter vindo e pedido desculpas a ela, apesar de que na verdade ele não havia pedido desculpas, apenas admitiu que havia sido rude. Mesmo assim, fez com que ela se sentisse melhor. Ainda era uma pena que ele se recusara a permitir que ela cuidasse das roseiras. Quem sabe ela poderia sugerir que elas ao menos fossem transplantadas em outro lugar. Pensou nos hostis aldeões, mas ela não podia sequer se ver entregando as flores para eles. O professor tinha um jardim adorável que ficaria ainda mais belo com algumas rosas. Não seria difícil podá-las e levá-las até ele. Roseiras resistem bem às podas. Também livraria o Conde das plantas que obviamente o incomodavam ao mesmo tempo em que outro alguém poderia apreciar a beleza delas. Mas ela precisaria achar algum jeito de abordar o assunto para poder então sugerir tal mudança.

Capítulo 12:

Como de costume, Thomas avistou os visitantes que vinham pela estrada que cortava o vale. Era um comboio composto por quatro carruagens e uma boa quantidade de cavaleiros. Dali de cima, parecia uma centopeia passando sinuosa pela estrada.

“Eles chegarão em breve,” disse Thomas enquanto assistia a comitiva pela janela do salão principal.

“Você conhece a Condessa?”

“Eu a conheci uma vez” respondeu, “mas não me lembro muito bem dela.”

Permaneceram ali observando por alguns momentos à medida que a carruagem se aproximava. Estelle não fazia ideia do que esperar, mas talvez a casa ganhasse alguma vivacidade por um tempo com tantos convidados. A equipe de Balog estava limpando e organizando apressadamente para se antecipar à chegada dos visitantes, apesar de o Conde estar aparentemente imperturbável. Na verdade, Estelle não o havia visto uma vez sequer. Se já não o conhecesse bem, teria pensado que ele não estava lá.

“Suponho que seja melhor irmos recebê-los,” disse Thomas, apoiando os cotovelos no beiral da janela.

“Talvez eles tenham algumas crianças também como visitas,” disse Estelle, que torcia que houvesse crianças, pelo bem de Thomas, para lhe fazerem companhia.

“Ela não tem filhos,” afirmou ele.

Era uma pena. Já haviam desaparecido de vista, o que significava que estavam subindo a encosta da montanha. Agora não faltava muito.

Estelle se perguntava de onde teriam vindo aquelas pessoas. Talvez poderia ser interessante conhecer outros membros do círculo social do Conde. Talvez ele fosse mais aberto com eles. Alguns cavalheiros bem-nascidos eram assim, só se abriam quando estavam entre seus iguais. Talvez o Conde fosse um cavalheiro desse tipo.

Foram até o hall de entrada para esperar a chegada dos visitantes. Thomas permaneceu ao lado da porta junto com Balog, e Estelle esperou alguns degraus escada acima. Os funcionários da

casa estavam emparelhados para receber os novos hóspedes, mas o Conde não estava presente. Parecia que não era uma visita pela qual ele ansiava.

Balog e um dos criados se adiantaram para abrir a porta ao ouvirem o ruído das carruagens que se aproximavam e Thomas saiu pela porta, desempenhando o papel de anfitrião. De onde estava Estelle podia ver a Condessa chegando vestida com um vestido de tafetá e seda exuberante em dourado e marrom. Combinava muito bem com seu tom de pele bronzeado. Usava um chapéu achatado em sua cabeça, de veludo com plumas de cores vibrantes. Era muito bonita, de cabelos loiros e um rosto anguloso. Era exatamente como Estelle imaginava que seria uma Condessa, bela e radiante.

Sua voz clara e suave ecoava pelo hall enquanto entrava, apesar de Estelle não compreender o idioma húngaro. Thomas fez uma reverência e a Condessa pareceu estar encantada, colocando sua mão sob o queixo do garoto quando ele se levantou.

Finalmente o Conde Drezasse abandonou o seu estudo, e ali estava ele parado e sério enquanto aguardava seus hóspedes. Sorriu brevemente quando a mulher se aproximou, e prosseguiram com os costumes, quando o Conde beijou as costas de sua mão. Mais uma vez, Estelle não compreendia uma palavra sequer do que eles diziam. Havia outros em sua comitiva, dois outros homens e mais uma mulher. Todos eles seguiram para o salão enquanto os funcionários da casa voltavam para suas respetivas atividades.

Thomas havia encontrado algo para se distrair entre as bagagens dos hóspedes que estavam no lado de fora e desapareceu, deixando Estelle completamente sozinha. Não era inesperado que não fosse apresentada; não era seu direito ser apresentada aos convidados. Afinal de contas, era apenas uma governanta.

Já que não havia mais nada para fazer, Estelle voltou para o salão, onde ficou sentada durante toda a tarde sem ser servido o chá já que Balog e toda a equipe da casa estava dedicada aos hóspedes. Era compreensível, e sem dúvida, estavam todos atarefados com tantos quartos precisando ser vistoriados e uma enorme ceia a ser preparada, sem mencionar que também precisavam acomodar os cavalos nos estábulos. Infelizmente, já que todos estavam ocupados demais para servi-la, se contentou em ficar sem seu chá.

*

Ao escurecer, Balog veio informar que o jantar seria servido na sala de jantar às sete horas e que ela deveria estar lá com antecedência. Bem, aquilo estava de acordo com o que ela supunha que eram instruções dele. Estava um tanto surpresa por estar incluída, mas feliz pois não teria sido agradável ser omitida para o jantar também.

Faltando cinco minutos para as sete horas, ela se dirigiu à sala de jatar, onde todos os convidados estavam sentados. A lareira mantinha o cômodo aquecido e as velas iluminavam as paredes. Olharam para ela curiosos quando entrou e Estelle não estava confortável com todas as atenções voltadas para ela.

“Você deve ser a governanta,” disse a Condessa, sem se levantar. “Mencionaram a sua presença. Veio da Inglaterra, pelo que soube.” Ela falava o idioma inglês com confiança, um leve sotaque, o que indicava que ela havia viajado bastante.

Estelle se dirigiu a alguns passos mais próxima da mulher. Ela era obviamente bela, sua pele era lisa e suave e traços refinados. “Sim, sou a Senhorita Estelle Winstone.”

"Prazer em conhecê-la," disse a mulher enquanto apertava sua mão. Joias finas cintilavam em seus dedos e Estelle apertou sua mão delicadamente, de acordo com as regras de etiqueta que conhecia. "A Senhorita está bem longe de casa."

“Sim,” Estelle respondeu educadamente.

Um dos homens começou a falar em húngaro e todas as atenções se voltaram para ele. Estelle se dirigiu a uma das cadeiras livres no corredor e se sentou.

Alguns minutos depois, o professor chegou e cumprimentou a Condessa com uma profunda reverência. Em seguida se dirigiu educadamente a cada um dos homens.

A Condessa se levantou assim que tocaram o sino que anunciava que o jantar seria servido, em seguida todos se levantaram. Finalmente o professor reconheceu Estelle e fez a ela uma breve reverência antes que seguissem em direção à enorme mesa de jantar. Enquanto Estelle os seguia notou que Thomas vinha se esgueirando da despensa. "O cozinheiro está de mau humor", disse ele divertido enquanto se sentava ao seu lado.

Havia uma ordem pré-definida de onde eles deveriam se sentar. O Conde ficava na cabeceira, a Condessa ao seu lado, e então os outros convidados. Estelle e Thomas se sentaram no lado vazio da mesa, onde a cadeira da falecida Condessa Drezasse permanecia vazia.

O vinho e a comida estavam sendo servidos, e os pratos cobriam boa parte da mesa. Estelle pôde então compreender porque o cozinheiro estava mal-humorado. Provavelmente ele havia passado o dia todo cozinhando. A conversa também era animada, apesar de Estelle não ter participado de nenhuma. Ao invés disso, apenas observava e notou quando a Condessa colocou sua mão sobre o braço do Conde Drezasse. Parecia que eles se conheciam muito bem. Estelle supôs que quando ele não estava no castelo, havia uma sociedade da qual ele fazia parte, uma da qual aquela mulher fazia parte também.

Pelo olhar dele, não estava exatamente se divertindo com a companhia, mas também não parecia incomodá-lo. O professor parecia estar muito mais descontraído, conversando animadamente, até mesmo por vezes se tornava o centro das atenções enquanto contava anedotas divertidas.

O jantar estava delicioso, com vários pratos exóticos. Tentou experimentar um pouco de tudo, apesar de que algumas especiarias não eram exatamente de seu gosto.

"E de qual parte da Inglaterra você vem?" perguntou a Condessa do outro lado da mesa, pegando Estelle desprevenida. Todos estavam olhando para ela.

“Venho da região mais ao Norte, na fronteira com a Escócia.”

“E a sua família é de prestígio? pelo que sei, governantas inglesas costumam vir de boas famílias.”

“Somos parentes próximos do Barão de Westlinghouse. Meu pai era um vigário.”

A condessa sorriu um tanto quanto divertida. “Um vigário. Seria algo como um padre, pelo que sei. É extraordinário que estes se casam e tem filhos. Posso presumir que seus pais sejam casados?”

“Sim.”

Todos deram risinhos em volta da mesa e Estelle não entendeu o motivo.

“Aqui acreditamos que constituir família é uma distração aos deveres religiosos. Sabe, são princípios mais elevados.” explicou um outro cavalheiro. Ela não havia falado com ele antes, mas ele falava inglês muito bem. Compreendeu então que não é que não havia se apresentado a ele; ele que optou por não ser apresentado. Ainda a estava encarando, com seus cabelos ondulados e castanhos e rosto fino.

“Aqui nós fazemos as coisas um pouco diferentes,” explicou, completamente ciente dos olhares inquisidores sobre ela.

"Os ingleses costumam ser mais amenos quanto a tais costumes", observou o professor com um sorriso no rosto. "Pode-se dizer até mesmo que eles prezam mais pelo bem-estar do clero."

Estelle sentiu-se grata com o apoio dele.

“Mas a própria razão do clero se baseia em sacrifício, não em bem-estar”, o homem magro retrucou.

“Mas se assim fosse, estaríamos sem a agradável companhia da Senhorita Winstone,” disse a Condessa em um tom quase divertido.

Era como se ela não estivesse compreendendo a conversa que se desenrolava, e ela fosse o tema central. Como se estivessem debatendo se era correto que ela estivesse ali entre eles ou não, ou se deveria ser inserida na conversa. Ela não podia opinar ali. Em uma observação superficial, todos estavam sendo cordiais, mas havia um desconforto tênue.

Quando todos haviam terminado seus pratos, Estelle se perguntou se não seria o momento de voltar para o seu quarto, porém o professor insistiu que ela ficasse.

“Não posso permitir que eles a assustem, minha cara,” sussurrou ele como se conspirassem juntos enquanto voltavam para a antessala.

Ela quis perguntar por que eles desejariam constrangê-la. Presumiu que fosse porque eles a consideravam de alguma forma inferior. Não era nada incomum, e talvez o Conde tivesse chegado à mesma conclusão e mudaria de ideia quanto ao convite extravagante de que jantasse com eles todas as noites.

O que seria uma pena, pois seus dias naquele castelo eram bem solitários. Não que prezasse pela companhia do Conde, mas, de qualquer forma, precisava de alguma companhia.

O professor a entregou uma taça contendo o licor de pêssego que havia experimentado alguns dias antes. Infelizmente não conseguia se lembrar como se chamava a bebida. Se sentou ao lado do professor enquanto a conversa estava novamente seguindo em húngaro. O Conde se sentou em uma poltrona em frente à fogueira, e falava muito pouco. A luz do fogo dançava sobre sua silhueta.

"Ele não é exatamente uma pessoa sociável, não é?" o professor sussurrou ao seu lado, tão baixo que só ela conseguia ouvir. " Acho que ele não é muito afeito às pessoas em geral. As pessoas que vivem em lugares remotos como esse por vezes desenvolvem comportamentos estranhos. São todos parentes, sabe. Fazem crianças estranhas também. Não nosso querido Thomas, claro. Mas em termos gerais, como você deve entender."

O professor estava revelando um lado que ela não havia visto antes. Parecia que ele não gostava daquelas pessoas. Presumiu que ele fazia parte daquela camada da sociedade, em que era um cavalheiro, mas talvez aquela sociedade fosse tão restrita e rígida quanto as camadas mais altas da sociedade na Inglaterra também costumam ser.

Capítulo 13:

Na noite seguinte a sala de música estava completamente limpa e arejada, e todos os instrumentos estavam afinados. Thomas estava sentado ao lado dela enquanto escutavam a mulher que acompanhava a Condessa na comitiva, Lady Novak, que tocava o piano lindamente. Era um instrumento elegante feito de mogno escuro que havia sido polido pela primeira vez desde a última vez que Estelle o vira.

Alguém deve ter vindo afiná-lo. Durante o dia tivera inúmeras pessoas entrando e saindo, conferindo as condições de cada uma das instalações para receber os hóspedes.

O Conde e seus convidados estavam sentados na primeira fila, enquanto ela, Thomas e o professor estavam na segunda fila. Todos pareciam conversar discretamente enquanto a mulher tocava. Obviamente ela era muito talentosa e todos aplaudiam ao fim de cada canção.

Thomas não estava muito impressionado e detestou ter que ficar sentado por tanto tempo. Ele estava aprendendo a se comportar durante o entretenimento dos adultos: aquilo para uma criança era incrivelmente tedioso.

“Você toca algum instrumento?” ela perguntou para o professor depois de um tempo.

“Só aprendi a tocar enquanto era obrigado. Nunca foi exatamente algo que sentíssemos paixão na minha família.”

“E a sua família é de Budapeste?”

“Sim, há inúmeras gerações.”

A música parou e Lady Novak fez uma cortesia elaborada.

“Talvez baralho”, disse a Condessa ao se levantar.

Sinuosamente, retornaram ao salão mais uma vez, que era mais confortável que a sala de música. Tudo ainda estava como havia sido deixado e Estelle escolheu uma cadeira próxima da lareira enquanto a Condessa voltava para a mesa de jogos. Já era hora de Thomas dormir, então depois uma despedida excessivamente formal, se retirou.

Estelle desejava poder se retirar também. Os hóspedes do Conde ficavam acordados até altas horas da noite, e Estelle em particular não achava muita graça nisso. O professor estava mais uma vez conversando com um cavalheiro. Ele parecia muito confiante em situações como essa, e ela o invejava por isso. Os gracejos leves que eles insinuavam, o que inclusive ela entendia como paquera, eram o tipo de conversa que ela não sabia mesmo como se portar.

Depois de algum tempo, percebeu que os olhos da Condessa se voltavam em sua direção. Então parou como se algo que estivesse pensado a tivesse feito devanear demais. Respirando fundo, Estelle voltou a se contentar em apenas permanecer sentada ali e não fazer nada. Sua mente se voltava a Thomas e tudo que havia planejado para a semana seguinte. “Senhorita Winstone”, disse a Condessa "por que não se junta a nós em uma partida? O Sr. Damas parece estar um pouco empolgado demais para jogar agora." Estelle entendeu que na verdade ele estava um pouco bêbado demais.

“Eu não sou exatamente muito boa em jogos de cartas.”

“Acho que se sairia melhor do que nosso caro Sr. Damas, por mais que eu goste de derrotá-lo.”

Estelle sentiu os olhos do Conde e de um outro homem, Marques Zichy sobre ela enquanto esperavam. Ela estava atrasando o jogo. “Certamente,” respondeu e se levantou da cadeira onde estava sentada.

As cartas foram distribuídas e Estelle pegou as cartas dela. Parecia que estavam jogando alguma variação de uíste.

"E de onde você veio antes de vir para cá?" perguntou a Condessa.

“Estava servindo a uma família em Dartmoor.”

“Não conheço este lugar.”

"É um parque nacional. Um tanto desolado, de certa maneira."

“Então você já deve estar acostumada com a solidão,” observou a Condessa, enquanto seus olhos olhavam insinuantes para Drezasse. “Me parece que encontrou a governanta perfeita.”

O olhar da Condessa voltou mais uma vez para Estelle como se a estivesse inquirindo. “E sem família também, pelo que entendo.”

Aparentemente, eles estiveram conversando sobre ela e Estelle não gostou de perceber isso. Por que esta mulher estava tão interessada em fazer perguntas sobre ela? Talvez ela fosse apenas

uma dessas pessoas que gostavam de mexericar. “Sim, infelizmente”, respondeu Estelle.

Mais uma vez algo lhe dizia que ela não sabia o que estava acontecendo, como se alguma conversa estivesse em andamento e ela não estava ouvindo.

A ideia de ter alguma companhia era interessante, mas agora que já estava ali, não se senti mais tão entusiasmada. O conde aparentava sentir-se igual, já que estava evasivo e se chegava a sair do cômodo algumas vezes. Parecia que se limitava a falar algo apenas se fosse perguntado. Suas habilidades sociais pareciam não ser muito desenvolvidas. Talvez fosse melhor que ela trabalhasse estas dificuldades com Thomas, assegurando que ele não fosse tão retraído quanto o pai. O professor era a única pessoa que poderiam visitar. Por este lado, era bom que a condessa e sua comitiva estivessem lá. Poderia ser benéfico para Thomas, mesmo que ele não apreciasse muito. Mas de qualquer maneira, raramente uma criança se interessaria em aprender as regras de etiqueta.

Estelle ainda não conseguia se livrar da impressão de que a Condessa estava interessada nela. Constantemente ela olhava ao redor e notava que a condessa a estava observando mais uma vez.

“Você já viajou muito?” perguntou a Condessa.

“Não tive muitas oportunidades para isso,” respondeu Estelle. A condessa balançou a cabeça.

"É uma lástima. Viajar expande muito nossa mente." Voltou sua atenção ao conde. "O Conde aqui é um viajante intrépido. Já o ouvi mencionar a Grécia, Jerusalém e acho que algo sobre o Egito."

“Isso foi há muito tempo,” ele respondeu sem desviar os olhos de suas cartas. Havia um charuto no cinzeiro ao seu lado, e fios de fumaça espiralavam pelo ar.

"Adoro a Itália" prosseguiu a condessa. "Temos um palazzo na costa onde passamos o inverno. O inverno lá é bem severo. É preciso sair da própria toca de vez em quando. Você se tornou muito recluso. Não é bom ficar entocado aqui somente com o garoto e a sua governanta. Não concorda, Damas? Quando chegar o inverno, você deveria nos acompanhar até a Costa. Os dias são amenos e temos lá de tudo que um de nós pode desejar."

Estelle teve uma impressão incômoda, talvez medo por pensar que ela e Thomas poderiam ser deixados ali completamente sozinhos

durante o inverno. Mesmo que o conde fosse extremamente introvertido, se sentiria completamente sozinha e à deriva sem a presença dele ali, e com todos os lobos famintos à solta ao redor do castelo.

“O convívio em sociedade é exatamente o que desejo evitar,” retrucou com sua voz profunda e grave.

“Tolice. Todos nós sentimos sua falta no último inverno. Melhor tomar cuidado para que este isolamento não o transforme em um eremita. Me prometa que não passará o inverno aqui.”

“Me faria lamentar em desapontá-la.”

A condessa voltou seus olhos friamente para Estelle, como se fosse culpa dela. Chocada, Estelle colocou suas cartas sobre a mesa. Na verdade, não via nenhum sentido em continuar jogando. O jogo terminou logo depois disso, com a condessa deliciada com sua própria vitória.

“Preciso me retirar agora” anunciou Estelle que por vários motivos sentia-se estranha e não se sentia bem-vinda. Com um suspiro, se afastou da mesa e do salão.

*

Estelle optou por almoçar mais cedo no dia seguinte para evitar companhia. Esperava ter se divertido um pouco na noite anterior, mas havia descoberto que não se divertida praticamente em nada. Não estava em seu direito confrontar os deveres que esperavam dela, mas se esperavam que ela completasse um espaço vazio na mesa, ela o faria.

Foi um bom dia e as aulas de Thomas foram bem-sucedidas. Ele havia ido caçar, junto com os homens. Aquela manhã havia descoberto que não havia apenas lobos nas florestas, mas também ursos e enormes javalis selvagens. Aquele lugar parecia mais precário a cada dia. O professor havia recusado ao convite de caçar e retornado para seus estudos durante o dia.

Estelle resolveu que precisava de ar puro e de um passeio no jardim. Não sabia se deveria se atrever a sair do castelo sozinha. Talvez se pudesse cavalgar, não seria tão mau assim, pois teria meios de viajar rápido, mas por conta própria, e se sentiria vulnerável demais.

O céu no vale estava limpo hoje, mas estava frio. Á distância, a colheita era apenas um campo sendo queimado e a fumaça subia e era levada pelo vento. O vento vinha de outra direção, então não havia fumaça no céu.

“Sem dúvida há bastante ar fresco aqui,” Estelle ouviu uma voz dizer e a condessa se aproximava, passando pelas plantas altas com um olhar de satisfação. “Drezasse tem sido negligente com os cuidados em seu jardim.”

“Ele não é exatamente interessado em botânica.” observou Estelle.

“Acho que se deve ao fato de lembrá-lo de Ekatarina. Este era o jardim dela, afinal de contas, e agora está destruído.” A condessa olhou ao redor para as plantas. "Precisa muito ser limpo, não acha?"

“Creio que o conde prefere que tudo seja deixado como está.”

“Ele tem de fato algumas tendências mórbidas.” virou seu belo rosto para Estelle. “Você gostaria que este jardim fosse seu?”

Ficou surpresa com a forma que a pergunta foi direta, assim como a suposição por trás dela. “Não meu, claro, mas me ofereci para podar as plantas.” A sobrancelha da condessa se levantou.

"Minha querida, tenha cuidado," aconselhou a condessa, mas talvez não houvesse nenhuma afeição verdadeira em seu tom. "O conde é conhecido por tratar garotas como brinquedos, em alguns casos chegando ao ponto de destituí-las. Ele tem o coração duro e talvez seja melhor não esperar que ele amoleça por sentimentalismos ou piedade."

“Eu não—”

“Estou certa de que não. Estou simplesmente avisando que é melhor que tenha cuidado com onde faz suas apostas. O conde não tem nenhum receio em destruir garotas tolas.”

Esta conversa estava muito além das referências de Estelle e não tinha a menor ideia de como deveria responder. “Posso assegurá-la que não há nada inadequado na minha relação com meu empregador.”

“Já percebi a forma que você olha para ele. Você não é muito boa em esconder seus pensamentos.” Com um olhar penetrante, a condessa se virou, se afastando de Estelle enquanto se afastava.

Estelle quis argumentar, assegurar àquela mulher que não havia nada assim acontecendo entre eles, mas também sabia que a

condessa não acreditaria nela. Apenas havia sido avisada de qualquer desconfiança que a condessa tinha com relação a ela, incluindo olhares não existentes. Até mesmo a ideia em si era absurda. Imaginar alguma proximidade entre ela e o conde, ou até mesmo intimidade. Virando o rosto à visão da condessa que se afastava, Estelle corou.

As palavras da condessa continuavam reverberando em sua mente. Se pudesse dar algum crédito às suas palavras, o conde já teria usado e arrasado com outras garotas que estavam em busca de afeição. Aquilo era profundamente enojante, e se foi assim que ele fez com que sua esposa ficasse infeliz a ponto de tirar a própria vida, talvez não fosse nada surpreendente. O rosto angelical de seu patrão parecia esconder uma persona muito mais sombria.

Capítulo 14:

Thomas atirou a isca no rio, na esperança de que algum peixe a mordesse. Sr. Damas não estava muito longe, esperando que alguma truta debaixo da água estivesse em busca de alimento.

Como o dia estava com um clima agradável e morno, Thomas havia sugerido um passeio até o rio, e a oportunidade de uma pescaria convenceu os homens e desceram até lá com a carruagem. Estelle estava desdobrando a toalha de piquenique e organizando a comida que o cozinheiro havia preparado para eles.

Aparentemente, os dias ensolarados no inverno não eram incomuns, mas este dia estava ensolarado em pleno outono, e ela apreciava que estivesse. Parecia que haviam passado eras desde a última vez que saíra do castelo. O Sol batia em sua nuca e era mais do que agradável, assim como o som das águas correndo rio abaixo. As margens eram rochosas e propícias para águas turbulentas. Toda a paisagem ao longo do rio era rústica e bela, mesmo que a água parecesse estar fria como gelo. Não que ela tivesse qualquer interesse em ter certeza.

O professor também havia se juntado a eles e agora estava caminhando junto com o Sr. Damas à procura daquele lugar mágico em específico onde estariam as trutas.

“Você está gostando dos últimos dias?” Estelle perguntou a Thomas, que não estava muito longe, com as costas voltadas para ela observando a isca na água.

“Acho que foram legais” disse ele.

"É uma pena que não trouxeram nenhuma criança."

“Não tem problema. Elas acabariam se perdendo no castelo. Tem muitos lugares onde é fácil se perder. Talvez nem sequer conseguíssemos os encontrar.”

Ela não saberia distinguir se estava lamentando que os hóspedes estavam de partida, pois não havia se sentido muito próxima da condessa, e aparentemente o sentimento era mútuo. Mas honestamente, aquela mulher trouxe um sopro de vida para o castelo, apesar de suas acusações estranhas e das observações inquietantes.

No dia seguinte estavam de partida. “Você acha que seu pai levaria em consideração a oferta da condessa para que ele se juntasse a ela na Itália?”

"Se ele quisesse ele teria dito. Não acho que ele queira—ao menos não com ela. A condessa espera se casar com meu pai."

Estelle levantou as sobrancelhas. Então aquela mulher estava apaixonada pelo conde? Era por isso então que ela havia especulado uma acusação contra Estelle estar tendo um caso com seu patrão. Era simplesmente ridículo. Eles mal se conheciam. "E você acha que seu pai está interessado?"

Thomas encolheu os ombros com indiferença. “Quando eu for para a escola, ele ficará completamente sozinho. Ela é bonita.”

“Sim, ela é” Estelle respondeu. “Eles parecem se conhecer há bastante tempo, considerando que o conde a convidou para visitá-lo.”

“Ele não costuma gostar de visitas.”

Não parecia que ele era muito dado a receber visitas. Às vezes parecia que a companhia deles o enfurecia. Ela não conseguia entendê-lo. Ele estava boa parte do tempo fora de alcance, o que ela considerava ser compreensível sendo que o castelo era tão distante, mas depois ressentia-se da companhia que ele mesmo havia convidado.

Era difícil de imaginar aquele homem aqui completamente sozinho —somente ele, Balog e os serviçais. Havia o professor também, é claro, mas mesmo que ele estivesse incluído, o conde não demonstrava nenhum tipo de afeição em particular por ele. Era apenas um homem estranho.

Foi interrompida por gritos e se virou na direção de onde vinham para ver que o Sr. Damas estava puxando um peixe de tamanho considerável da água.

“Creio que este será nosso jantar esta noite,” afirmou. Thomas parecia enciumado. Voltou a se concentrar na própria pescaria.

“Você acha que meu pai deveria se casar para não ficar sozinho quando eu partir?”

“Se tiver mais alguém com quem ele se importe.” Ela podia imaginar o conde e a condessa como casal. Eles formavam um belo par. Apesar de que então era igualmente fácil imaginar a si mesma sendo dispensada, já que ela parecia ofender a condessa de alguma forma.

“Não acho que ele goste da condessa tanto quanto ela gosta dele.”

Thomas conhecia seu pai melhor do que ninguém. Ela não tinha nenhuma base sólida para sustentar sua afirmação.

“Honestamente, eu detestaria que ela fosse minha madrasta.”

“Se o seu pai se casar, é bem provável que você ganhe um irmão ou irmã.”

“Bebês. Para que servem bebês?” a diferença de idade seria enorme.

"É sempre bom ter uma família." A perda da própria família ainda a magoava. Família era importante. A única coisa que importava, na verdade. ninguém compreende a falta que faz ter uma família até perdê-la por completo.

*

A condessa cantarolou quando a truta foi servida em uma bandeja de prata, sendo posta no centro entre todas as outras travessar. Sr. Damas parecia estar muito orgulhoso de si mesmo.

“Este rio tem muitos peixes,” afirmou Thomas, obviamente que não achava que havia um grande feito da parte de Sr. Damas. “Os ursos se alimentam deles na primavera. Podemos pescar durante todo o inverno, já que o rio nunca congela.”

“Um rio abundante,” observou o professor.

O peixe foi servido em porções e estava delicioso. Outros pratos cobriam toda a mesa. Mais uma vez, o cozinheiro deve ter tido bastante trabalho. Provavelmente restariam sobras suficiente para dias, o que talvez fosse bom já que o cozinheiro merecia algum descanso.

Estelle não se sentia ansiosa por mais uma noite jogando cartas. Preferia ficar em seu quarto, mas não podia se retirar.

A condessa insistia em falar com Conde Drezasse, que estava sentado na cabeceira da mesa, quieto e reservado como era de sua natureza. Ele parecia relaxado, mas entediado com a voz da mulher ao seu lado, que falava em húngaro em um tom que se tornava cada vez mais alta e quase invasiva.

O conde pegou sua taça de vinho e olhou para seus hóspedes, e resmungou algo em resposta a ela.

“A condessa quer que meu pai vá com ela para Budapeste na primavera. Ela acha que ele está deprimido e solitário, estando somente na companhia de um garotinho.”

O fato de a condessa ignorar completamente a presença de Estelle não havia passado desapercebida. Para alguns, ela apenas uma estrangeira ignorante—alguém cuja presença era melhor tolerar do que tentar interagir. Talvez fosse verdade, uma vez que nem mesmo o conde havia conversado muitas vezes com ela.

O professor disse algo que Estelle presumiu que fosse algo como se ele estivesse agradecendo a um convite, sentia-se lisonjeado, mas não era o homem cuja companhia interessava àquela mulher. Ela ansiava por algum comprometimento do conde e ele não parecia estar interessado em assumir tal compromisso.

Mesmo que não compreendesse uma palavra sequer do que estava sendo dito, pôde facilmente ter um relance sobre o assunto da conversa, ou talvez estivesse apenas imaginando que estivesse.

Esperava que a condessa continuasse ignorando sua presença no recinto, também. Era uma estratégia curiosa, como se ignorá-la fizesse com que todos os demais esquecessem também de sua presença. Talvez funcionasse. Se a mulher agisse como se a governanta não fosse uma pessoa interessante. Era rude, mas entre os mais bem-nascidos sempre há uma tendência ao comportamento grosseiro, Estelle já sabia disso. Não tinha importância. Não era a primeira vez que alguém tirasse proveito às suas custas. Infelizmente fazia parte da vida de governanta, estava presa em uma condição em estava submetida ao poder de todos ao seu redor. Frequente, eles a enquadravam em uma categoria que seria a que eles bem entendessem. Apesar de que ser uma devassa que seduz o patrão era uma novidade. Esta era uma acusação que nunca lhe fizeram antes.

*

Quando saíram pelo portão principal na manhã seguinte o clima ameno e agradável se tornara frio e cinzento. As carruagens dos visitantes estavam enfileiradas, esperando por seus passageiros.

A condessa então saiu, descendo as escadas em sua capa de viagem. Seu cabelo estava bem-arrumado e sua pele parecia rosada

e radiante sob a luz pálida da manhã.

Segurando a mão do conde, falou com ele afetuosamente, porém com uma leve reprimenda. Ele fez uma reverência e beijou sua mão. Também falou com Thomas afetuosamente, o que ela nunca havia feito até então, e por último lançou um olhar rápido e não muito amistoso a Estelle antes de subir na carruagem. Sua comitiva a seguiu e as últimas carruagens foram carregadas com todas as bagagens.

Partiram e o barulho dos veículos aumentaram, enquanto se afastavam das muralhas do pátio antes que todos estivessem a caminho da ponte que dava acesso à estrada.

“Acho que a madame não gostou muito de você.” disse o conde ao se virar para ela.

Seria isso alguma crítica? Teria ela feito algo de errado? “Eu mal falei com ela,” respondeu Estelle.

“Acho que bastou a sua presença.”

“Sinto muito se ofendi seus hóspedes.”

“Alguns convidados ficaram mesmo um pouco incomodados. Particularmente alguém como a condessa, que se ofende sempre que as coisas não são da maneira que ela quer.” Disse ele bufando enquanto voltava para o castelo. Estaria ele se referindo à Estelle ou aos interesses conjugais da condessa?

“Talvez seja melhor no futuro eu ficar fora das vistas quando vierem convidados.”

“Porquê?” disse ele, ao parar e virar-se de volta para ela. “Não podemos fazer nada se a sua presença é um desafio para a Condessa Vaczy. Tais coisas não podem e não tem como serem removidas. Não é nos momentos de desafio que mostramos quem realmente somos, Senhorita Winstone?”

“Bem, eu...” ela começou a falar, mas não sabia na verdade o que dizer. Não sabia sequer se ele tinha razão.

Ele a encarava esperando que ela terminasse sua frase.

“Acho que as escolhas que fazemos é que mostram quem somos de verdade.”

Ele parecia intrigado pela resposta que dissera. “E que escolha você acha que a Condessa Vaczy está fazendo?”

“Acho que talvez ela esteja irritada por não poder fazer as escolhas por outra pessoa.” Estelle não costumava ser invasiva dessa

maneira, mas ele havia perguntado.

“Só podemos fazer escolhas por nós mesmos, e acatar as consequências,” disse ele em um tom sombrio como se algo naquela conversa estivesse o desagradando.

Capítulo 15:

Depois que os visitantes partiram, o castelo estava novamente em silêncio. O conde raramente era visto e Estelle fazia suas refeições na maioria das vezes sozinha a não ser pela companhia de Thomas. Ele estudava religiosamente todos os dias, e passava a maior parte do tempo na biblioteca.

Durante as tardes, ela caminhava pelo jardim de roseiras abandonado, onde as plantas ainda imploravam para serem cuidadas. Porém, não era autorizada. O conde estava em seu pleno direito de ignorá-las, se assim o desejasse—e assim o desejava.

Era uma pena ver tamanha beleza sendo abandonada ao descaso.

Os dias passavam lentamente, um após o outro, sem muita diferença entre eles. O clima esfriava cada vez mais e Estelle sentia a neve se formando no ar. Não a surpreenderia se, a qualquer momento, flocos brancos começassem a cair. De certa forma, sentia-se ansiosa por isso; significava alguma mudança. Outra que não fosse o clima, nada mais parecia mudar ao seu redor.

Todavia, hoje algo parecia estar diferente. Ouviu chamados distante ao longo do vale e quando foi olhar de onde vieram, viu pessoas se aproximando, atravessando os pastos. Tão ao longe que pareciam formigas subindo a montanha.

Não conseguia entender o que estava acontecendo, então ficou observando aquelas pessoas se deslocando pelo vale.

Thomas estava correndo no pátio no lado de fora. Entrou apressado nos estábulos.

“Aonde você vai?” perguntou ela enquanto saía para o pátio. “Você vai cavalgar?”

“Só estou ajudando.”

“Eu vi algumas pessoas atravessando o vale. Aconteceu alguma coisa?”

“Uma garota do vilarejo desapareceu.”

Estelle fechou os olhos. “Isso é horrível. E está tão frio. Espero que não tenha acontecido nada com ela.”

Thomas encolheu os ombros. "Todos estão procurando por ela. Eu posso procurar melhor com o Giji." disse ele, se referindo ao pônei. "Balog vai ajudar também, e o cozinheiro."

“Sem problemas. Seu pai vai ajudar também?”

“Ele não está aqui.”

Estelle não havia percebido que ele havia saído. Ele partiu sem qualquer aviso, e certamente não era do tipo que deixaria algum recado avisando—o que se poderia esperar. "Entendi."

Subiu em seu pônei e partiu em alta velocidade. Era gentil da parte dele se oferecer para ajudar. Talvez ela devesse também. A ideia de uma garotinha, talvez ferida, caída em algum lugar passando um frio como este era horrível. Se demorassem muito a garotinha poderia morrer por congelamento. O medo dos lobos despertou mais uma vez, com imagens sangrentas que ela se recusava a permitir que perdurassem em sua mente. Com alguma sorte, não deve ter acontecido nada terrível. Não sabia ao certo se suportaria descobrir que seus medos eram reais. Já estava amedrontada o suficiente sem ouvir ou ver nada sobre os lobos.

Estelle também não podia ficar ali sentada assistindo. Precisa se juntar a eles e ir até a ponte e atravessá-la imediatamente. Era firme o suficiente, mas também uma descida íngreme, e estava impregnada em sua mente com aquela tragédia. Obrigou-se a esquecer, se inclinando sobre o parapeito tentando ver se havia alguma pobre garotinha ribanceira abaixo, mas não viu nada. Em algum momento, houve um corpo agredido de uma mulher lá em baixo. Era horrível pensar nisso.

...e sua respiração se transformava em uma névoa densa a cada expiração. Ouvia os gritos das pessoas vale abaixo. A floresta que subia pela montanha era densa e escura, e ela forçava seus olhos a enxergar o mais longe possível caso conseguisse localizar qualquer coisa—e era muito improvável que conseguisse. Porque uma garotinha subiria aquela montanha?

Algum tempo depois conseguiu se juntar ao grupo que estava disperso em uma trilha que cortava o vale. Balog estava lá, assim como o professor. Thomas não estava ao alcance da vista e ela olhou para todas as direções tentando encontrá-lo.

“Você viu o Thomas?” perguntou quando encontrou o professor.

“Ele estava aqui, mas foi para a floresta com os outros.”

“Soube o que aconteceu. É horrível. Será que não houve algum mal-entendido e ela pegou algum trem?”

“O trem não passou aqui esta semana, e não, é muito improvável que haja um mal-entendido. As garotas do vilarejo não saem do vale. Mesmo os homens daqui só saíram do vale uma, talvez duas vezes no máximo. É muito improvável que ela partisse.”

Estelle continuou caminhando através da grama alta dos campos. As vacas estavam confusas e tentavam se manter longe das pessoas que invadiam seu território.

"Será que ela não fugiu?" Era um motivo comum do desaparecimento de garotas na Inglaterra, serem convencidas pelos namorados a fugir de suas famílias que se opunham ao relacionamento.

“Dificilmente.”

“Então talvez ela esteja ferida em algum lugar,” disse Estelle, com a preocupação evidente em sua voz. Também estava preocupada com Thomas, por mais que o garoto fosse por conta própria bem familiarizado com a floresta.

Cristais de gelo quebravam sob seus pés enquanto ela caminhava. Não suportava a sensação de pânico de que alguma tragédia tivesse acontecido com a garota.

“O conde não vai ajudar na busca?” perguntou o professor.

“Ele não está aqui no momento. Mas estou certa de que ajudaria se estivesse.”

“Ninguém sabe onde ele está?”

Achou aquela pergunta estranha. “Estou certa de que seu mordomo sabe onde ele está.”, respondeu. "Ele tem negócios fora daqui a resolver e precisou partir." Por que ela estava defendendo o conde? Quem disse que era sua função fazê-lo? Com certeza ele não havia sequestrado a menina, roubando-a de casa e escondendo em algum lugar apenas para causar aquela agitação toda. A Condessa Vaczy pareceu insinuar que ele tinha algum comportamento inapropriado com mulheres, apesar de ela mesma nunca ter recebido nenhuma atenção desse tipo por ele. Sempre havia se dirigido de forma estritamente profissional. Mas talvez o professor desconfiasse que a garota tivesse fugido com ele.

Continuaram a busca atravessando os campos em silêncio. Aparentemente o nome da garota era Malika, já que as pessoas o

gritavam repetidamente.

“Você saberia descrever a aparência dela?”

“Uhm,” pensou ele. “Se me recordo bem, ela tem cabelos castanhos e olhos castanhos.” Sorriu timidamente e não soube ser mais específico que isso.

"Espero que nada tenha acontecido com ela." Uma inquietação estranha parecia vir de suas entranhas. Esperava profundamente que a garota tivesse fugido com algum amante, algum garoto de algum vilarejo próximo - um romance não aprovado por seus pais. Garotas tendem a exagerar quando estão apaixonadas - ou, pelo menos, era o que diziam. Nunca havia acontecido com ela, de se apaixonar. Talvez nunca acontecesse.

Era incômodo para ela saber que o conde tinha uma reputação tão má entre as mulheres, que ele as arruinava à sua revelia e sem pensar duas vezes. Talvez o professor tivesse razão em suspeitar dele. Homens podiam ser muito descuidados em relação às garotas e sua reputação, principalmente se tratando daquelas de uma classe inferior à deles.

*

Quando Estelle voltou, o castelo estava vazio. Já havia escurecido e ela havia passado boa parte do dia participando das buscas. Um homem do vilarejo a trouxe de volta em sua carroça, sentado silenciosamente e puxando as rédeas. Teve uma leve impressão de que ele não a estava levando de boa vontade, apesar de ela ser grata, pois sentia medo de voltar caminhando no escuro.

A busca não havia tido nenhum sucesso e agora se preocupava com Thomas, que ainda não havia voltado. O sol estava se pondo e a escuridão chegaria rapidamente.

Nenhuma das lareiras havia sido acesa então ela acendeu uma para ela mesma em seu quarto enquanto esperava. A fome e a sede estavam a um ponto além de um mero desconforto, mas ela não podia fazer nada agora a não ser esperar.

Já estava escuro quando ouviu vozes pelo castelo. Se levantou da poltrona, procurando ouvir de onde vinham, e encontrou Balog e Thomas no hall de entrada, mal podia ver seus rostos pela luz fraca

emitida pela lamparina que o mordomo trazia. Estava profundamente aliviada ao ver o garoto.

“Não a encontraram?” perguntou Estelle.

“Não”, respondeu Thomas enquanto Balog foi acender as velas. “Ela não está em lugar algum.”

Balog resmungou algo e seguiu caminhando pela escuridão.

“Os aldeões são supersticiosos e estão falando algo sobre a garota ter sido levada por um fene,” afirmou Thomas com uma certa leviandade que as crianças costumam ter em situações sérias.

“Um feno?”

“Um fene,” Thomas corrigiu. “Um demônio. Eles sequestram pessoas.”

“Certamente é tolice.”

“Essas pessoas acreditam em cada coisa, que demônios sequestram pessoas, ou maldições de bruxas.”

Estelle considerava tudo bobagem. Não conseguiriam nada que fosse útil se se concentrassem nessas suposições bizarras. “Quer dizer então que a garota continua perdida e sozinha na escuridão da noite."

“A não ser que ela tenha sido mesmo sequestrada por um fene que esteja agora roendo seus ossos.”

“Não fale isso, Thomas”, repreendeu. Mesmo sendo superstição, ainda era horrível. Claramente, pelo seu tom, Thomas também não acreditava em tais tolices também.

Pela primeira vez, esperava que o conde tivesse levado a garota e a seduzido. Obviamente, seria terrível, e um verdadeiro desperdício de esforços de toda aquela gente, sem falar na própria garota. Mas era uma alternativa melhor em comparação às outras possibilidades que passavam em sua cabeça, ou alguma lenda assustadora de um demônio se banqueteando com a carne de garotas. De qualquer forma, só podia agora torcer pelo bem da garota.

Capítulo 16:

Não havia nenhuma novidade sobre a garota. Em algum momento, pararam a busca e todos voltaram para suas atividades cotidianas. Não se ouvia mais nada a respeito. Se estivesse ferida em algum lugar, já teria sido encontrada a esta altura, mesmo que as chances de ser encontrada viva fossem muito pequenas. Estelle concluiu que ela provavelmente havia fugido.

Naquela tarde, Thomas estava envolvido em suas aventuras como de costume, ainda mais empolgado pois havia começado a nevar naquela manhã. Flocos brancos espiralavam pelo ar e delicadamente ousavam no chão. Não era neve suficiente para cobrir a terra, mas continuava nevando. O vento gelado assobiava em cada janela e nas portas, e as lareiras aqueciam precariamente os cômodos. A maior parte do castelo não estava muito mais aquecida que o lado de fora.

Estelle estava com dificuldades de se livrar do frio naquele dia. Se vestiu com as roupas mais quentes que tinha, mas não parecia adiantar. Também se sentia inquieta demais para ler. Ao invés disso, perambulava lentamente. A biblioteca não trazia nenhuma paz pela primeira vez e ela mantinha distância. Havia muitos cômodos daquele castelo a serem descobertos e seu espírito inquieto investigava cada um deles, abrindo portas de algum cômodo que parecia ser um salão de festa. Um enorme cômodo cavernoso com piso de tacos de madeira em um padrão de ziguezagues. O salão tinha janelas enormes e era relativamente mais iluminado em comparação ao resto do castelo.

Talvez fizesse um tempo quando festas animadas tivessem acontecido neste salão, apesar de alguns espelhos ao longo das paredes estarem deteriorados, cheios de manchas e rachaduras. Mesmo assim, parecia ter sido abandonado há muito tempo. Ainda assim, o chão não estava muito empoeirado, então podia concluir que os serviçais ainda conservavam este cômodo.

Seus passos escoavam através do salão enquanto ela seguia em direção às janelas, com uma bela vista para o vale. Abaixo dela podia ver a neve se acumulando no chão, começando a formar uma

primeira camada do que se tornaria um carpete branco sobre toda a extensão do vale. Estava frio o suficiente para que não derretesse.

Ouviu um som atrás dela causando um sobressalto e quando se virou, para sua surpresa o conde estava ali. Fez uma reverência ao reconhecê-lo. Como de costume, ele estava de preto, seus cabelos um pouco desgrenhados do que de costume. Mas ele nunca pareceu se importar se o cabelo crescesse à revelia.

“Pensei ter ouvido alguém,” disse ele, andando pelo salão, com um olhar inquisidor. Talvez como mestre daquele castelo, ele estivesse habituado a procurar culpados que precisassem de reprimenda. Hierarquias tão antigas precisavam mesmo de uma boa dose de manutenção.

“Estava só explorando,” admitiu.

“E encontrou o salão de festa.” Ele seguiu até a janela, olhando para o vale lá em baixo, as mãos cruzadas nas costas. “Você já fechou os olhos e imaginou como deve ser estar em um baile?”

“Sim. Como eu disse, meu pai era um vigário e logo sua presença era requerida na maioria dos bailes do nosso condado. Já estive em alguns.”

“Ah,” ele disse sugerindo estar surpreso. “Eu esqueço como os ingleses incluem os clérigos nas classes mais altas. Me perdoe por isso. Este cômodo não é usado há anos.”

“Talvez o senhor não seja muito afeito a festas?” perguntou.

Ele se virou para ela com as sobrancelhas arqueadas. "Eu acho insuportável. Apenas vestidos bonitos e joias e boas maneiras."

Certamente que conversas superficiais não eram de interesse dele. Bons modos, de certa maneira, pareciam ser de seu interesse. Pelo menos não costumava se esconder atrás de seus bons modos como certos cavalheiros costumavam fazer.

“Você gosta de bailes?” perguntou a ela.

“Bailes podem ter seus encantos, acho.” Houve uma época em que os bailes eram parte considerável de sua vida. A empolgação que antecipava um baile, as decisões sobre o que vestir e com quem dançar. Era uma lembrança agradável de sua juventude.

“E mesmo assim você não conseguiu encontrar um marido.”

"Eu era muito jovem e parecia não ter importância. Depois as circunstâncias mudaram." A morte de seu pai fez com que a

quantidade de pretendentes despencasse rapidamente e desde então nunca recebera mais convites para bailes.

“Você sente vontade de voltar para aquela vida, quando tudo era um baile interminável?”

Havia um tom de acusação em sua voz, mas ela não sabia exatamente como. "Se eu desejaria voltar para o tempo em que meu pai estava vivo?" perguntou. "É claro. Família é muito importante, e a minha era maravilhosa, apesar de pequena. Os bailes e vestidos, eram divertidos, mas nunca foram prioridades."

“A pobreza diminuiu suas perspectivas?” sugeriu ele.

“Creio que não.” respondeu, olhando diretamente para seus olhos negros, devolvendo qualquer acusação que ele houvesse lançado a ela nas entrelinhas.

“Você cobiçou o jardim e roseiras de minha esposa, e depois o meu salão de festas.” Aí estava a acusação.

“Você acha que eu tenho planos com o senhor?” Era ridículo, e ela se perguntava em qual momento em que estivera em sua presença que ela poderia ter passado tal impressão.

“Creio que todas as mulheres fazem planos.”

Por um momento, não soube o que responder. "Talvez o senhor deva ser um pouco mais atento às mulheres com quem passa seu tempo. Não seria o senhor mesmo que esteja vendo planos?"

Isto o surpreendeu e ele precisou de um momento para pensar. “Alguém ter feito fofocas.”

“Seria mais adequado dizer que eu fui avisada.”

“Condessa Vaczy,” disse ele fazendo um muxoxo.

Estelle não viu motivos para negar.

“Ela também tem planos de podar o jardim das roseiras.”

Estelle detestou o eufemismo, mas, pelo menos, agora a reação exagerada dele agora fazia sentido, era um eufemismo para casamento. Ela jamais poderia ter adivinhado isso. Era apenas uma habilidade que tinha e a casa parecia precisar daquele cuidado. O simbolismo que ele atribuía ao jardim era algo que ela jamais havia imaginado.

“Talvez se o senhor não atribuísse tal simbolismo a assuntos aleatórios, um certo tipo de mal-entendido poderia ser evitado e os limites seriam mais bem definidos. Posso assegurá-lo, tenho mais empatia por suas rosas do que você.”

Ele sorriu, quase como se estivesse agradavelmente surpreso. “Você acha a minha oferta insignificante?”

“Além de um certo interesse genuíno em botânica, acho que o que o senhor oferece por trás do que seriam simples plantas, com certeza, não é da minha conta ou do meu interesse, Conde Drezasse”, respondeu.

“Ao contrário do que possa ter escutado, eu nunca ofereço nada que eu não esteja disposto a pagar—seja por palavra, seja por obrigação. Nem jamais serei manipulado.”

Não era isso que ela havia escutado. A condessa havia sido bem clara que ele era quem arruinava a vida das garotas, para sua própria diversão.

“Nem mesmo as graciosas jovens do vilarejo?” Sua voz quase estremeceu enquanto perguntava, mas algo dentro dela precisava saber, e talvez sinalizar que havia suspeitas à sua porta.

Os olhos dele pareciam escurecer um pouco. “Que mente desconfiada a sua, Senhorita Winstone. Eu posso assegurá-la que não, com nenhuma das garotas do vilarejo.”

“Não tenho dúvidas que é ultrapassar os limites com tais perguntas, mas concluí que seria melhor perguntar do que perambular pelos corredores com confabulações circulando em minha mente.”

Algo muito sutil em sua postura havia suavizado. “Posso assegurá-la, ter amantes não são permitidas na comissão real de agricultura, que se estabeleceu semana passada.”

Sentiu-se um tanto aliviada. Em parte, porque não queria viver na mesma casa onde vivia um homem que arruinava a vida de mulheres, e também, não queria que ele tivesse sua reputação manchada. Por que ela deveria se preocupar com ele e com seu caráter mais do que com a própria segurança, isso ela não sabia explicar.

“Obrigada,” disse ela, sem saber o que mais dizer.

“Você é propensa a uma imaginação bastante fértil.”

“Sou uma mulher que vive sozinha neste mundo. Estou propensa a zelar pela minha segurança.”

“Você está perfeitamente segura aqui.”

“Obrigada.” Sentia uma gratidão imensa e acreditou nele.

Esta havia sido uma conversa estranha, mas ao menos serviu para esclarecer algumas de suas dúvidas, e esperava que alguns

dele também.

“Se mais alguma dúvida desta natureza surgir, sugiro que me procure e converse diretamente comigo. Não quero que ocorra mais nenhum mal-entendido como este. Estes são frequentemente desnecessários.”

“Me desculpe por duvidar do senhor,” disse ela.

“Você realmente não me conhece.”

“Não, não o conheço mesmo.”

A conversa parecia ter chegado ao fim. De certa forma havia sido incluída uma intimidade que não deveria ter sido incluída e agora havia um estranhamento. Ele a havia acusado de algo e ela o havia acusado também, e ambos esperavam que nenhuma dúvida tivesse restado.

Com uma reverência curta, ele seguiu em direção à porta, parando no batente. "Para dar um fim à sua angústia quanto ao sofrimento das minhas roseiras, talvez eu possa permitir que você cuide delas. Pelo bem delas - e pelo nosso."

“Manterei em mente que ao ultrapassar tal limite estarei apenas cumprindo minha função,” disse ela com uma perspicácia proposital para brincar com a estranha presunção de que ela poderia cogitar resolver sua vida conjugal e se tornar a senhora da casa—e das roseiras.

Ele não se ofendeu com sua provocação, na verdade pareceu se divertir com ela. “Como bem quiser,” disse ele, enquanto partia. Seus passos ecoaram pelo corredor até que o som desaparecesse.

Aquela conversa havia sido estranha, mas talvez tivessem conseguido chegar a uma convivência pacífica. Parecia que a condessa andou cochichando em seu ouvido também, sussurrando as más intenções da governanta. Aquela mulher era mesmo uma pessoa horrível, e não achava que o conde realmente consideraria a possibilidade de desposá-la. Mas mais uma vez, a vida dele e suas decisões não eram de sua conta.

Capítulo 17:

Na tarde seguinte, Estelle começou a cuidar das roseiras com uma tesoura de poda. A neve cobria o chão e essa atividade era certamente mais adequada para o outono, mas era melhor ser feita agora do que durante a primavera. Agora que estava verdadeiramente encarregue disto, a tarefa parecia adquirir proporções cada vez maiores. As plantas estavam crescendo desordenadamente há anos e ela não queria tomar nenhuma atitude bruta.

Era um dia ensolarado e o ar estava frio depois de ter sido limpo pela neve. Parecia brilhar depois dos dias escuros de outono. Dias de inverno como aquele pareciam um alívio da escuridão.

Os espinhos espetavam suas luvas de couro, que não demorariam muito para estarem encharcadas. Estava com calor por causa do esforço e precisou tirar o sobretudo e o casaco depois de um tempo.

Disse com firmeza a si mesma que precisava se controlar. Não havia necessidade de organizar o jardim inteiro em um único dia, mas havia plantas precisando ser podadas por todos os lados. Na verdade, os galhos que sobraram estavam praticamente nus quando terminou a poda. Roseiras não eram exatamente as plantas mais belas quando eram podadas até o último ramo e espinhos. Ou são plantas cheias de exuberância ou estranhamente feias. Mas a beleza era algo que só demandava algum trabalho e paciência.

Mais uma vez estava pensando no significado que o conde atribuía aquele jardim, e de certa forma, sentia-se como se estivesse invadindo uma área restrita. Ainda assim, valeria a pena assim que o jardim florescesse na primavera. Havia duas plantas que ela desconfiava que pudessem florescer na primavera e no outono, e outras poderiam florescer no verão. Eu trabalho garantiria um ano inteiro que seria agradável para o conde, particularmente, principalmente quando Thomas partisse e ele ficaria sozinho lá.

Estelle suspirou e podou outra videira, colocando sua haste junto à enorme pilha de galhos que havia acumulado. Ao olhar para baixo, notou que um dos espinhos dos galhos havia rasgado sua blusa.

Parecia que o jardim estava resistindo a ela. Resmungando, decidiu que remendaria aquele rasgo mais tarde.

Sem saber o que estava atraindo sua atenção, olhou para cima e viu o conde, encostado em uma parede do castelo, obviamente que estiver supervisionando seu trabalho.

“Tem certeza de que quer levar esse trabalho adiante?” perguntou enquanto se aproximava.

"Me parece um tanto quanto monumental, depois de ter sido negligenciado por tanto tempo," respondeu ela, zombando dele. "Nunca ouviu dizer que quanto mais tempo se deixa o mato se espalhar, mais difícil fica a organizá-lo de volta?"

“Parece que está se referindo aos meus modos.”

Estelle riu enquanto cortava outro galho de videira. A palma de sua mão começava a ficar dolorida e ela deixou sua tesoura de poda de lado por um momento. "Suspeito que já estejam além de qualquer salvação."

A pele dele parecia mais pálida na luz do lado de fora do castelo, e seu cabelo parecia adquirir contornos vermelhos com a luz do Sol.

“Se quiser ajudar será bem-vindo” sugeriu.

“Creio que não”, respondeu, “Não pareço me entender bem com as plantas.”

“Pode ser divertido.”

“Duvido que eu as veja florescer. Assim que Thomas for para a escola, é bem provável que eu passe a maior parte do tempo em Budapeste.”

Era uma pena pensar que as rosas desabrochariam e não haveria ninguém para vê-las. O que a levou a se perguntar mais uma vez porque ela estava fazendo isso. Bem, porque estava lá naquele momento e mesmo que ela nunca mais as visse novamente, saberia que elas estavam florescendo. Caso não restasse mais ninguém para vê-las, talvez os pássaros apreciassem a vista do jardim.

“O que pretende fazer quando voltar para a Inglaterra?” perguntou o conde, parecendo que ouvia seus pensamentos.

“Provavelmente procurarei outro emprego.”

A ideia de ter de se deslocar mais uma vez não era agradável, mas fazia parte de sua profissão. Talvez pudesse ser contratada por uma família grande para a qual poderia servir durante vários anos.

“Você não tem onde morar?”

“Não, não tenho” respondeu com um sorriso.

Ele então deu alguns passos e parou para olhar para o horizonte do vale. “Isso deve ser difícil.”

“Estou acostumada. De qualquer maneira, existem muitas pessoas que passam por dificuldades bem piores que as minhas.”

“Você sempre lida com seus problemas dessa maneira?”

“Acho que no final, tudo pode sempre acabar bem.”

“E mesmo assim, basta sugerir uma incerteza quanto ao seu cargo que se torna uma pilha de nervos.”

Isso confirmou que ele havia percebido sua preocupação. “Não é bom que eu ultrapasse limites dentro do meu ofício.”

“E mesmo consciente disso, você o faz.”

O queixo de Estelle caiu, mas não conseguia pensar em nada coerente que pudesse dizer. Teria ela feito isso de novo? Estar ali no jardim das roseiras, podando as plantas, seria algo que ela não deveria fazer? Ele a havia autorizado. “Pensei que você quisesse que eu cuidasse do jardim. Eu deveria ter recusado?”

"É exatamente disso que estou falando," respondeu ele sorrindo. “Por que você tem essa necessidade urgente em agradar?”

“Somente não gosto de aborrecer as pessoas. Especialmente quando estou morando na casa de outra pessoa e sob as regras dela.”

“Você então quebra as regras cuidadosamente, então?”

Ela não fazia ideia de que ele estava apenas se divertindo com ela. Talvez estivesse entediado e precisava interagir com alguém. “Não, eu não quebro regras cuidadosamente. A vida por si já é desafiante o suficiente sem que eu torne as coisas mais complicadas do que já são.”

“E se as regras estiverem erradas?”

"Então precisam ser questionadas. Entretanto, não acho que cabe a qualquer um fazê-lo. Não posso mudar o fato de que apenas algumas profissões são autorizadas a mim, mesmo que eu tenha uma inteligência razoável e instruída, ou que o pagamento pelos meus serviços costuma ser péssimo. Eu posso não gostar destes fatos, mas não são fatos que eu possa fazer algo a respeito."

“E se ao quebrar as regras resultasse em melhorias para suas condições?”

“Então isso, com certeza, resultará na piora do cargo de outro alguém. É uma situação que depende da pessoa e de sua consciência,” respondeu sem gostar de pensar na questão.

Ele riu, mas ela não entendeu o que exatamente ele estava achando divertido. “Você não melhoraria o seu cargo se ele custasse o de outra pessoa?”

“Não. Estou bem satisfeita em viver com uma consciência limpa. E o senhor?”

“Minha família lutou em inúmeras batalhas para preservar seu status e em detrimento do de outros, então seria hipócrita da minha parte se eu dissesse que não.”

“Bem, eu não acho que sou afeita a batalhas.”

“Então espero que nunca precise ter certeza.”

Aquela conversa estava cada vez mais estranha, era como se ele estivesse testando até onde iria seus limites, mas com que propósito? Para quem tinha tão pouco interesse na existência dela, de repente parecia estar interessado demais. E se havia alguma coisa com a qual ela deveria ser bastante cuidadosa, era com o súbito interesse do patrão na governanta. Bons homens não demonstravam nenhum interesse além de educação e respeito. Apesar de ela nunca ter trabalhado na casa de um homem que não fosse casado antes. Suas bochechas coraram levemente. Ela não deveria ter aceitado o cargo, se ao menos soubesse.

“Parece-me que a condessa mencionou um incidente em particular em que uma garota acabou em ruínas para sua própria diversão,” mencionou Estelle examinando seus olhos.

“Conforme mencionei anteriormente, Senhorita Winstone, eu não aceito ser manipulado, especialmente quando uma mulher atrai sua própria ruína na tentativa de me forçar ao matrimônio. A mulher em questão acabou ela mesma tramando a própria ruína.”

A resposta dele surpreendeu Estelle. “Isto é inconcebível.”

"E antes que você questione minha sinceridade, eu a asseguro que estou falando a verdade. Esta mulher em questão, minhas objeções a ela eram bem mais profundas do que suas táticas inconscientes, e me recusei a fazer parte de sua trama. O nome dela era Liliana, caso a condessa volte um dia a mencionar tal incidente."

Estelle sentiu-se injusta já que já havia questionado sua sinceridade anteriormente. “Desculpe-me.”

“Aceitarei por você não aceitar ser manipulada facilmente também.”

“Não acho que exista alguém que aceite.”

"Às vezes as pessoas temem as consequências se exigirem demais."

Isso talvez fosse verdade. A acusação de ser acusado de ser um vigarista parecia tender a se prolongar, e alguns homens prefeririam provar o contrário a ter seu nome manchado. O conde aparentemente não era nenhum dos dois tipos.

"A justiça às vezes vem com um preço," disse ela. Era algo que seu pai costumava dizer. Também dizia que boas ações não saem impunes, mas, mesmo assim, eram tão importantes quanto as boas ações louvadas. Sentiu a tristeza se espalhando dentro dela enquanto lembrava de seu pai. Sentia a falta dele todos os dias.

"Às vezes, o culpado encontra os meios para punir a si mesmo," disse ele e fez uma pequena reverência, e então se voltou para o castelo. Mais uma vez havia sido uma conversa estranha e ela não compreendia a qual propósito servia. Ele seguiu voltando para o castelo com passos largos e a coluna ereta. Assim, ela podia até imaginá-lo sobre um cavalo indo de encontro a uma batalha. Talvez ele a estivesse testando para descobrir suas tendências inconscientes. Afinal de contas, estavam confiando nela a educação e o bem-estar de seu filho.

Capítulo 18:

A carruagem balançava enquanto eles saíam do castelo, a neve havia baixado o suficiente para que pudessem usar a estrada. Estelle aceitou de prontidão o convite do professor antes que a neve voltasse a cair. O ar estava frio, mas o Sol iluminava o caminho. O cavalo parecia também estar contente depois de um Outono longo e húmido. Estava nublado, e haveria neve se eles não se apressassem na volta.

Thomas se sentou ao seu lado, ligeiramente aborrecido por ela não o ter permitido segurar as rédeas. A bem da verdade, não estava certa de que controlaria seu entusiasmo e correria em fuga com ele. Ele tinha uma tendência forte a se lançar para aventuras sem considerar o perigo em que se punha.

“Eu preciso ficar lá?” perguntou.

Ela teria dito que sim, mas o professor já havia demonstrado em ocasião passada sua determinação em incentivar Thomas a sair porta afora. “Talvez você possa ficar apenas alguns minutos para cumprimentar. Seria cordial, no mínimo.”

“Ele é um homem chato.”

"Talvez seja, mas não é educado dizer isso. Às vezes devemos aceitar as pessoas como elas são. Todos têm o direito de ser o que são, até mesmos chatos." Em seu passado, passou horas intermináveis sentada ao lado de senhoras idosas que ansiavam por alguma companhia, então entendia bem o que o garoto dizia. "Ser paciente é uma atitude gentil e educada."

Thomas bufou aborrecido.

A neve havia sido removida da estrada que levava até o vilarejo e havia um grupo de aldeãos parados ao longo da estrada principal, cochichando algo entre eles. Algo estava errado. Estelle sentiu um calafrio subir pela espinha, e os pelos de seus braços se arrepiarem.

Parecia que o vilarejo inteiro estava ali, apesar de nenhum deles dar atenção a ela e Thomas, não mais do que o típico olhar inquisitório. Aparentemente a familiaridade não havia colaborado para nenhuma amistosidade.

O professor apareceu em seu portão sem o casaco e com os braços cruzados. Sua atenção parecia estar voltada para a multidão.

“O que aconteceu?” perguntou a ele.

“Outra garota desapareceu,” ele disse com uma expressão séria no rosto.

Estelle se engasgou chocada. Não podia ser, esta foi sua primeira reação, mas pelo olhar daquelas pessoas, devia ser verdade. Duas garotas desaparecidas faziam parecer que havia algo abominável acontecendo.

"É certeza que ela não fugiu?" perguntou Estelle com a voz um pouco estridente demais. Não tinha certeza de que acreditava no que ela mesma dizia, mas queria que fosse verdade. Havia uma chance de que fosse, mas duas garotas fugirem de um vilarejo dessa forma, não explicava o quanto os aldeãos estavam surpresos e nervosos.

“Vamos entrar,” disse o professor, com uma preocupação óbvia em seu tom. Havia alguma certeza de que não havia nenhum perigo?

Estelle desceu e ordenou que Thomas fizesse o mesmo. “Acho que é melhor que hoje você comigo e com o professor,” disse para ele.

“Mas-” ele tentou argumentar, aborrecido por ela sugerir que algo assim quando obviamente havia uma agitação no vilarejo.

“Acho que não quero ouvir mais nada,” disse Estelle asperamente e Thomas ainda era jovem demais para contestar tal ordem. Rabugento, ele a seguiu para dentro da casa do professor. “Isto é terrível,” disse. "Pobre garota."

“Eles farão outra busca, claro.” O professor se sentou à mesa do salão onde o chá estava sendo preparado. “O conde deve ser informado.”

Estelle piscou. Ela sabia que o professor aparentemente não tinha o conde em alta conta por algum motivo, e ela não sabia porquê. "Ele não está aqui no momento."

“Pelo que sei ele estava ontem.”

“Ele partiu hoje à tarde,” complementou Thomas. Estelle não o havia visto partir na verdade, apenas escutara Thomas falar a respeito durante o café.

“Ele parece desaparecer nos momentos de maior infortúnio, não é?”

“Ele tem tantas obrigações a cumprir,” disse Estelle, sentindo como que precisasse defendê-lo.

“A sua segurança, e de Thomas deveriam estar no topo da lista, no mínimo,” reprovou o professor.

“Eu posso nos defender,” disse Thomas. “Eu sei manejar uma espada melhor do que qualquer um daqui. Se alguém ousar, eu o afastarei. Vou mostrar.” Thomas se levantou e mostrou seus golpes de ataque e defesa.

“Quanto a isso não restam dúvidas,” observou o professor com indulgência. “Mas precisamos lembrar que há algo muito sombrio pairando sobre nós, e que talvez não sigam as regras da luta de espadas. Esta garota aparentemente foi sequestrada diretamente de sua própria cama,” continuou em um tom baixo para que Thomas não ouvisse.

Estelle soltou um suspiro mais uma vez em choque, sua mão cobrindo a boca.

“Posso cortar qualquer fene em pedacinhos,” Thomas bradou com coragem, estocando com sua espada invisível.

“Pode até ter um rosto humano, mas também pode ser alguma versão de um fene já que estamos falando disso” disse o professor.

Apesar de querer conversar sobre não dar crédito a qualquer tolice supersticiosa, Estelle achou melhor não. Se alguém estava sequestrando garotas em suas próprias camas, deveria ser algum tipo de monstro. Não podia conceber que alguém tivesse tal atitude, atitude que não podia ser considerada humana. “Isto é simplesmente horrível.”

"É natural que os habitantes estejam apreensivos," continuou o professor enquanto molhava um biscoito em seu chá. “Eles procurarão por toda a latitude e longitude, mas não me surpreenderia se não encontrassem nada como na última vez. Em breve me juntarei a eles.”

“Não sobra nada das vítimas de um fene,” disse Thomas como se estivessem conversando sobre um fenômeno natural.

Estelle, por outro lado, não conseguia chegar a nenhuma conclusão sobre o assunto. “Isso precisa parar logo.”

“Como você deve saber, estas não são as primeiras mulheres a morrerem nesta região,” disse o professor maliciosamente.

Era mais do que Estelle podia absorver. Não tinha a menor ideia do que fazer ou dizer; podia apenas permanecer sentada com a mão cobrindo a boca, olhando para a janela. Thomas estava ocupado

olhando para algo na estante de livros do professor, então acabou não ouvindo o último comentário dito por ele.

A única outra morte que ela sabia era a morte da Condessa Drezasse, mas obviamente, não estava relacionada. Com certeza ele não sugeriria que estivessem. A condessa havia tirado a própria vida. Se este fosse este o caso agora, os corpos das garotas seriam encontrados - a não ser que tivessem se jogado no rio e levadas pela correnteza. Um calafrio profundo percorreu seu corpo só com o pensamento, imaginando a água fria e a desesperança pura. Mulheres deprimidas faziam tais coisas tão tristes e horrendas quando não viam saída para a tristeza.

“Claro que é melhor que você se fortifique, mas melhor que não fique aqui por muito tempo hoje,” continuou o professor. “Os ânimos estão se exaltando e os camponeses não estão vendo com bons olhos qualquer visitante.”

“Isso deve dificultar as coisas para você,” disse ela, sendo que ele estava ali, em uma parte do vilarejo.

“Oh, mas eles me conhecem e sabem que podem confiar em mim,” assegurou ele. “Eu ficarei bem. Mas a relação deles com o castelo sempre foi complicada, entende. As histórias deste lugar remontam a tempos em que a relação entre os camponeses e a nobreza não eram muito cordiais.”

“Cordiais” não seria a palavra que ela escolheria, a julgar pelo tratamento rude que recebera, mas talvez então não compreendesse como as relações aparentemente eram empobrecidas.

"Esta é uma história fascinante e sórdida, “prosseguiu ele. "Posso te contar mais a respeito algum dia. Estou certo de que você sabe tudo sobre a Revolta Dózsa, não é Thomas?"

“Setenta mil camponeses foram torturados e isso enfraqueceu o povo húngaro contra as invasões otomanas,” Thomas falou como se já tivesse a frase decorada.

“Está certo,” sorriu o professor, contente como os professores ficam quando são recompensados com respostas corretas. Estelle apenas os observava. “Infelizmente com isso ficou uma rusga.”

“Acho que posso compreender essa rusga,” observou ela e a resposta divertiu o Professor Szousa, que sorriu.

“Como eu disse, é uma história fascinante. Alguns ainda não conseguem valorizar aqueles que sobreviveram. E isso sempre acaba

mal quando é lembrado, não é, Thomas?”

“Lógico,” confirmou o garoto enquanto encontrava outro objeto fascinante entre as posses do professor.

“Agora é melhor que vocês voltem antes que o tempo piore de novo,” alertou, se despindo de sua persona de professor.

“Certamente poderemos ajudar com as buscas,” Estelle estava usando suas botas mais grossas, e tanto ela quanto Thomas estavam vestidos adequadamente para o clima.

"Acho melhor que vocês voltem para o castelo e permaneçam lá. Há menos esperança para esta busca e poucas esperanças deixam espaço para raiva. Acho que talvez seja melhor não se tornarem alvos fáceis."

“Certamente que não culpam a mim ou Thomas, ou até mesmo o conde pelo ocorrido.”

“Não, é claro que não, mas como eu disse, os ânimos estão exaltados e parentes com os ânimos exaltados tendem a ser irracionais. Melhor não correr certos riscos, principalmente se você não fala o mesmo idioma ou esteja familiarizada com os costumes locais. Em tempos de desespero, pequenas coisas podem causar explosões além da medida.”

"Certamente," respondeu Estelle. Soava perfeitamente lógico da maneira que ele explicara, mas ao mesmo tempo era profundamente ilógico. Conversas sobre assassinatos e fenes, e torturas, tudo se assentava em uma imensa confusão em sua mente. Nunca havia se sentido tão forasteira como se sentia hoje. Então a longa e sórdida história entre a nobreza e os camponeses. E o simples fato de ela ter usado o termo "camponeses". Não era um termo com o qual ela estivesse familiarizada, e certamente já havia caído em desuso na Bretanha. Então mais uma vez, não era como se todos estes aldeões ainda fossem servos de verdade como os que havia lido. Era incompreensível, mas ela precisava se lembrar que esta era uma cultura diferente e as coisas eram diferentes por aqui. Talvez fosse isso que o professor a estava alertando, e seria melhor para ela acatar seu conselho.

Capítulo 19:

“Por que eu não posso participar da busca com os outros?” perguntou Thomas enquanto eles se aproximavam do castelo. A estrada parecia bem mais longa do que quando estavam indo para o vilarejo.

“O professor sugeriu que deixemos as buscas para eles.”

"Mas eu sei cavalgar rápido. Mais rápido que qualquer um deles. Giji está bem descansado e eu poderia ajudar."

Estelle suspirou. Como ela poderia explicar algo que era, de muitas formas, ilógico? "Os aldeões estão muito nervosos no momento, talvez alguns achem que o seu pai deveria ter feito algo para evitar que isto acontecesse. E eles podem descontar essa raiva em você."

“Mas meu pai não tem nada a ver com isso,” resmungou Thomas.

“Quando as pessoas estão nervosas, elas procuram alguém para descontar seu ódio, justificado ou não.”

“Mas ele nem está aqui,” retrucou Thomas, claramente agitado com a explicação dela.

"A raiva às vezes faz as pessoas irracionais e é sempre melhor ficar longe delas." Ela não estava explicando muito bem, mas o professor havia percebido algum tipo de ameaça para eles e este era um alerta que ela levava a sério, já que não tinha muita referência para julgar a situação por ela mesma. Não conhecia aquele povo, ou sua cultura, mas a história sugeria que a relação entre as classes era tensa. Ao chegar lá, achou que estava sendo mal recebida por ser estrangeira, mas pensando melhor, poderia ser por sua classe. Tecnicamente, ela era daquela classe, apesar de estar em uma posição de poder ainda menor que ele. Mas talvez para eles não houvesse distinção. "Que tal se fizermos alguns bonecos de papel?"

“Não tenho seis anos.” retrucou Thomas.

"Tudo bem, então. Por que você não me ensina um pouco da sua habilidade com espadas?" estava tentando desesperadamente pensar em algo que pudesse distraí-lo.

“Tudo bem,” disse Thomas, deixando bem visível que havia gostado mais desta sugestão.

Estava escurecendo quando passaram pela ponte e entraram no castelo. A carruagem fazia um barulho seco quando passavam pelo piso de pedras, mas Estelle não esperava que Balog estivesse ali, achando que ele provavelmente estaria no vilarejo ajudando os aldeões na busca. Mais uma vez veio à sua mente o quanto aquilo era horrível. A sensação de algo estava acontecendo estava agora pesava em seu peito—algo sombrio e sinistro.

Odiava admitir a si mesma, mas esperava que as garotas ao menos não tivessem sofrido, ou não estivessem sofrendo. A esperança mais distante era de que as garotas tivessem fugido, mas ela não conseguia se convencer de que fosse possível. Até mesmo em seu vilarejo que não era nem de longe tão isolado e insular quanto este, raramente as garotas desapareciam sem motivo aparente, e nem sequer pensariam em fugir. Uma viúva estranha poderia, mas o mundo era um lugar por demais assustador para simplesmente fugir de acordo com algumas das garotas que conhecia. Quando se apaixonavam era comum que fosse por algum garoto que morasse nas redondezas e resultava mais em drama do que em fugas atravessando o país. Havia, e claro, exceções à regra, mas elas sempre acabavam voltando, se mudando para alguma casa nas redondezas com seus novos maridos.

Ou quem sabe as garotas engravidaram e estavam com medo das consequências. Era uma possibilidade, e ela queria que fosse verdade, mas seus instintos ainda insistiam que algo ruim havia acontecido. Amigos de garotas mais novas costumam saber quando algo assim acontece. Em um vilarejo como aquele, alguém saberia se uma garota tivesse fugido com um homem. Sempre é revelado, no final das contas.

Ninguém veio ajudar então Estelle conduziu o cavalo até o estábulo, onde desenganchou a carruagem e colocou o cavalo na baía. Em casa com seu pai, já havia feito isso centenas de vezes e sabia como conduzir um cavalo para a baía e deixá-lo confortável. Thomas estava cuidando de Giji, ainda aborrecido por não poder montá-la e cavalgar com ela. Estelle simplesmente não se sentia pronta para se arriscar tão despreparada para encarar a situação sozinha. Toda aquela conversa sobre revoltas e tortura já haviam sido suficientes para lhe causar tontura.

Os portões principais não estavam trancados e ela tinha razão— Balog não estava lá. Rapidamente, ela correu e acendeu o máximo de velas que pôde enquanto o céu que escurecia deixava o castelo cada vez mais sombrio. Na verdade, era sombrio até no dia mais claro, mas sentia como se estivesse pior esta noite.

Seguiram até o salão onde alimentou o fogo que enfraquecia. Thomas ainda insistia em ensiná-la suas habilidades com a espada e se distraí-lo dependia disse, estava feliz em aprender.

Enquanto estava ausente procurando pelas espadas, pôde ver pela janela os aldeãos pelo vale, empenhados na busca como estiveram na vez anterior. Estavam muito abaixo do vale para que pudessem ver alguém, como o professor. Alguns carregavam lanternas enquanto seguiam enfileirados pelo vale. Será que eles também suspeitavam que seria uma busca infrutífera? Quem quer que tivesse levado aquelas garotas, as havia escondido bem o suficiente para que os aldeãos não as encontrassem.

Enquanto respirava fundo, Estelle continuou observando. Ainda estava sob o efeito das palavras do professor. Mas aquilo deveria ser um absurdo. O homem tinha uma percepção totalmente distorcida sobre o conde e Estelle se perguntava o quanto deveria estar sendo precipitado. Sua sugestão de que o conde pudesse estar envolvido de alguma forma não fazia sentido. O professor claramente detestava o conde e não era algo que ela se lembrava de perceber antes da visita da Condessa Vaczy. Talvez ela tivesse feito fofocas nos ouvidos do professor também.

Para alguém que aparentemente estava interessada em se casar com ele, havia muito esforço em prejudicar sua reputação. Por que motivo ela faria tais intrigas com o professor? E do que teria aquela mulher o acusado? Era uma mulher horrível, concluiu Estelle.

Uma batida atrás dela fez com que seu coração desse um sobressalto. Se virou com o susto e viu que era Thomas atrás dela segurando duas espadas. “Você quase me matou de susto.”

“Desculpe”, disse ele. “Eu escorreguei.”

"É o que acontece quando se corre, não é?"

Brincar com espadas era a última coisa que ela desejava fazer, mas havia prometido.

“Agora, pegue sua espada e segure-a assim,” disse Thomas, mostrando a ela a postura correta.

Internamente Estelle se amaldiçoava, mas fez como ele disse. "Não tenho certeza de que algum dia precisará usar esta posição, mas comparado a mim, você é um mestre."

“O Sr. Nemes não aceita alunas.”

“Então parece que estamos quebrando as regras.”

“Bem, se um fene aparecer, precisaremos nos defender.”

“Thomas, fenes não existem.”

"É provável, mas caso existam, você é quem estará em risco sendo que é uma mulher jovem, e eles parecem preferir comer vocês."

Estelle não conseguiu conter o arrepio que subiu pela espinha, então se repreendeu pela própria tolice. Com certeza não existia nenhuma fene - mas havia algo que caçava as mulheres jovens da região. Então estava contente por Thomas querer ensiná-la a se defender. Demonstrava que ele se importava com seu bem-estar e ela estava comovida por isso.

“Agora”, disse ele. “Antecipando ao meu ataque, você o bloqueia. Você sabe bloquear, não é?”

“Bem, imagino que seja colocar a minha espada no caminho da sua.”

Ele revirou os olhos e balançou a cabeça em reprovação. “Me ataque e eu te mostro como é que se bloqueia.”

Isto ia contra cada célula em seu corpo, apontar uma espada contra ele. Delicadamente ela se moveu em sua direção e ele a bloqueou com um cuidado dez vezes maior. “Vamos ficar aqui o dia todo se você for se mover devagar como uma tartaruga.”

“Eu só não quero machucá-lo.”

Ele riu. “Duvido que você poderia. Quando se luta de verdade, você vai querer ferir o que estiver te atacando. Por qual outra razão você seguraria uma espada?”

Havia uma certa lógica no que ele dizia, mesmo que ela não conseguisse se obrigar a acreditar que um dia chegaria tão perto de achar útil ter uma espada à mão. Certamente nada poderia invadir o castelo. Foi construído para ser uma fortaleza, porém nada era como parecia. Todos os cômodos pareciam ter entradas secretas, havia retratos cujos olhos eram buracos e talvez até mesmo houvesse múltiplas entradas para o castelo. Alguém poderia estar à espreita,

passando de certa forma bem ao seu lado pelas paredes e ela nem sequer desconfiaria.

Estelle tentou prestar atenção às orientações de Thomas, mas sua mente estava por demais distraída. Sentia que precisava pensar, mas estava presa ali e tinha de ficar com os olhos atentos às lâminas afiadas que balançavam pelo salão.

Thomas finalmente havia se cansado e guardado as espadas. "Mulheres não são boas esgrimeiras." concluiu.

“Pensei que havia feito alguns movimentos muito bons, mas talvez não.”

“Você tem sorte que estou aqui para protegê-la.”

“Certamente que sou,” ela sorriu. Era um garoto muito gentil.

Certamente o conde não estava ali para protegê-la e ao castelo. Especialmente agora que parecia que os aldeões estavam furiosos, e havia um homem potencialmente louco à solta pelo vilarejo. Mas o professor havia insinuado que o perigo estava bem mais perto de casa—dentro das paredes do castelo, de fato. Outro arrepio subiu pela espinha. Não acreditava nele, é claro, mas a ideia de uma ameaça tão próxima de casa, no mesmo lugar onde ela dormia, deixava-a intensamente desconfortável.

Capítulo 20:

O jantar foi servido às pressas e consistia basicamente em cortes frios de carne e pão. Como esperado, não havia nenhum rastro da segunda garota e a busca foi encerrada quando a noite descia como um véu escuro sobre o vale.

Assim que a lua subiu, sua luz refletia na neve, iluminando o vale com tons azulados. Estelle estava recostada diante da janela vestindo nada além de sua camisola, e tentava enxergar até onde sua vista alcançava. A esperança em seu coração se recusava a desistir insistindo em ver uma garota correndo pela margem do rio tentando voltar para casa. Não que ela pudesse imaginar uma garota, mas talvez ela pudesse ver alguma figura correndo pela neve.

Havia uma vela sobre sua mesa para iluminar seu quarto, projetando sombras inquietas nas paredes. A corrente de ar no quarto se recusava a deixar a chama da vela em paz.

A fogueira crepitava e com um estalo saltou uma pequena brasa no chão do quarto e o barulho ecoou pelas paredes. Estava calor o suficiente, apesar de que o fogo ficaria mais fraco à medida que a noite passasse, de forma que o quarto estaria congelante de tão frio pela manhã. O conde não havia contratado serviçais suficientes para alimentar as lareiras logo cedo. Ele parecia preferir uma equipe pequena de serviçais.

Não conseguia se afastar da janela, sua mente ansiava por algum alívio para suas preocupações, apesar de que se visse alguém correndo pelo vale, poderia ser o monstro que aterrorizava o vilarejo. A simples ideia a fez estremecer. Como deveria ser horrível testemunhar um homem se esgueirando pelo vale para cometer quaisquer planos nefastos que tivesse em mente? Não havia muito que ela pudesse fazer a respeito caso acontecesse. Não havia maneiras de alertar o vilarejo, seria impossível que uma mensagem chegasse a tempo.

Felizmente, nada parecia se mover lá em baixo, exceto um cervo, que caminhava cuidadosamente, parando de tempos em tempos para ouvir algum predador que pudesse estar à espreita. Pobre criatura, presa ali fora com os lobos e tendo de olhar por cima dos ombros o

tempo todo prevendo um ataque. Como todos os outros estavam o tempo todo.

Com Thomas sugerindo que o monstro poderia entrar no castelo a qualquer momento só piorava mais ainda as coisas para ela. Em um ugar como esse, era impossível que alguém a ouvisse. Nem sequer sabia onde dormiam os serviçais, ou até mesmo o conde, na verdade. Thomas estava longe demais para que ouvisse caso alguém a atacasse no meio da noite. Ela poderia gritar durante um assassinato sangrento que ninguém perceberia.

Mordendo o lábio, permaneceu em vigília na janela, mesmo sabendo que estava sendo tola. A probabilidade de que ela conseguisse ver qualquer coisa era muito pequena, mas estava inquieta demais para conseguir dormir. De onde poderia vir este homem? Não havia nada ao redor a não ser a própria vila. Mas ele era vindo de algum lugar. Um calafrio subiu pela coluna só de pensar nisso.

E quanto a Thomas, e se este homem horrível decidisse atacar Thomas? Ele estava tão isolado quanto ela mesma. Havia insistido que ele trancasse a porta de seu quarto como ela mesma havia feito, mas também sabia que havia várias passagens atrás das paredes aqui, corredores onde alguém poderia se esgueirar, ir e vir sem sequer serem notadas.

Com as sobrancelhas abaixadas de tensão, olhou para o painel que havia em seu quarto, tentando desvendar se haveria ali alguma entrada secreta em alguma parte que não estivesse vendo. De que adiantaria trancar a porta se tivesse uma outra passagem secreta que levasse diretamente para seu quarto? Felizmente não havia nenhum retrato com olhos para ela desconfiar. A pintura em seu quarto era uma agradável cena rupestre, com uma carroça de palha e um cavalo. Provavelmente não conseguiria tolerar qualquer pintura com olhos a observando naquele momento.

Caminhando lentamente ao longo da parede, testou cada centímetro do painel tentando descobrir se havia algum ponto oco, algo que poderia abrir uma passagem secreta. Apesar de que não tinha a menor ideia do que faria caso descobrisse alguma. Não havia nada, e não sabia dizer se estava aliviada ou desapontada. Às vezes é melhor ter certeza se há algo errado do que ficar em dúvida.

Não havia muito que ela podia fazer a respeito então decidiu se deitar, acomodando-se nos lençóis frios que eventualmente ficariam aquecidos. A cama em si era muito antiga, de mogno entalhado com cenas religiosas no encosto e na cabeceira. Anjos e demônios entalhados em uma batalha infinita.

Parecia que o demônio estava com vantagem no vilarejo naqueles dias, pensou antes de soprar a vela. O fogo da lareira dançou uma dança mais agitada do que a chama da vela, desenhando sombras como se estivessem mostrando uma cena de batalha em sua cabeceira.

Estava segura, ou ao menos era o que repetia a si mesma. O castelo havia sido construído para ser seguro e somente alguém que o conhecia muito bem poderia conhecer os caminhos para penetrar suas muralhas sem o impedimento de portas fechadas, e o conde se assegurava de manter a quantidade de pessoas que soubessem estes caminhos bem pequena. Nem mesmo um exército poderia passar destas muralhas a não ser que fossem convidados.

O cansaço dominava sua consciência, implorando que ela parasse de pensar e se permitisse adormecer. Hoje havia sido um dia horrível. Algo estava diferente depois que ficou claro que alguém estava os atacando. Rezou para que tais preocupações não invadissem seus sonhos.

*

Um pequeno rangido soou na mente sonolenta de Estelle e demorou algum tempo até que percebesse que aquele rangido não fazia parte de um sonho. Talvez um rato estivesse passando pelo quarto à procura de comida. Mais uma vez ouviu o rangido, mas não era tanto um rangido era mais como um guinchado, e não estava em seu quarto. Era como se alguém estivesse pisando nas tábuas de madeira do piso. Havia alguém passando pelo corredor no lado de fora.

Sentou-se cuidadosamente para ouvir com mais atenção, o silêncio quase que zunia em seus ouvidos. Não havia nada ali. Seu coração batia tão forte que chegava a doer seu peito enquanto olhava na direção onde a maçaneta estava escondida pela escuridão no canto do quarto. O que ela encontraria se abrisse a porta? Será que

faria o mesmo rangido? A lareira estava apagada. Devia estar mais próximo do amanhecer do que da meia-noite.

Quem estaria perambulando no escuro por esta parte do castelo a essa hora? Não havia absolutamente nenhuma luz por baixo da porta como se alguém estivesse portando um castiçal ou lamparina. Se alguém estava perambulando por ali, estava caminhando no escuro, o que era extremamente suspeito. Calafrios percorreram seus braços, arrepiando os pelos.

Parte dela queria se deitar e se esconder debaixo das cobertas, se protegendo do mundo. Ouviu mais um rangido, mas desta vez parecia mais distante. Castelos antigos são barulhentos, mas o som era bem mais parecido com passos sobre o piso de madeira.

Se havia algum psicopata se esgueirando pelo castelo, aparentemente ele havia decidido deixá-la em paz. Como um psicopata saberia onde encontrar alguém neste castelo entre tantos outros quartos?

Então ouviu algo arranhando e saltou, puxando as cobertas para junto do peito. Não estava perto de seu quarto, mas em algum lugar do corredor. Não poderia ser o atrito das estruturas de madeira, poderia? O pânico a dominava, firme em sua mente. Havia alguém no castelo, vagando pela escuridão.

Seu bom senso tentava acalmá-la enquanto sua respiração se acelerava em seus pulmões. Poderia ser qualquer coisa—um rato, um gato. Talvez um gato estivesse perseguindo um rato e tivesse esbarrado em algum móvel. Estava sendo profundamente patética, mas estava com dificuldades de acalmar seu coração, que ainda batia com força em seu peito, quase doendo com o medo que se espalhava como água gelada em suas veias.

Precisava se acalmar. Estava imaginando coisas.

Thomas, sua mente alertou-a e qualquer outro devaneio desapareceu. Que se danem os gatos e ratos, mesmo que tivesse alguém ali, poderia ir atrás de Thomas, ou ele talvez estivesse apavorado. Tomara que ele tenha trancado a porta, mas às vezes ele se esquecia de coisas simples como essa, ou confiava demais em si —podia ser tolo o suficiente para desafiar a criatura certo de que poderia subjugá-la. Às vezes meninos não aceitavam suas próprias limitações, cheios de certeza de que são invencíveis.

Pegou a caixa de fósforos e com as mãos trêmulas acendeu a vela, mas logo mudou de ideia pois a lamparina era uma opção melhor. Obviamente tivera sonhos perturbadores e agora estava imaginando coisas, que havia alguém assombrando nos corredores escuros do castelo. Pura bobagem, mas achava melhor garantir que Thomas estava bem.

A tranca fez um barulho alto quando ela virou a chave, enquanto segurava a lamparina com a mão esquerda. Espiou o corredor do outro lado da porta e ele parecia estar vazio. Não pretendia perambular pelo castelo, só queria ver se Thomas estava bem. Não conseguiria voltar a dormir se não o fizesse.

Talvez fosse um fantasma, pensou com ela mesma, alguma energia residual que estava assombrando os corredores do castelo. Fantasmas não precisavam de luz para encontrar o caminho. Na verdade, Estelle não acreditava em fantasmas, mas àquela hora da noite, se sentindo profundamente solitária em um mundo paralelo, estava disposta a dar crédito para todo o tipo de ideias absurdas.

Seguiu descalça pelo corredor, tentando pisar o mais suavemente possível. Não havia nenhuma outra luz além da lamparina que projetava sombras nas paredes, vindo da direção oposta dela como se estivessem tentando alcançá-la. Parou, escutando atentamente caso tivesse algum ruído, mas não ouviu nada. Uma corrente de ar frio passou pelos seus braços enquanto ela passava e seus pelos se arrepiaram com o toque frio.

Devia voltar para sua cama aconchegante, e estaria de volta assim que completasse a tarefa que havia ordenado a si mesma. Caminhando o mais rápido que podia com a luz da lamparina, desceu o lanço de escadas para chegar ao quarto de Thomas. Mais uma vez, não havia som nenhum e tentou iluminar as lanternas em todas as direções, mas não havia nada ali além da escuridão.

Caminhou com cuidado em direção ao quarto de Thomas, mas uma luz pareceu se movimentar e uma imagem fez com que seu coração parasse. Sua mente se agitou com o pânico crescente, que dizia para ela fugir dali. Fugir era o único pensamento que ocorria em sua mente, mas também não conseguia obrigar a si mesma a se mexer. Estava congelada, seu coração batia forte dentro do peito, mesmo depois de perceber que a única coisa que havia ali era um espelho. Maldito espelho. Quase a havia matado de susto. Ficou tão

furiosa que queria bater em alguma coisa—na verdade estava furiosa com a própria tolice. O que ela estava fazendo perambulando pelos corredores do castelo na hora mais escura da noite, e se assustando com o próprio reflexo? Seria ela tão tola a ponto de acreditar em tamanha tolice?

Mesmo assim, ainda se recusava a voltar para seu quarto sem antes conferir se a porta do quarto de Thomas estava trancada, mesmo que não fizesse sentido nenhum.

Capítulo 21:

Estelle congelou quando um ruído soou mais alto vindo do corredor. Escutando atentamente tentou determinar de onde vinha o ruído. Definitivamente não estava vindo de sua imaginação. Rangidos e arranhados poderiam ser um exagero de sua imaginação, mas este som era contínuo e definitivamente não estava vindo de sua imaginação. Sua boca estava seca enquanto ela tentava escutar, seus ouvidos zuniam com o silêncio.

Então mais ruídos e vozes ainda mais distantes.

Com os olhos fixos na escuridão, Estelle escutou, e cada som apenas confirmava que havia algo acontecendo no castelo no meio da noite. Hesitou por um momento, pensando no que deveria fazer. Tinha alguém dentro do castelo. Não havia nenhum engano quanto àquelas vozes que ouvira.

Mas era muito improvável que fosse algum maníaco se esgueirando pelos corredores a não ser que este estivesse falando com ele mesmo, e ela havia identificado o fluxo e as pausas típicas de uma conversa. As vozes estavam distantes demais para que pudesse distinguir alguma palavra.

Enquanto carregava sua lanterna à sua frente, Estelle seguiu pelo corredor na direção de onde vinham as vozes. Teve o cuidado de não se assustar de novo com o próprio reflexo enquanto passava na frente do espelho, chegando cuidadosamente no térreo onde havia o enorme hall de entrada. Havia duas figuras lá em baixo, parcamente iluminadas em meio à escuridão do castelo. Uma delas, com certeza, era Balog, mas a outra estava em trajes escuros demais para que pudesse identificar, até que sua lamparina chamou sua atenção e se voltou para ela. Era o conde. De certa forma, sentiu-se aliviada já que o dono da casa não era nada extraordinário, mesmo que fosse naquela hora da noite.

Ele a olhou da cabeça aos pés, notando sua camisola, então olhou diretamente para ela com um olhar quase agressivo. “Sua presença não foi requisitada, Senhorita Winstone,” afirmou com um tom direto e desdenhoso.

Só então ela percebeu que estava ali parada com nada mais que sua camisola. “Eu ouvi um barulho.”

“Sugiro que retorne ao seu quarto imediatamente.”

Afastou o olhar dela como se estivesse enojado. Sentiu a censura como se tocasse sua pele. Os dois homens se afastaram do portão principal, deixando-o aberto. O vento frio soprou para dentro do corredor, o cheiro da neve espiralava pela entrada cavernosa, congelando seus braços nus.

Deu um passo atrás, baixando a lamparina. Ele não estava nem um pouco interessado nos ruídos que ela ouvira nem se preocupou com a segurança de Thomas. Não sabia determinar se estava constrangida ou furiosa. E porque estaria ele retornando em um momento tão não auspicioso e quase a matando de susto? Provavelmente havia viajado durante a noite.

Rapidamente retornou ao quarto, mas fez um rápido desvio até o quarto de Thomas e conferiu mais uma vez se a porta estava fechada. Quando voltou para o quarto, entrou de volta para debaixo das cobertas e lençóis que estavam frios. Não podia determinar com exatidão que horas eras, mas sabia que havia poucas chances de conseguir voltar a dormir. Permaneceu deitada olhando para o teto.

*

Estelle sentia-se cansada quando desceu para o café da manhã. Thomas havia dormido bem e não sabia nada sobre nenhum ruído estranho durante a madrugada, ou aparentemente sobre o retorno de seu pai. “Seu pai está de volta”, ele comentou empolgado.

"Ouvi algo a respeito", respondeu Estelle, enquanto pegava os ovos cozidos. Havia passado tantos sustos na noite anterior que ainda não estava se sentido aquecida. Mesmo com a lareira, ainda sentia frio e ansiava por um banho quente, um luxo que não pôde se dar tão cedo já que havia tantas atividades suspeitas dentro do castelo. Ao invés disso, permaneceu deitada em sua cama, sonhando com os dias quentes de verão, quando a grama era alta e uma brisa soprava pelos campos. Sentia saudades do verde-claro da Inglaterra, ao contrário dos tons escuros e pesados dali. Mesmo no verão, os inúmeros pinheiros não eram mais claros, ou mesmo diferentes. O vale provavelmente devia ser mais agradável, com as flores

campestres e o gado pastando alegremente. Com alguma sorte, os lobos não estavam famintos.

“O conde deseja vê-la na sala de estudos,” disse Balog em inglês e seu sotaque pesado. Era muito provável que fosse a frase mais longa que já tivesse dirigido a ela.

O conde desejava conversar com ela—eu seu escritório. Isto sugeria que ele havia alguma censura para fazer a ela, além daquele olhar enojado que havia lançado na noite anterior. Estelle sorriu sem vontade e colocou seu guardanapo ao lado do prato. Estava quase terminando de qualquer maneira, então poderia muito bem dar como satisfeita.

Levantou-se mantendo as costas retas, e se retirou da sala de jantar, seguindo em direção ao escritório do conde. Talvez ele não tivesse dormido muito, sendo que já estava acordado e ativo àquela hora da manhã.

Bateu à porta de madeira escura pesadamente envernizada e sua maçaneta elaborada de bronze.

“Entre,” ouviu sua voz profunda do lado de dentro, e entrou no escritório. Estava quente lá dentro e cheirava a tabaco e masculinidade. Não havia absolutamente nada feminino naquele cômodo, ou no homem que o ocupava. Havia livros enfileirados nas estantes e documentos espalhados na enorme escrivaninha. Ele se recostou na poltrona, enquanto a observava por alguns momentos. “Por favor, me explique o que estava fazendo perambulando pelo castelo no meio da noite usando nada mais que uma camisola,” perguntou, sem nem um pingo de simpatia ou amistosidade em sua voz.

“Como mencionei na noite passada, ouvi ruídos e fui conferir se Thomas estava bem.”

“E então simplesmente você se apresentaria em suas roupas íntimas? E como exatamente esperava que eu a entendesse?”

Entender? O que ele insinuaria? Que havia feito de propósito por alguma razão. "Eu não esperava que a casa estaria recebendo visitantes, se é o que está insinuando. Caso não esteja sabendo, há algum maníaco solto pela região assassinando mulheres. Vozes sussurradas no meio da noite tendem a causar algum tipo de alerta, como foi o que aconteceu," disse em sua voz mais firme. Não estava gostando do que quer que fosse que ele insinuava. Como ele ousa[1]

Não fora nada além de uma preocupação apavorada que a levou a procurar o que era aqueles ruídos na noite passada.

Uma sobrancelha erguida parecia questioná-la. Talvez estivesse sendo intransigente, mas não apreciava que fosse questionada daquela maneira - acusada de coisas absurdas.

“Alguns diriam que se apresentar no meio da noite usando as roupas íntimas é um ato de sedução.”

Estelle bufou. "O senhor pode ficar bem tranquilo quanto a isso. Não tenho absolutamente nenhuma intenção de...nada dessa natureza." Não podia nem sequer dizer a palavra; era tão ultrajante. "E sinto que já tivemos uma conversa a respeito disso, mas ela não estava encerrada."

“Você continua tendo comportamentos questionáveis.”

"E evitar ser assassinada é um comportamento questionável? E quanto a zelar pela segurança de seu filho, Thomas. Talvez você tenha concepções estranhas quanto ao que é questionável." Concordava que talvez devesse ao menos ter colocado um casaco, mas na hora isso nem sequer havia lhe passado pela cabeça. Definitivamente, esta lição estava aprendida. Mesmo que a casa estivesse em chamas, ela primeiro trataria de se vestir adequadamente. Não era justo, ela não esperava que ele estivesse ali. "Talvez o senhor precise parar de insistir que eu me interesso por qualquer forma de intimidade com o senhor. Obviamente, eu terei de ser mais clara a respeito com o senhor. A resposta é não, absolutamente de jeito nenhum."

“Ao mesmo tempo em que a senhorita protesta como se tivesse sido pega no flagra.”

Teria ela protestado assim? Não fazia a menor ideia de como uma mulher se comportaria ao ser pega no flagra. Também estava se comportando como uma mulher que estava sendo clara ao dizer que não havia absolutamente nenhum interesse, mas ele parecia sempre entender o oposto de tudo que ela dizia. Estelle suspirou. O que mais poderia dizer? "Obviamente o senhor pretende desacreditar em tudo que digo para justificar suas próprias suspeitas. Não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Aparentemente o senhor continuará insistindo que eu pretendo seduzi-lo. “as palavras pareciam fluir bem mais facilmente agora. Aquilo era absolutamente ridículo e agora estava furiosa. "Então melhor encerrarmos esta discussão agora, a

não ser que o senhor tenha mais algo a dizer. Tenho medo de que um assassino invada meu quarto, e o senhor teme que eu invada o seu. Tomara que nenhum de nós encontremos nossos respetivos pesadelos. Há mais alguma coisa que o senhor queira discutir comigo?"

Estava enjoada demais para olhar nos olhos dele. Se não fosse cavalheiro o suficiente para aceitar suas explicações, então que acreditasse no que ele bem quisesse. Ela sabia identificar um cabeça-dura quando conhecia um. Era uma das poucas coisas que podia se dar o direito de não respeitar, ou apenas não se submeter. Suas intenções eram justificáveis e inocentes. Sim, estivera apenas de camisola, mas as circunstâncias eram extremas—mesmo que para ele não parecessem que fossem.

E de novo, ele bem poderia demiti-la pela aparente confiança que ela havia imposto sobre ele. Aquela era uma situação que ela nunca havia enfrentado antes, uma acusação direta e firme contra suas intenções e seu comportamento.

Ele a dispensou com um gesto dispersivo. Dispensada! Como um cão envergonhado. Sua consideração por ele estava diminuindo a cada minuto que passava. Talvez ela mesma devesse pedir sua demissão. Era uma pena, tanto por ela quanto por Thomas, já que estavam se entendendo tão bem. Faltavam apenas alguns meses até ele partir para o internato. Seria uma pena ele ter de enfrentar a incerteza de começar com uma nova governanta, ou pior, nenhuma. Ficar ali sozinho enquanto seu pai viajava para cuidar de seus negócios e compromissos parecia muito cruel, especialmente agora com aqueles acontecimentos horríveis.

Se livrando do mal-estar que aquela discussão lhe havia causado, seguiu de volta para a sala de estudos, onde ela e Thomas passariam algumas horas falando sobre teorias científicas. Ele era um garoto tão adorável, em contraste com o pai tão sombrio e taciturno, e pelo visto, muito certo de que todas as mulheres ao seu redor nunca tinham nada além de intenções muito menos que desonradas. Será que este comportamento teria sido a causa de uma infelicidade tão grande em sua esposa levando-a a tomar uma atitude tão drástica? As constantes acusações e sua beligerância? A infelicidade devia ser muito grave para deixar para trás um garotinho precisando de cuidados, abrindo mão de seus deveres maternos. Apesar de que, se

lembrava de ter conhecido pessoas que lutaram infinitamente contra a escuridão que invadia o coração, uma batalha constante que nunca resultava em grande alívio. Estava se sentindo desconfortável com aqueles pensamentos obscuros, então Estelle tentou se concentrar nas lições que ensinaria. Não se importava em lidar com a escuridão se não tivesse outra escolha. Já havia muito com o que se preocupar na escuridão da noite para que se preocupasse durante a luz do dia também.

Capítulo 22:

Estelle estava brava e decepcionada, e no fundo, desejava que o conde partisse novamente. Percebia que se sentia mais confortável no castelo quando estava a sós com Thomas. A presença do conde, e de seus óbvios preconceitos contra ela a deixavam desconfortável, como se alguma acusação pudesse recair sobre ela a qualquer momento. Como se ela fosse alguma sedutora, é claro. Era absurdo. Ela não havia nunca, jamais, tentado seduzir ninguém em sua vida. Só de pensar em tal coisa já a deixava constrangida.

Mesmo admitindo que o conde era um homem bonito, talvez o homem mais belo que ele já vira com seus cabelos e olhos negros. Aparentemente, ele estava certo de que as mulheres sempre tentariam seduzi-lo. Mesmo admitindo que Estelle não sabia nada a respeito das vantagens e desvantagens em ser um homem bonito. Obviamente, tudo que ela dissera assegurando-o de que ele não precisava ter tais preocupações a respeito dela não foram ouvidas. Não pôde evitar soltar um risinho ao pensar nisso.

Thomas estava ansioso para sair. Estava ansioso para chegar em algum lugar, ela concluiu. Adquirira o hábito de levar consigo sua espada aonde quer que fosse, e Estelle não culpava seus instintos. Na verdade, se sentia melhor sabendo que ele sabia como proteger a si mesmo.

Naquele momento, estava distraído enquanto a ajudava a guardar os livros. Haviam passado a manhã toda estudando sobre a queda do Império Romano e as circunstâncias que o causara. Era um assunto fascinante e tanto ela quanto Thomas estiveram concentrados no assunto.

“Se me permite interromper”, uma voz profunda soou do batente da porta e Estelle teve um sobressalto. O conde estava obviamente os vigiando. “Você pode ir, Thomas”, ele disse e Estelle sorriu ao mesmo tempo que sentia uma pressão em seu coração. Aparentemente eles teriam de novo uma daquelas conversas. Maravilhoso. O que teria ela feito de errado desta vez?

Thomas não precisava de mais nenhum encorajamento e Estelle terminou de guardar os livros de estudos que estava segurando.

Alguns deles bem poderiam serem levados de volta à biblioteca, pensou consigo.

Passos pesados e lentos soavam atrás dela, e o Conde Drezasse entrava na sala de estudos. Estava com os braços cruzados sobre o peito e se inclinando sobre uma mesa quando ela se virou. Era bem provável que ele mesmo tivesse crescido naquele castelo.

Se virou e sorriu sem vontade, temendo o que quer que fosse que ele estivesse prestes a dizer.

“Pareço dever uma quantidade considerável de pedidos de desculpas a você”, disse ele, olhando para a mesa enquanto desenhava algo com o dedo sobre a superfície.

“O senhor fala mais a respeito de precisar pedir desculpas do que de fato pedindo” observou ela, endireitando a coluna e com os ombros firmes.

Agora ele estava com seu olhar fixo no dela, aqueles olhos negros pareciam espetá-la. Sua atenção parecia causar um efeito curioso sobre ela, deixando-a nervosa e ao mesmo tempo confortada, como se fosse assegurador tê-lo por perto. Mas por outro lado, poderia ser por causa do fato de que havia um maníaco à solta na região, mas poderia ser também porque ele costumava ser tão inflexível que não havia nenhum tipo de intimidade entre eles. Normalmente ela ficava um tanto apreensiva na presença de seus patrões, como se houvesse sempre um tipo de perigo escondido de que eles pudessem tentar beijá-la.

“Então creio que devo um pedido de desculpas por isso também”, disse ele, aparentemente se divertindo com a situação.

Honestamente, ela não conseguia acompanhar as mudanças de humor dele. Em um minuto ele era frio e cheio de acusações, no outro era caloroso e divertido. Talvez fosse um bom momento para refletir sobre a possibilidade de seus desentendimentos terem mais a ver com ele mesmo do que com relação a ela. Sua primeira impressão até então sempre havia sido de que ela havia feito algo errado.

“Meu comportamento tem sido abominável”, ele admitiu.

“Abominável é uma palavra um pouco forte. Implacável talvez seja mais apropriado.”

“Implacável?” repetiu, surpreso. “Creio que devo aceitar, se a interpretação for no sentido de que não dei crédito às suas palavras.”

Era uma sensação estranha e constrangedora receber um pedido de desculpas. De alguma forma, ela queria simplesmente que aquilo tudo acabasse. “Pedido de desculpas aceito”. Talvez agora, finalmente aquela situação inteira chegaria a um fim.

“São experiências passadas que me deixaram desconfiado”, prosseguiu.

"Parece que todas as mulheres em um raio de 20 quilômetros estão determinadas em seduzi-lo". Talvez dizer aquilo fosse muito ousado, mas era o que ele parecia insinuar.

“Houve episódios que custaram um preço alto a todos os envolvidos—em certos casos, foi devastador” Lembrou de quando ele mencionara que alguma mulher havia tentado forçá-lo ao matrimônio. “Não fico orgulhoso de admitir que tais eventos me deixaram cheio de suspeitas.”

Estelle não sabia o que dizer. Deveria ela assegurá-lo de novo que não tinha nenhuma intenção de tais avanços? Até um determinado ponto, o qual já havia passado, toda a situação havia se tornado ridícula, mas ela estava ciente de que ele havia sido prejudicado por alguma mulher, ou talvez várias no passado.

"Sinto muito por isso", respondeu, sem saber o que mais poderia dizer. "Parece que desenvolvi um hábito de criar situações que parecem desengatilhar tais desconfortos ao senhor. " Situações que até então eram completamente incompreensíveis para ela.

“Gatilhos que a senhorita não tinha nenhuma intenção de provocar. Eu a tratei de forma injusta, e peço desculpa.”

“Agradeço suas palavras”, respondeu com um sorriso, torcendo para que o assunto fosse deixado de lado. Toda a situação era bastante constrangedora, pois a verdade horrenda era que ela o considerava muito atraente. Não via nada de surpreendente que as mulheres se atirassem sobre ele, e isso só tornava tudo muito pior, pois de alguma forma, em pensamento, se não em ação, ela era sim um pouco culpada de suas acusações. Não que ela jamais presumiria se convidar para entrar em seus aposentos. Mas verdade seja dita, desejava que aquela conversa acabasse, e felizmente ele parecia também concordar que já haviam conversado o suficiente, também.

*

O conde estava presente quando ela chegou ao salão na hora do jantar. Ela não esperava que ele estivesse ali, mas ele se sentou à cabeceira da mesa, ao lado de Thomas, que estava visivelmente feliz por seu pai estar ali.

“Senhorita Winstone”, disse ele enquanto fazia uma reverência. “Creio que sua tarde tenha sido reparadora.”

Havia passado a tarde em seu quarto lendo e olhando a neve cair. A neve estava caindo pesada agora, cobrindo o vale como um creme denso. “Creio que a neve colaborou”, respondeu.

“Não é um bom momento para viagens. As estradas estão cercadas de perigos em dias como estes.” Talvez fosse por este motivo dele estar ali e não em algum outro lugar. "Estas nevascas podem durar semanas nessa época do ano. Quando eu era jovem, ficávamos presos pela neve durante meses."

Talvez fosse por isso que estivera com tanta pressa de voltar para casa, chegando inesperadamente no meio da noite. A nevasca havia começado e ela poderia durar por um longo período de tempo. Ela deveria ter imaginado, mas jamais poderia.

Isto significava que estavam presos ali até que a neve derretesse, ou, pelo menos, parasse de nevar, “Os trens chegam aqui mesmo nesse tempo?”

“Não quando a neve está pesada. Estamos sozinhos e à deriva por um tempo.”

Estelle definitivamente não apreciava a ideia de estarem isolados do mundo ao redor, mas estava feliz pelo conde estar ali, principalmente por que parecia ter muita incerteza e medo naquela região naquele momento.

“Deve ser um alívio não precisar viajar durante algum tempo”, observou. “O senhor deve achar difícil permanecer parado.”

“Minha rotina tem sido agressiva. Eu devo, talvez, ter assumido mais responsabilidades do que devia” disse e Thomas olhou para ele cheio de esperanças nos olhos. "Preciso fazer um esforço e me permitir descansar."

“O senhor pode descansar agora. Não há mais nada para fazer”, disse Thomas. "Podemos jogar xadrez."

“Podemos sim”, respondeu o conde. “Talvez depois do jantar.”

Thomas estava tão satisfeito quanto empolgado. Era bem claro que ele sentia falta do pai e Estelle estava feliz por ele, e por eles

poderem passar algum tempos juntos.

Jantaram carne de cervo com um molho grosso e saboroso. Estava delicioso e o humor durante o jantar era o mais leve que já presenciara naquela casa. Thomas ouvia atento a cada uma das palavras ditas pelo pai, e quando terminaram a refeição, se retiraram e foram ao salão, onde uma lareira mantinha o cômodo aquecido.

Estelle leu um pouco enquanto o conde e Thomas jogavam xadrez, e aceitou uma taça do licor de pêssego servida por Balog. Sentada ali, sentia que não havia preocupação nenhuma no mundo. Todos estavam seguros e aquecidos, e pensamentos obscuros pareciam ser agora tão distantes. De certa forma, achava que fazer parte de uma família deveria ser algo parecido com isso. Noites longas e confortáveis diante da lareira. Não era sua família e eles apenas a permitiam ocupar um espaço que não era seu por direito, mas por um momento poderia ao menos imaginar que era. Sentia muita saudade das noites aconchegantes que passava com seu pai, e temia que nunca poderia passar por nada igual de novo. Não era muito provável que pudesse. Talvez fosse isso que preocupasse o conde, que ela almejasse ocupar um lugar que não lhe pertencia. Mas ela podia apreciar e desfrutar sem ocupar, ou agir com tal intenção. Não era uma realidade; apenas um faz de conta, e poderia apreciar do jeito que estava.

Capítulo 23:

Thomas entrou correndo no cômodo onde Estelle estava sentada, assustando-a. “Thomas”, ela gritou. "Você quase me matou de susto!"

“Estamos indo para o vilarejo”, ele disse empolgado. “Vamos levar o trenó. Vamos, rápido.”

“Trenó?” perguntou. Ela nunca havia visto um trenó, certamente não um que pudesse ser levado para o vilarejo. Pelo que sabia, eles estavam soterrados na neve, mas aparentemente, estavam indo para uma aventura.

"É Kracun", disse ele, já saindo pela porta.

"É o que?" perguntou, mas ele já estava longe, empolgado demais para esperar um momento e explicar. Kracun, é o que ele disse. Ela não fazia ideia do que era aquilo.

Deixando o livro de lado, se levantou e seguiu para o hall de entrada. O conde estava lá, ricamente vestido com peles. Ele parecia exótico e estrangeiro, até mesmo romântico, como um personagem de um romance. Desviando o olhar, ela pigarreou. “Se estiver vindo conosco, melhor se agasalhar melhor”, observou ele.

“Thomas falou algo a respeito de um trenó.” Só se lembrava dos trenós pequenos que havia visto durante o inverno em seu país natal, mas aqui a neve era pesada demais para isso.

“Sim”, ele disse. “E está quase pronto. Melhor se agasalhar.” avisou, voltando-se para ela.

“Certamente”, respondeu e se apressou subindo as escadas, ainda sem ter a menor ideia do que estava acontecendo. Vestiu seu casaco de viagem, chapéu e luvas, se agasalhando assim da melhor forma que dispunha. Não tinha nada parecido com as peles que o conde usava, mas esperava não sofrer tão severamente. Vestindo seu chapéu e luvas, desceu as escadas de novo, onde Thomas pulava com empolgação, vestindo um casaco de pele tão pesado quanto o de seu pai. “Agora, o que é o Kracun que você falava?”

"É o Solstício de Inverno", respondeu. “Um festival.”

“Oh,” ela respondeu. Não fazia ideia de que haveria tais festividades no vilarejo. “Que adorável.”

O conde se afastou por um momento, mas, de repente, voltou, seguindo diretamente para a porta com suas passadas largas de costume.

Quando Estelle saiu do castelo, viu o trenó no lado de fora, um veículo com esporões largos de metal que afundavam na neve. Parecia ter saído de algum conto de fadas. Ao contrário da carruagem de sempre, o trenó se manteve firme quando ela subiu nele para se sentar ao lado do conde e de Thomas. Balog colocou uma pele enorme sobre eles, antes que o conde assumisse as rédeas, estalando-as no traseiro dos cavalos. Começou a avançar lentamente, mas logo ganhava velocidade, com um som raspado que aumentava enquanto os cavalos puxavam todo o peso do veículo.

Era uma sensação completamente diferente de viajar na carruagem, o trenó deslizava e às vezes se inclinava de forma instável, mas era pesado o suficiente para não virar. Era fácil entender porque precisava de quatro cavalos para puxá-lo. Era um belo trenó, com pinturas na dianteira arredondada. Devia ser muito antigo, mas obviamente estava bem conservado.

“Eu não sabia que o Solstício de Inverno era celebrado aqui. Na Inglaterra os solstícios são apenas lembrados como rituais pagãos.”

“As raízes do festival aqui são tão pagãs quanto,” respondeu o conde, olhando para ela rapidamente. O trenó estava sendo muito bem conduzido por ele, ela notou, o conde era muito proficiente. Os cavalos estavam avançando em um ritmo acelerado, apesar de o conde trilhar o caminho pela estrada escondida sob a neve. Mas ele parecia saber bem o que estava fazendo. "É o dia mais curto do ano e a crença é de que o Sol é derrotado pela escuridão e pelo poder maléfico do Deus Negro. Nesta noite acendemos as fogueiras para afastar a escuridão."

“Oh,” Estelle deixou escapar sua surpresa, sentindo-se de repente menos festiva. “Todos os rituais aqui têm necessariamente origens sombrias?” Parecia haver um véu de escuridão sobre todas as tradições e histórias húngaras, pelo que observava.

"Pela nossa história, temos um hábito de esperar pelo melhor e esperar pelo pior. As superstições têm um peso forte nesta região, principalmente nas áreas mais remotas. Nas cidades é diferente, claro. Budapeste é tão cosmopolita quanto qualquer outra na Europa."

“Não tive oportunidade de conhecer. Talvez na viagem de volta para casa”, respondeu, e se interrompeu em seguida. Talvez fosse grosseiro de sua parte falar sobre as coisas que estava ansiosa para fazer quando partisse dali. Soava como ingratidão. Mais uma vez, o medo que sentia de falar algo errado criava novas raízes.

A neve havia parado de cair e toda a terra parecia iluminada. O dia já estava terminando, na verdade, e a escuridão logo chegaria. Um festival de fogueiras talvez fosse mais apropriado para a escuridão, concluiu.

O vilarejo todo parecia brilhar à distância, e vendo-o agora, Estelle hesitou, lembrando como os aldeões não haviam sido amistosos com ela. Esperava que, pelo menos, o festival os tornasse mais amigáveis.

A neve havia sido removida da rua principal do vilarejo e as pessoas passavam por ali conversando animadamente, vestidas com peles pesadas. Não era difícil conseguir peles nessa região. A peliça sobre seus joelhos estava garantindo que ela se mantivesse aquecida.

O conde desceu do trenó e veio ajudá-la a descer. Por vezes ele mostrava uma educação maravilhosa, e segurava-a com força para ajudá-la. Não pôde evitar que seu coração se acelerasse um pouco ao seu toque, mas se recusava a deixar que percebesse como seu toque a afetava.

Ninguém estava exatamente desdenhando deles, mas também não estavam exatamente os recebendo também—simplesmente os toleravam. Bem, cada relacionamento precisava começar de algum ponto, supunha.

“Bem-vinda ao vilarejo", disse ele. Ele disse o nome do vilarejo, mas ela não poderia reproduzi-lo nem se tentasse. Não teve coragem de dizer que já o havia visitado algumas vezes, incluindo o primeiro dia de chegada quando vagou por ali à deriva. "É tão antigo quanto o castelo.”

“Certamente é bem pitoresco.”

Seguiram caminhando, ela com a mão sob a dobra do braço dele. Mais uma vez, procurava não pensar se seria assim que seria que caminharia pelas ruas com um marido - apesar de que seu marido seria inglês e não caminhariam para uma festividade que celebrava a vitória da escuridão sobre a luz.

Mas por enquanto, o conde parecia até mesmo que pretendia mostrar o vilarejo a ela. Parecia relaxado e confortável, e extremamente belo. Estelle afastou o olhar e corou. Sob seus pés a neve esmagada fazia um som áspero. Já havia escurecido, mas as luzes ao redor do vilarejo criavam uma atmosfera alegre. Os aldeões ainda pareciam taciturnos, mas não poderiam ter qualquer outra aparência sob tais circunstâncias. A escuridão havia lançado uma sombra bem ampla sobre o vilarejo naquele ano.

“Apesar de alguns desentendimentos que tivemos, espero que esteja gostando de passar seu tempo conosco.”

“Certamente”, respondeu. Ela gostava quando eles eram respeitosos e cordiais. Era bem mais agradável. Também se sentiu comovida por ele demonstrar alguma preocupação quanto a seu bem-estar. “Eu me entendo muito bem com o Thomas”, respondeu, mas as sobrancelhas dele se fecharam.

“Porém?” perguntou ele, aparentemente percebendo sua hesitação.

Provavelmente não era se sua função dizer isso, e poderia muito bem-estar ultrapassando outro limite—mais uma vez, porém, ela o faria de qualquer maneira. "Ele sente muito sua ausência, provavelmente muito além do que pode imaginar. Há uma companhia pela qual ele anseia que não cabe a mim compensar.

“A senhorita acha que eu negligencio meu filho?” indagou ele com surpresa. Parou de andar e Estelle engoliu seco com o nervosismo.

“Não, é claro que não, mas ele gosta muito da sua companhia, e não há muito tempo restando para isso.”

O olhar do conde estava fixo no dela, procurando extrair algum significado, e esperava que ele entendesse que ela expressava mais preocupação do que julgamento.

“Entendo que não sobre muito do seu tempo, mas...”

“O meu tempo é mais escasso do que eu posso ceder.”

O desapontamento cresceu em seu coração, se lamentando por Thomas.

“Pensarei a respeito do que disse”, respondeu ele. Estelle sentiu-se aliviada. Era um problema que já há preocupava fazia um bom tempo. Thomas precisava de maior presença de seu pai e ele raramente estava por perto. Mesmo quando estava, estava fechado em seu escritório. Os últimos dias, com o conde em casa e presente

durante o jantar, Thomas havia amado cada segundo, estava até mais empolgado.

O conde começara a falar algo em húngaro. Sua voz soava diferente, em tons mais bruscos em sua língua nativa. Não era de forma alguma um idioma desagradável, mas não compreendia uma única palavra, fazendo-a se sentir em outro planeta.

Thomas havia ido a algum lugar, e Estelle se pôs a perambular pela rua. Os aldeões estavam visivelmente em um clima alegra, conversando e comendo. Um grupo estava reunido onde duas ruas se cruzavam e uma fogueira queimava bem no centro.

“Serve para afastar a escuridão”, disse o Professor Szousa, parando ao lado dela trajando um casaco pesado. Seu nariz estava avermelhado por causa do frio. "É a minha primeira vez nas festividades de Kracun também, então pelo menos isto temos em comum. Vê a fogueira ali?" indagou apontando à distância onde uma enorme fogueira queimava. “Está perto do cemitério. Eles a acendem para manter o espírito dos falecidos aquecida. É a noite em que o mundo dos vivos e dos mortos ficam mais próximos um do outro.”

“Como na Noite de Todos os Santos?”

“Bem, eu também estou feliz em revê-la. Estive preocupado com a senhorita”, disse, olhando ao redor com os olhos arregalados, como se para se assegurar que ninguém os estava notando.

“Me parece que estamos em uma boa época para preocupações.” respondeu.

“Senhorita Winstone, preciso implorar que a senhorita vá embora. Abandone este lugar; saia da Hungria,”, disse ele voltando-se para ela com a voz sussurrada e os olhos brilhando com receio.

Não sabia o que dizer por um momento. “Não, eu estou, com certeza, segura onde estou.”

“Está mesmo?”

“Posso assegurá-lo que sim.”

“Ou talvez esteja no pior lugar em que poderia estar.”

“Não estou muito certa quanto ao que está tentando insinuar, Professor.”

“Por favor, pense em meu pedido, Senhorita inonesto. Não acha curioso como ele se ausentou todas as vezes em que os desaparecimentos aconteceram?” conduziu-a para longe da fogueira

no cruzamento entre as duas ruas. "Estou profundamente preocupado, e acho que a senhorita está em grande perigo."

Estelle não sabia o que dizer. Por um momento estava tomada pela confusão em sua mente. Os pensamentos vinham em turbilhão em sua mente, junto com as acusações do professor.

“Sei que não é certo dizer tais coisas. Não tenho provas,” continuou. "Mas as circunstâncias são gritantes demais. Você precisa fugir daqui, principalmente se a ameaça estiver no mesmo lugar onde vive. Não vale a pena se sujeitar ao risco." ele ainda sussurrava, mas não podia negar a seriedade que havia em sua voz.

“Estou certa de que a sua imaginação está exagerada”, e era tudo que ela podia responder.

"Por favor, pense a respeito do que disse. Apenas fuja. Esta decisão pode salvar a sua vida. Entendo que ele pode ser tão encantador como o próprio demônio, mas leve em consideração como os aldeões o veem. Eles vivem aqui há anos, e não há um deles sequer que confie nele. Não o deixe enganá-la a ponto de achar que a senhora pode confiar nele."

Parou de repente e pareceu congelar, sua atenção distante dela. Seguindo seu olhar, Estelle viu que o conde se aproximava. “Professor. É uma noite peculiar, não acha?” perguntou.

“Em tempos como estes, as pessoas anseiam mais do que nunca por afastar a escuridão.” A voz do professor soava hesitante.

“Creio que esteja certo”, disse o conde. “Aonde está o Thomas, você o viu?”

Estelle olhou ao redor à procura do garoto, sua mente e coração pareciam um turbilhão. Seria possível que o que o professor insinuava pudesse ser verdade? O conde não era assim. Certamente, ela teria notado algum sinal se ele fosse um monstro. Poderia um monstro se esconder tão bem por trás de um rosto tão belo?

“Não vamos ficar por muito tempo”, disse o conde. “Os cavalos estão cansados e precisam retornar ao estábulo e tivemos sorte do clima estar firme. Mas tudo pode mudar rapidamente por aqui.”

“Certamente”, respondeu Estelle com um sorriso que não sabia se tinha conseguido demonstrar sinceridade. Estaria ela prestes a partir com o homem que sequestrara e ferira mulheres? Não, o professor estava sendo imaginativo, disse a si mesma enquanto se recompunha. “Talvez devêssemos chamar Thomas.”

“Vou tentar encontrá-lo”, respondeu o conde.

“Pense no que eu disse”, aconselhou mais uma vez o professor, e então partiu.

Estelle não sabia ao certo como se comportar agora. Se sentia profundamente nervosa. O professor havia lançado uma nuvem de medos sobre ela. Ele só podia estar enganado. O conde não estava presente quando os desaparecimentos aconteceram, mas então a acusação era justamente de que ele não poderia estar. Não, não era possível.

Viu ele retornando, vindo em direção a ela com Thomas ao seu lado. Ele sorria e parecia em paz. Aquele não seria o sorriso de um monstro, seria?

Capítulo 24:

O conde ficou no castelo durante os dias seguintes—não que ele tivesse escolha, uma vez que a neve forçava todos a permanecerem ilhados dentro de casa. As palavras do professor ainda insistiam em ressoar em sua mente, mas a cada dia que passava, mais elas pareciam fantasiosas e absurdas.

Ela e Thomas continuavam com a rotina de sempre, exceto pelo fato de que Thomas precisava de distrações dentro do castelo, ou às vezes ele passava o tempo com o pai. Agradava Estelle que eles estavam passando alguns momentos juntos, só os dois.

Toda noite ceavam juntos e Thomas era quem geralmente mais falava, contando sobre suas mais recentes aventuras. Era um garoto tão amável, Estelle pensava enquanto ouvia ele contar cheio de empolgação mais uma vez sobre uma caça a um urso que havia ido com os homens, enquanto aquela fera poderosa lutava contra os cães. Por mais que Thomas achasse a história fascinante, Estelle estava ligeiramente cansada com a repetição, sentindo imensa pena do pobre urso.

“Você vai sentir falta da liberdade que tem aqui”, disse o conde depois que Thomas terminou de contar a história. “Não terá muita liberdade na escola.”

“Eu tenho mesmo que ir?” perguntou Thomas, quase choramingando.

“Receio que sim. É hora de você começar a educação formal e encontrar seu caminho entre seus iguais.”

Thomas parecia decepcionado. Estelle percebeu que ele estava receoso quanto a uma mudança tão grande em sua vida. Ela mesma, quando partiu da escola de seu vilarejo pelo menos passava todas as noites em casa. Sua escola não havia sido uma experiência tão impactante como provavelmente seria para Thomas, que estava inclusive mudando de país.

“Ouvi dizer que os Alpes são maravilhosos”, comentou. “E pelo que soube, lá eles têm as melhores orquestras da Europa.”

Thomas não parecia impressionado.

“Vamos para a sala”, sugeriu o conde, e todos se levantaram.

Todo aquele cenário parecia amigável. A noção ainda que fantasiosa de pertencer a uma família mais uma vez emergia em sua mente. Mesmo que lembrasse a si mesma que era por apenas um curto período de tempo, a ideia de ter um marido e família estava profundamente enraizada em sua mente. Basicamente, aos vinte e sete anos ela estava velha demais para ser elegível ao casamento, e pobre demais para ser recebida na sociedade, então, se estivesse cogitando se casar, seria melhor que tivesse baixas expectativas—talvez um lavrador.

"Cartas", exclamou Thomas quando chegaram ao salão. Estelle preferia que jogassem xadrez de novo enquanto ela se recolheria para ler um livro, mas Thomas queria jogar cartas. O conde olhou para ela esperando-a confirmar que estaria de acordo, sentindo-se constrangida com a atenção. Odiava sentir-se assim, mas não podia evitar.

“Talvez algumas rodadas ajudem a noite a passar mais rápido.”

"Se conseguirmos mantê-la longe de seu livro", zombou o conde. Havia algo quase que malicioso em seu olhar. "Deve ser um livro fascinante, pois enquanto o lê parece que não existimos mais."

Mas aquilo não podia ser mais distante da verdade. Ela se mantinha bem atenta a eles quando presumia que eles não a estavam percebendo, ou melhor, quando o conde não a estava percebendo.

A mesa para jogar cartas e pequena e quadrada, e quando Estelle sentou-se em seu lugar, Thomas sentou-se ao lado dela e o conde no lugar oposto. “O que jogaremos?” perguntou o conde.

“Rei de Espadas”, sugeriu Thomas.

“Então, será Rei de Espadas.”

O conde embaralhou as cartas e parecia que estavam jogando algo parecido com Solteirona, um jogo que podia ser facilmente jogado por crianças. Distribuiu algumas cartas.

“então, você já tem algum plano do que fará depois que nos deixar?” perguntou o conde e Estelle sentiu-se corar mais uma vez. Sabia que não devia ter mencionado esse assunto.

Pigarreou, hesitante. “Estive pensando em talvez aproveitar alguns dias a mais na viagem de volta para casa para explorar um pouco. Certamente não terei outra oportunidade de visitar algumas cidades e conhecer algumas paisagens novamente.”

“Tais como?”

“Veneza.”

“Veneza é linda.”

“Já esteve lá?”

“Ah sim, várias vezes. Minha família possui alguns imóveis lá.”

“Oh?”

"Uma tia-avó se casou com um príncipe de Veneza. Com o passar do tempo, uma das propriedades acabou passando para a família. E claro, você será bem-vinda se quiser se hospedar lá", afirmou.

"É muito generoso de sua parte."

“Poderíamos ir juntos”, sugeriu Thomas. “E nós mostraríamos Veneza para você.”

A sugestão de Thomas era inapropriada, mas ele não entendia a respeito de tais modos e ela estava comovida com o quanto ele a considerava. “Estou certa de que o conde estará ocupado demais para se ocupar com tais atividades.”

“Talvez”, respondeu o conde. “Mas por outro lado, deveríamos aproveitar a sua companhia enquanto ainda a temos, antes que pegue o seu caminho de volta para casa.”

Olhou para ele, e seus olhos negros estavam fixos nela e se sentiu corar novamente, mas, ao mesmo tempo, incapaz de desviar o olhar.

“Ou talvez pudéssemos todos nós ficarmos aqui.” sugeriu Thomas.

Estelle reconheceu que ele deveria estar com medo de se afastar do pai. “Ainda acho que você vai gostar muito da escola”, disse ela. "Poderá fazer muitos novos amigos lá."

“Talvez seja o pesar que sentimos quando pensamos em tudo que estamos deixando para trás”, observou o conde, mas sua atenção permanecia fixa nela, e não estava claro para ela o verdadeiro significado de suas palavras. O que ele estava dizendo? Estaria ele se referindo à sua própria experiência ao ser mandado para longe, ou algo além disso? A forma que dissera fora comovente.

Ele desviou o olhar, “E também haverá garotas”. Thomas fez um muxoxo e o conde sorriu. “Talvez seja melhor que a Senhorita Winstone o ensine a dançar, enquanto ela ainda está aqui.”

“Eu nunca vou dançar”, afirmou Thomas com firmeza.

"Nada como as certezas absolutas da infância. Acredite em mim, em algum momento no futuro, você encontrará alguma jovem que fará com que você se lamente não ter aprendido a dançar."

Thomas negou com a cabeça, e uma expressão de descrença, até mesmo um tanto enojado.

"Estou certo de que a Senhorita Winstone seja uma verdadeira pé de valsa. Já ouvi-la mencionar que já frequentou alguns bailes."

“Você se lembra de tudo que digo?” perguntou antes mesmo de conseguir pensar.

Encararam um ao outro por um momento. “Eu sempre presto atenção.”

Talvez porque estivesse atento ao que poderiam ser intenções piores que desonrosas, Estelle pensou consigo mesma enquanto desviava o olhar.

“Se ela for mesmo um pé de valsa, você deveria dançar com ela,” afirmou Thomas. Aquele comentário era extremamente rude e Estelle estava prestes a repreendê-lo.

“Talvez eu deva. Me concederia a honra, Senhorita Winstone?”

Seu queixo caiu com o convite inesperado. Para alguém que exigia tanto que seu comportamento fosse além do adequado e desencoraja qualquer postura que minimamente soasse como intimidade entre eles, sua atitude demonstrava exatamente o oposto.

Sua mão ainda estava sobre a mesa, com a palma aberta virada para cima, esperando a dela.

“Não sei se deveria-” começou a tentar se justificar.

“Por favor, Senhorita Winstone. Alguns passos talvez consigam quebrar a monotonia desta noite.”

“Não sabia que esta noite estava monótona.” Estaria a companhia deles o entediando?

“Dê um pouco de corda no gramofone, Thomas”, disse o conde enquanto se levantava e pegava sua mão. Ajudou-a a se levantar da mesa de jogatina e a virou de frente para ele, o calor de sua mão passava para a dela enquanto a segurava com firmeza e sua outra mão deslizava pelas suas costas. O calor parecia se espalhar pelo tecido de seu vestido até sua pele, aquecendo seu corpo todo.

O som delicado da música do gramofone começou e ele a conduzia dando um passo para trás. Estelle não sabia onde repousar o olhar, apenas se deixava ser conduzida, enquanto ele não parecia não sentir desconforto algum em encará-la diretamente nos olhos.

Ele dançava muito bem, e sua condução fazia com que os passos fossem leves e fluidos ao redor do salão, mesmo que ela estivesse

batalhando internamente para não se focar tanto na presença física dele. “Pensei que o senhor não gostasse de bailes.”

“Não exatamente. Está ansiosa em nos abandonar”, afirmou mudando de assunto de repente.

“Apenas me precavendo. Meu tempo aqui está, de facto, terminado assim que Thomas partir. Não estou certa quanto à sua afirmação de estar ansiosa. Não que eu esteja infeliz aqui. Apenas me preparando para o inevitável.”

“Acho que meu filho está encantado com você.”

Como? Encantado? Não. “Apenas nos entendemos bem. Somos bons amigos.”

“Pois eu acho que ele está tentando nos aproximar.”

Agora ela estava perplexa. “Creio que deve ser o medo das mudanças que o aguardam que estejam falando mais alto.” Estelle olhou ao redor procurando por ele, mas não estava mais lá. Havia saído da sala.

“Ao que me parece, ele já foi dormir”, observou o conde. Pararam de dançar, mas a mão dele permanecia em suas costas. “Talvez seja a forma que ele achou de pedir que você fique”, sussurrou.

Boquiaberta, Estelle sentia-se encurralada. “Não estou certa de que o senhor esteja entendendo minhas intenções.”

“Ou talvez ele consiga ver, com a perspectiva de uma criança, uma forma de unir duas pessoas que ele gosta.”

Ele havia mesmo falado uma vez que estava preocupado em deixar o pai sozinho. Entretanto, ela não seria a solução para tal problema. Certamente ele compreenderia. Mesmo assim, estava mortificada de vergonha. "Problemas complexos às vezes são bem simples na mente de uma criança."

“Que problemas são complexos?” perguntou.

Antes mesmo que ela pudesse pensar em uma resposta, ele a beijou repentinamente. Uma sensação de ternura branda se espalhava por ela, inesperada e aconchegante. Mas ao mesmo sabendo, sabendo quem ela era, não conseguia acreditar que estava sendo beijada por ele. Os toques de seus lábios predominavam sobre qualquer pensamento consciente, era irresistível e sedutor. Parecia ser tão certo, mas, na verdade, era tão errado.

Quando o beijo acabou sentiu que seus lábios pareciam adormecidos, pulsando com desejo e até mesmo surpresa. Os olhos

dele brilhavam enquanto se fixavam em seus lábios como se os desejasse mais uma vez.

Pigarreou enquanto dava um passo para trás, seus braços cruzados sobre o peito. Se não se controlasse, buscaria aquele beijo mais uma vez. O desejo ainda predominava em sua mente. "Uhm", disse, mas sem saber ao certo que diria. "Talvez seja melhor eu me retirar", disse, incapaz de pensar no que mais poderia dizer a ele. Precisava sair dali, pois o que ele a estava oferecendo era tentador demais, além de ser exatamente tudo que ele havia declarado tão enfaticamente que não queria que acontecesse. Infelizmente ele parecia mais do que disposto a ela naquele momento, e tão profundamente belo que ela queria apenas poder olhar para ele, deixar que seu olhar repousasse naqueles olhos negros e se esquecer de tudo o mais.

Precisou obrigar mentalmente suas pernas a andarem, se retirando da sala e subindo as escadas às pressas para que chegasse logo em seu quarto, sã e salva.

Capítulo 25:

A lembrança daquele beijo reaparecia na mente de Estelle durante todo o dia seguinte. Não conseguia parar de pensar a respeito dele e o que ele significava. Parecia que o coração e a mente do conde diziam coisas diametralmente opostas e ela não conseguiria acompanhar—ou o beijo perdurar.

Seus lábios ainda formigavam; ela quase que podia ainda sentir os lábios dele contra os dela e não sabia o que faria com aquela vertigem que sentia. Não era uma sensação que ela apreciava; tinha um efeito desconfortável ao lembrar que o conde havia sido bem claro quanto a não haver a possibilidade de intimidade entre eles, e justo quando ela havia decidido que tal intimidade era impossível, ele a havia beijado.

Olhava distraída para a paisagem coberta de neve, quando de repente percebeu que Thomas estava tentando chamar sua atenção. “Me desculpe. Estava distraída”, disse ela, forçando a concentrar sua mente no momento presente.

“Acho que poderíamos acabar os estudos por hoje.”

“Você acha?” disse ela com as sobrancelhas levantadas...

“Amanhã é Véspera de Natal. Temos muito o que fazer.”

Essa lembrança a pegou de surpresa. Havia passado tão desapercebido. “Sim, é claro.”

Thomas bateu em retirada sem dizer mais uma palavra sequer, fazer algo que só ele sabia o que seria. Ele era mesmo o garoto mais encantador, mas precisava aprender algumas boas maneiras. “Pode se retirar”, disse ela para as paredes. Foi então que outra preocupação que estivera pedindo sua atenção voltou à sua mente. Era Natal, e ela não havia ainda escolhido os presentes. Não tinha condições de comprá-los, então precisaria fazê-los ela mesma ou encontrar algo que pudesse dar.

Voltou para o quarto, enquanto fazia um inventário mentalmente das coisas que havia trazido com ela. Sendo que tudo estava coberto de neve, não havia nada que ela pudesse fazer. Poderia ela se desculpar e dizer que não tinha nenhum presente para eles? Isto seria horrível. Por que não havia se precavido? O Natal não era algo

que a pegasse desprevenida. Acontecia todos os anos, exatamente na mesma época, mas por algum motivo ela havia se esquecido dele.

Com passos firmes, foi até sua escrivaninha e pensou em algo com que poderia presenteá-los. Tinha uma bússola que Thomas poderia gostar. Havia ganhado de presente, mas ela raramente o usava. Seria o presente perfeito para um pequeno aventureiro. Sentia-se triste ao lembrar que não a veria de novo quando ele fosse para a escola. A ideia de dar a ele a bússola para que ele se lembrasse dela era provavelmente a forma mais carinhosa que tinha de dar alguma utilidade para o objeto.

Pensamentos e lampejos da noite anterior voltaram de súbito a rodar em sua mente. A lembrança daquele beijo inundava sua consciência com uma intensidade absurda, que lhe causava vertigens, mas os pensamentos que mais a perturbavam não eram sobre o beijo em si, mas o que ele significava? A Condessa Vaczy havia dito que o conde costumava usar as mulheres para descartá-las depois. Obviamente, ele deixava uma certa abertura para tais anseios. Mulheres haviam sido magoadas, mas aparentemente elas esperavam que houvesse a possibilidade de que um mero caso se tornasse um casamento.

Seria isto que ele propunha um caso? A curiosidade que ele pensamento trazia vinha com uma onda de calor. Suas bochechas coraram. A maior probabilidade era de que nunca faria par com aquele homem. Na Inglaterra, muito se contava com seu comportamento impecável e ela jamais se atreveria. Uma pergunta desconfortável emergia: ela se atreveria agora? Não havia a possibilidade de alguém descobrir a respeito em casa agora e esta poderia ser a única chance que tinha.

Lembrava-se de quando era jovem e estava visitando a Senhorita Amalie Worthstroke e estavam conversando sobre os homens que considerariam como maridos e Amalie a levou até o escritório de seu pai onde mostrou um cartão pintado que estava escondido dentro de uma cigarreira que a deixou chocada. Um homem e uma mulher em tal flagrante não era igual a qualquer outra coisa que já havia visto antes. Na pintura, o homem agarrava o seio de uma mulher, abocanhando o mamilo rosado enquanto a mulher tinha uma expressão de profundo êxtase. Aquela imagem ficou impregnada em sua mente por um longo tempo, apesar de nunca ter ousado falar a

respeito, mas aquela imagem havia lhe passado uma boa noção de entendimento do porquê as pessoas prezavam tanto pela discrição em defesa de seus próprios interesses. Não que ela tivesse algo assim a esconder, é claro.

Sentia-se profundamente nervosa só com a lembrança daqueles olhos negros olhando para ela, não tanto pela súplica, mas pela curiosidade que sentia em seguir adiante.

Não, ela não podia, disse a si mesma. Sem dúvida se seguisse com tal sugestão não encontraria nada além de problemas, incluindo a ameaça de acabar com um bebê na barriga. Aquilo certamente arruinaria sua vida. Uma porção absurda dela dizia ainda que valeria a pena. A pobreza talvez seria amenizada se tivesse um bebê para amar. Poderia ser sua única chance de amar alguém como se deve e por inteiro.

Desprezou tais pensamentos fantasiosos. Isto não era para sua vida. Havia sido destinada a dormir em quartos pequenos e fazer suas refeições sozinha em uma copa enquanto ainda pudesse servir como governanta. Depois, poderia ser destituída ou dispensada. Sentiu-se invadida por uma sensação de desamparo, mas procurou se controlar. Era seu quinhão de vida, mas admitia que talvez se no futuro tivesse as memórias de um caso passado, poderia iluminar seus dias mais escuros.

Todos esses pensamentos conflitantes entre si giravam em sua mente. Como é que tudo havia se tornado tão complicado? Já não bastassem as ameaças constantes que havia além das muralhas do castelo. Percebeu que já não sentia mais medo, enquanto o conde estava ali. Mesmo que alguém invadisse o castelo, havia uma boa chance que ele não estivesse sequer por perto se fosse atacada, mas se recusava a se conformar com isso. Ela também não poderia ir atrás dele em busca de segurança, poderia?

Abriu o livro que estivera lendo, e deslizou o dedo sobre o marcador de página. No centro dele, entre duas finas camadas de vidro delicado havia uma centúria azul, cercada pela cartolina rígida cor de lavanda. Havia feito aquele marcador de página muito tempo atrás, quando sua vida ainda era simples e feliz. Talvez poderia dá-lo ao conde. Tinha tantas boas lembranças apegadas a ele, mas esperava que ele estivesse em um momento de sua vida em que também estava feliz e contente. Talvez ele nunca entenderia assim ao

olhar para o marcador de páginas, mas ainda assim, queria dá-lo a ele o que representava para ela: um presente com boas lembranças. Também suspeitava que no futuro, ela poderia se lembrar desses dias como dias felizes, que haviam sido bons enquanto duraram.

*

A Ceia da Véspera de Natal havia sido generosa. Até mesmo Balog e o cozinheiro ficaram, apesar de não terem comido. Um banquete para os funcionários seria servido mais tarde e eles até mesmo desceriam para se juntar aos aldeões na missa na igreja do vilarejo. A propriedade tinha sua própria capela e o padre viria mais tarde naquela noite.

O fogo na lareira brilhava enquanto se serviam e o clima estava agradável, mesmo que a escuridão cobrisse cada janela e avançasse até o teto. às vezes flocos brancos de neve caíam gentilmente na janela, acumulando-se nos peitorais. Ainda bem que não havia nenhuma nevasca encobrindo a trilha que os funcionários precisavam para ir ao vilarejo.

A mesa estava forrada com iguarias e carnes exóticas. Havia mais comida do que ela queria experimentar e muito mais do que ela aguentaria comer. Sabores novos, inclusive alguns que não podia identificar pareciam explodir em sua boca.

Thomas tagarelava como de costume, visivelmente extasiado. Os presentes estavam reunidos na antessala. e ele estava impaciente, seus olhos ver o relógio constantemente como se ele os dissesse quando que a Ceia estaria terminada.

“Pode se retirar”, finalmente disse o conde e ele disparou da sala de jantar.

Levantando a taça de vinho tinto, o conde tomou um gole e se recostou em sua cadeira. “Parece que o Natal chegou bem rápido este ano”, comentou.

“Verdade, eu quase fui pega de surpresa. Talvez seja por eu estar habituada a minhas próprias tradições de preparação para o Natal. As tradições são bem diferentes aqui.”

“Algum sim”, comentou. “Não todas.”

Colocou a mão dentro do bolso interno de seu casaco, retirou uma caixinha e colocou-a sobre a mesa, empurrando-a para ela em

seguida. “Um presente de Natal para você.”

Estelle sorriu corada. Não esperava que ganhasse um presente. “Não era necessário.”

Pegou a caixinha de veludo e a abriu, vendo um pequeno broche brilhante. Não era a primeira vez que ganhava joias de um patrão. Havia ganhado uma cruz de prata em um ano, mas havia algo de diferente neste presente, ela podia notar. Era frio ao toque e ao pegá-lo percebeu que era de ouro, ornado com pedras de rubi e safiras. Também tinha pérolas e diamantes. Não se tratava de um simples regalo; era uma joia. bem antiga, com camadas grossas de ouro. Não era algo que ele tivesse comprado; era uma joia. que pertencia à sua família, talvez tivesse até mesmo centenas de anos.

Estava boquiaberta enquanto observava o que tinha nas mãos. Ao que parecia o conde também estivera vasculhando à procura de presentes, só que exagerara um pouco ao tentar compensar. "Não posso aceitar isso", disse quase sem fôlego. Aquele broche deveria valer uma fortuna. Será que ele não sabia mensurar o valor de objetos como aquele? "Isto é um pouco demais". Colocou o broche de volta na caixinha, quase como se estivesse queimando seus dedos.

Olhando de volta para ele, tentava decifrar sua expressão. Ele moveu a cabeça suavemente. “Eu quero que você fique com ele.”

“Isto é uma herança de família”, lembrou-o.

“Sim. E sendo eu um homem rico, tenho bastante delas.”

“Não acho que você deveria doar coisas assim”, disse ela, quase não acreditando que estava tendo esta conversa. Com certeza ele sabia o valor daquele broche. “Não é do meu feitio aceitar presentes desse tipo. Não posso aceitar.”

“Eu sei que tipo de pessoa você é”, ele respondeu. “Eu não sabia a princípio. E quero que você aceite isto. Também tenho um bom conhecimento sobre como é a sua vida em seu país. Este broche pode ser a sua proteção da pobreza que pode recair sobre uma mulher sozinha e desprotegida. Fará com que eu me sinta melhor saber que quando você se for, não sofrerá. Para mim, este não é um presente fácil de dar, e talvez seja até mesmo um tanto egoísta.”

Estava tão comovida que lágrimas brotaram em seus olhos. Com aquele broche poderia comprar uma casa. O medo da pobreza que sempre pesava sobre seus ombros havia acabado de ser removido com aquele broche. Estava segura e poderia ter um futuro, coisa que

ela nunca havia sequer considerado. Era impossível que ela conseguisse expressar através de palavras o quanto significava para ela. Como ela poderia aceitar algo assim? Para ele, não era nada extravagante, apenas um objeto de valor entre muitos outros objetos de valor. Para ela, era uma passagem para uma nova vida sem perigos. Ele parecia compreender isso.

Podia sentir os olhos do conde a observando. “Não sei o que dizer”, disse. Será mesmo que não havia nenhum problema se ela aceitasse? Talvez ela poderia aceitar desde que ele deixasse bem claro que compreendia o que aquilo significava para ela. "O presente que tenho para o senhor é extremamente inadequado". O marcador de páginas parecia ser rudemente inapropriado em comparação ao broche que tinha diante dela.

Ele parecia surpreso. “Não pensei que você me daria algo”.

“Como eu disse, não pode nem ser comparado.”

Sentindo-se nervosa, pegou o marcador de páginas e colocou-o sobre a mesa, sentindo-se ridícula por dar uma ninharia daquelas como presente. Com a fortuna que ele tinha, que tipo de valor poderia ter um reles marcador de página?

“Isso é seu”, disse enquanto o pegava.

que situação horrível, pensou em pânico. Estaria agindo mal presenteando-o com algo que era seu? “Não tive oportunidade de ir fazer as compras de Natal. É uma centúria, colhida do campo que ficava atrás da casa onde cresci.”

“Não havia rosas, então?” disse, olhando para ela, aqueles olhos negros fixos nos dela, mas não havia sinal de desgosto ou desdém neles.

"Prefiro os prados." Então percebeu que poderia soar ingrata. "Rosas são belas, claro, mas eu gosto de campos abertos - onde as flores crescem como a natureza preferir."

“E como saberei onde você está se você me der seu marcador de páginas?”

Engasgou-se, não tinha a menor ideia de como responderia. Pigarreou, tentando se acalmar. “Eu farei outro. Talvez com uma rosa desta vez, uma rosa em botão, talvez. Quando são jovens, ficam lindas presas no vidro. Não sei ao certo se na época dos botões abrirem”. Sua voz desaparecia. Estava tagarelando como uma idiota.

Capítulo 26:

A pequena capela estava fria, e era suntuosamente decorada com folhas de ouro e colunas dóricas. Pinturas religiosas requintadas estavam penduradas nas paredes e havia um altar de mármore no centro. Atrás dele havia uma janela com um belo vitral. Estava escuro demais para que pudesse ver as linhas dos vitrais, que pareciam ser homens em robes e talvez uma mulher.

O padre era um senhor de meia-idade vestido com um sobrepeliz decorado com bordados de ouro. Era bem diferente das missas que estava acostumada a assistir em seu país. Nunca havia participado de uma missa Católica antes, mas podia acompanhar os procedimentos sem problemas. Apenas se absteria da comunhão, mas podia ouvir a missa e rezar.

Estavam somente ela, o conde e Thomas na capela, apesar de haver espaço suficiente para muito mais pessoas.

Como o sermão era em latim e húngaro, não conseguiu entender boa parte dele, então se concentrou em lembrar de tudo que havia perdido e tudo a que também era grata. O presente que ganhara do conde era muito mais que um presente e se sentia extremamente grata por ele. Mas sabia que por mais que significasse muito para ela, não era nenhum grande sacrifício para ele. Não o broche em si, mas a consideração que havia no gesto dele em presenteá-la com ele que a havia comovido. Ela o havia chamado de egoísta, certa vez.

Não havia sinal de expressão no rosto dele; estava de perfil, o nariz reto sobre os lábios grossos e o queixo levemente curvado. Era difícil identificar sua expressão na maior parte do tempo. Ele raramente demonstrava suas emoções, exceto talvez, quando estava entediado ou cansado. Olhando para ele agora, ainda não podia acreditar que pouco tempo atrás haviam se beijado. Corou ao perceber onde estava tendo tais pensamentos.

Finalmente a missa havia acabado e o conde conversava com o padre, que os acompanhava até a saída. Ao passar pela porta, Estelle pôde ver que o padre havia chegado até lá em um outro tipo de trenó —menor e parecia mais estável do que o que o conde tinha. O trenó

do padre precisava de apenas um cavalo e não demorou muito até que ele partisse de volta para casa.

O conde fechou os portões pesados, empurrando a neve para o lado de fora. Todos os criados haviam partido e estavam somente os três no castelo. Era uma sensação estranha.

Thomas bocejava ao lado dela. “Melhor você ir para a cama”, recomendou ela.

“Amanhã é Natal. Você viu o telescópio que ganhei? É lindo, eu posso ver as estrelas com ele.”

“Não esta noite” disse o conde enquanto terminava de trancar o portão. “Vá.”

Thomas pisoteou subindo as escadas. Será que o conde se referia a ela também? Era hora dela também se recolher, mas se sentia estranhamente desperta, apesar de já ter passado tanto da hora de dormir.

“Se quiser, pode tomar um drinque.” disse o conde. “Eu pelo menos, quero.”

Seguiu em direção à sala e Estelle o seguiu lentamente. O conde parou ao lado da mesa no canto da sala aquecida, servindo-se de uma taça de um líquido cor de âmbar.

“A missa foi muito bonita”, disse ela parada na porta.

Sentou-se diante da mesa de xadrez e serviu duas taças, desta vez com um líquido escuro. Estelle não sabia o que era aquela bebida, e por um momento se perguntou se não seria melhor se desse meia-volta e se retirasse também. Será que alguma coisa boa poderia resultar daquela ocasião? Disse a si mesma que era apenas um drinque. O problema na verdade era que talvez ela quisesse que fosse algo além disso.

Reprimindo qualquer objeção, sentou-se na cadeira no lado oposto dele. Aquela bebida era tão forte que ao tomar um gole acabou tossindo.

“Não está habituada a beber conhaque?” perguntou.

“Não costumo beber em geral. Meu pai reprovava o uso de álcool.”

O conde pareceu surpreso, como se aquela frase fosse bizarra para ela. “Mas você parece exagerar às vezes.”

“Não sou tão firme em minhas convicções, mas tomo precauções.”

“Faz sentido, o álcool pode encorajá-la a fazer coisas que jamais faria.". Havia uma certa malícia em seu olhar, mas, de repente, ele

parecia sério. "Provavelmente uma perspectiva sábia. Algumas pessoas se tornam tão dependentes dele que perdem toda a coragem quando se privam de beber, apesar de que desconfio que nunca será um problema para você, Senhorita Winstone. Você tem força o suficiente para não perder a coragem, qualquer que seja a situação."

Estelle lembrou-se de si mesma apavorada enquanto percorria os corredores escuros do castelo naquela noite em que ele retornou, e corou um pouco. "Tenho meus momentos de fraqueza.

"É assim que você chama esses momentos?" indagou.

Por um momento ela não conseguiu entender, quando ele se recostou, observando-a com o dedo indicador apoiado na têmpora e a taça de conhaque em sua mão. Percebeu então que ele se referia ao beijo. Um rubor queimava furiosamente por todo seu rosto. Seria aquele outro momento de fraqueza? "Também tenho algumas dificuldades em lidar com a curiosidade.

Deu outro gole na taça de conhaque, recostando-se mais uma vez de forma mais relaxada, enquanto a analisava. "Foi o seu primeiro beijo?

Na verdade, não havia sido. Teve um certo beijo roubado quando ainda era bem jovem, durante um baile. Aquele beijo tivera um enorme significado para ela na época e havia passado meses remoendo aquele beijo, revivendo cada minuto em seus menores detalhes. O que ela faria com aquele novo beijo? Podia ainda senti-lo em seus lábios como um fantasma. "Não foi exatamente o primeiro."

Cuidadosamente, olhou para os olhos dele, tentando decifrar o que ele pensaria. Tudo a respeito dele parecia tão convidativo. O que ele faria se ela se debruçasse sobre a mesa e o beijasse de novo? Seu estômago parecia congelar só com a mera sugestão.

Pigarreou, tentando disfarçar e desviou o olhar. "Talvez seja melhor eu ir", disse enquanto dava outro gole da bebida forte que queimava sua garganta. Na verdade, não estava muito certa de que compreendia o que ele queria com aquela conversa.

"Sim", disse ele.

Não havia como ela terminar de beber aquela bebida forte, então se levantou. "Mais uma vez, obrigada por tudo", disse enquanto a imagem daquele broche voltava para sua mente. Não conseguia ainda acreditar que ele havia dado tal presente.

Ele também se levantou. "Não precisa agradecer."

Não sentia que um mero agradecimento era suficiente. Ele havia assegurado todo seu futuro. Ninguém jamais havia feito algo assim por ela. Um simples agradecimento parecia inadequado.

“Você não me deve nada.” afirmou como se pudesse ler seus pensamentos.

Na verdade, ela entendia isso. Um presente não podia ter qualquer valor se não fosse dado por livre arbítrio. "Foi um Natal maravilhoso; o mais agradável que já tive em muitos anos.”

“Creio que a sua presença teve boa parte de culpa nisso”, respondeu em tom baixo, sem olhar diretamente para os olhos dela. “Provavelmente não seria sem a sua presença.”

Seu coração se acelerou. Aquela talvez fosse a coisa mais amável que ele já dissera. "Então somos ambos afortunados.

Puxou sua mão, trazendo-a para seus lábios. A maciez de seus lábios pressionaram sua pele, fazendo com que um calor se espalhasse até seu braço. Calafrios se espalharam como se energizassem cada parte dela. Sentia o toque de seu vestido em sua pele, principalmente a frente onde o tecido arranhava suavemente seus mamilos. Não imaginava que um simples beijo poderia causar tal reação. Sentia uma dor profunda causada pela ânsia que sentia pelos seus lábios, seu abraço, desejava-o com um desespero imensurável.

Enquanto ele se levantava do gesto, seus olhos se encontraram e ela viu uma profundidade escura e solitária, algo que ela podia identificar facilmente. Doía saber que ele conhecia essa sensação. Cada minuto em solidão e esquecimento que sentiu quando cada uma das famílias com quem ela trabalhara seguia cuidando de suas vidas e ela apenas testemunhava o amor que tinham uns pelos outros. Como será que ele conhecia essa sensação, ela não sabia. Mas era fato que ele conhecia.

Sem pensar mais, deu um passo adiante aproximando-se mais dele. Seus lábios eram quentes e macios, e sentia um alívio espalhando-se entre eles durante aquele beijo. Pelo menos naquele momento, não estava só. Estavam juntos. Ele a havia encontrado.

Tocou levemente seu rosto com a ponta dos dedos enquanto seus lábios tocavam os dela. Seu peito pressionava o dela, implorando por mais. sua mão segurava firme sua nuca enquanto ele a beijava com mais força, invadindo sua boca, explorando e saboreando-a.

Uma chama se acendia por todo seu corpo, transbordando de sua alma. Instintivamente, ela sabia o que era esse desejo que sentia. E queria mais.

Lentamente ele parou de beijá-la, enquanto sua testa estava encostada na dela. Sentia como se estivesse perdendo ele mesmo que ele estivesse bem ali. Seus lábios estavam fora de seu alcance, enquanto os seus imploravam por mais.

“Me desculpe”, disse ela, recuando um passo, mortificada com a própria atitude.

“Não peça desculpas, mas a não ser que se afaste agora, não a deixarei na mesma condição pura em que a encontrei.”

Engolindo seco, tentou se recompor, tentando reorganizar os pensamentos que ainda estavam enroscados naquela deliciosa suavidade. Havia acabado de se jogar em cima dele e ele havia basicamente a afastado. “Sinto muito”, repetiu, enquanto seus pés a levavam para longe dele antes mesmo que tivesse consciência de que o fazia.

Capítulo 27:

Por mais mortificada que Estelle estivesse pelo próprio comportamento, não mencionou mais nada a respeito na vez seguinte em que estivera com o conde. Ainda se sentia profundamente confusa consigo mesma, sabendo ter feito exatamente o que ele a alertara para não fazer. Felizmente para ela, ele parecia disposto a perdoar este pequeno deslize. Prometeu a si mesma que jamais aconteceria novamente, apesar de secretamente ainda prezar pela lembrança daquele beijo—de um dia em que seus modos não haviam sido tão controlados.

Deixando de lado um pouco aquele deslize, e uma vez que o pânico e instalara, o Natal havia sido maravilhoso. Apenas eles três, e a refeição fria que os criados haviam deixado prontas. Depois que anoiteceu, permaneceram juntos na sala principal, depois foram até uma das sacadas onde Thomas experimentou seu telescópio novo.

“O céu está abrindo novamente”, disse o conde enquanto se voltava para ela. “Precisarei viajar novamente em breve. O Governo retomará suas atividades daqui a pouco.”

“Precisa mesmo ir?” resmungou Thomas.

Estelle também não queria que ele fosse. Independente do episódio daquele beijo, havia uma relação amigável entre eles. Haviam sido momentos tão confortáveis, com dias curtos e longas noites sentados diante da lareira. Não havia a necessidade de entreter ninguém. Todos eles faziam o que bem queriam, mas faziam tudo juntos. Era triste pensar que momentos como aqueles, uma época tão feliz estava chegando ao fim. Mas não podia esquecer do fato de que não pertencia ali; aquele era o fato que ele lamentava precisar ressaltar. Ainda assim, ela se recordaria com carinho daqueles dias pelo resto da vida.

As coisas agora seriam bem diferentes para todos eles. Todos precisavam seguir cada um caminho diferente e Thomas também estava ciente disso, e desejava que apenas as coisas pudessem continuar como estavam um pouco mais. Os deveres do conde o chamavam e assim que a estrada estivesse liberada, ele partiria.

“Estou conseguindo ver”, disse Thomas empolgado. “Consigo ver a Lua. Ela é tão estranha.”

O vento congelante estava atravessando seu casaco assim como ardia em seu nariz. Mesmo assim, preferia ficar assim com eles, do que aquecida lá dentro.

Os olhos do conde estavam fixos nos dela, como se a mantivesse cativa pelo olhar. Talvez fosse melhor que ela começasse a pensar a respeito do futuro. Desviando-se do seu olhar, tentou se concentrar nas coisas que sentia saudades em seu país. Respirou fundo, estremecendo quando o ar frio entrou em seus pulmões.

“Melhor eu voltar para dentro”, disse ela. Não queria, na verdade, mas sabia instintivamente que ela melhor se afastar daquele conforto que agora conhecia, e a tentação que acarretaria. Era necessário manter distância se quisesse manter-se equilibrada.

A neve era esmagada pelos seus pés enquanto se afastava, se virou para ver se o conde a estava olhando enquanto seguia em direção a porta que dava para o interior do castelo. Será que ele também sentia isso, o fato de que aquele era o fim? Talvez não tivesse nada de errado em ter uma família que duraria apenas mais alguns dias e que pudesse apreciar por sua perfeição.

Estelle retornou para seu quarto ao invés da sala. Seria doloroso demais para ela passar mais tempo ali, agora que a decisão já havia sido tomada e havia sido aceita. Aquela fase estava encerrada e precisava decidir seu futuro por conta própria agora, antes que tudo se tornasse mais doloroso ainda, ou que acabasse se entregando à tentação.

Sentada diante da lareira, colocou uma nova lenha, acendendo-a em seguida. As chamas espiralavam diante dela. Algumas chamas não deveriam ser atiçadas. Queimavam com força e logo em seguida se apagavam. Mas as memórias delas continuariam ardendo por um longo tempo.

*

Os criados retornaram no dia seguinte. A neve havia cessado e o frio que a havia causado estava finalmente se dissipando. O dia estava claro, a neve diminuía e o céu brilhava novamente.

Estelle e Thomas observavam diante do portão enquanto o cavalo do conde estava sendo preparado. "As estradas já devem estar liberadas", ele disse enquanto vestia seu casaco pesado e colocava as luvas. O cavalo estava ansioso para partir - um belo cavalo Chestnut de raça incomparável. "Eu retornarei em breve", disse, parecendo estar falando diretamente com ela. Havia algo em seus olhos, como uma promessa, e o coração de Estelle parecia se encolher dolorosamente.

Queria pedir a ele que não lhe fizesse promessas, mas parecia que ele as faria de qualquer maneira.

“Manteremos o castelo seguro”, disse Balog enquanto colocava uma pistola na mala do conde. “E oramos para que sua viagem seja segura.”

Lobos, pensou Estelle. A imagem de lobos o perseguindo fez com que seu estômago se revirasse, e estava aliviada por ele estar armado. Na verdade, queria pedir a ele que não partisse, mas não era seu direito nem lhe competia tal atitude. Era apenas uma governanta, não importava qual promessa ela tivesse lido em seu olhar.

Thomas correu atrás dele o mais rápido que podia enquanto o cavalo trotava. A estrada estava limpa, a neve havia sido puxada para a encosta e assim ela permaneceria até a neve do próximo inverno.

Estelle voltou para o castelo enquanto Balog continuou no lado de fora com Thomas. Foi até a janela maior do salão, onde podia ver o conde seguindo pela longa estrada, uma imagem escura que se destacava pelo vale coberto pela neve.

Seus sentimentos estavam em um turbilhão de conflitos. Estava prestes a sucumbir contra tudo que ele a alertara - até mesmo a talvez se esgueirar até sua cama na hora mais escura da noite. Aquela solidão que havia percebido em seus olhos a assombravam, mas ele havia sido bem claro quanto ao que ela não deveria fazer. Ao contrário do conforto que haviam encontrado, ele não pertencia a ela e jamais pertenceria.

Nem sequer se atrevia a pensar a respeito do que aquele conforto poderia representar. Havia aquele, “porém” do qual ele havia avisado tão claramente, e ela se restringia firmemente para que não caísse nele. Quando a primavera chegasse, ela partiria dali, para nunca mais voltar.

De certa forma, seria mais fácil se o conde estivesse ausente, mesmo que ela ansiasse por sua companhia. Sua decisão de manter-se em seu devido lugar precisava ser levada a sério. O desejo que sentia por ele persistia, mesmo que se mantivesse em uma distância segura.

Mas agora era hora de retornar aos seus deveres, à educação de Thomas. Talvez pudesse até mesmo dar algumas aulas de dança, apesar de já prever a resistência dele. Sua função era prepará-lo - não o divertir. Ele teria algumas aulas de dança.

Certamente não seria fácil contratar músicos para tocar lá, então a caixa de música teria de servir, mesmo que trouxesse memórias dolorosas para ela. Será que aquela caixa de música não teria alguma outra canção? Esperava que sim.

*

Já não se sentia mais tão segura agora que o conde havia partido. Os corredores pareciam ser mais escuros e os ruídos do castelo mais altos. Parecia até mesmo que as cores lentamente empalideciam e perdiam o viço com a ausência dele.

Um ruído a distraiu de sua leitura, apesar de não ter conseguido se concentrar em uma única palavra do livro. Estava apenas encarando a página enquanto sua mente devaneava.

Balog bateu rapidamente na porta do cômodo e entrou anunciando que havia um visitante. O professor entrou na sala, vestindo um terno cor de creme. “Ah, Senhorita Winstone. Que amável encontro”, disse ele enquanto segurava suas mãos.

Estelle se levantou para cumprimentá-lo. “Noto que conseguiu seguir a estrada de sua casa até aqui. Espero que a neve não esteja tão espessa,”

“Está na verdade acumulada ao redor de minha casa, cobrindo até mesmo uma parte das janelas. Mas infelizmente não venho para trazer boas notícias. Na verdade, são notícias terríveis.”

O coração de Estelle batia com tanta força que doía, fazendo-a pensar que poderia desmaiar. Inúmeros pensamentos espiralavam em sua mente. Teria acontecido algo com o conde? Teria sido atacado pelos lobos? Ou teria acontecido alguma outra coisa?

“Mais uma garota desapareceu”, disse com uma preocupação séria e consternada.

“Não, de novo não”, disse Estelle engolindo seco. Lágrimas brotavam e escorriam pelo rosto e começou a perambular pela sala. Balog entrou trazendo chá. Não queria nenhum chá depois de ouvir tais notícias. Era profundamente devastador, mesmo que não conhecesse nenhuma daquelas garotas. “Isso precisa acabar” disse.

"É terrível. E pelo que soube, o conde está ausente de novo" prosseguiu cuidadosamente. "Não notou nenhum comportamento estranho ultimamente? Nada incomum ou fora do usual?"

“Não, claro que não. O conde é um homem adorável.” Um homem que a havia alertado que ela deveria manter distância em praticamente toda ocasião, uma parte traiçoeira de sua mente a alertava.

“Porém nunca se sabe o que há dentro do coração de um homem.”

Ela queria dizer o quanto ele havia sido generoso e atencioso. “Estou certa de que é apenas uma coincidência”, preferiu dizer. "Além disso, ele partiu ontem".

“Curiosamente, a garota desapareceu no mesmo dia.”

“Não pode ser. O conde Drezasse tem deveres a cumprir, reuniões a comparecer.”

“Mas não sabemos ao certo, não é? Só sabemos o que ele mesmo diz.”

O coração de Estelle parecia se encolher dentro do peito. Não, não era possível. O conde não escondia nenhum monstro dentro de seu coração. Ela teria percebido. Como ela poderia ter compartilhado aqueles momentos com um homem que esconderia tais segredos? Ela havia visto a alma dele através de seus olhos. "Não, o senhor está enganado, Professor. E tais pensamentos podem distraí-lo de encontrar o verdadeiro criminoso. Certamente alguém mais deve ser suspeito.

“Não estamos em Londres, minha cara. Não temos detetives aqui, mas precisamos exilar este homem. Enquanto isso, tenha cuidado você mesma. Está ciente de minhas preocupações com relação a você, presa neste castelo com um homem que levanta suspeitas a respeito de tais desaparecimentos a julgar pelo seu comportamento.”

Incapaz de argumentar, Estelle silenciou-se. O professor parecia convencido de suas suspeitas, e sua opinião estava firme em acreditar que o conde seria o único responsável pelo desaparecimento das garotas.

“Mais uma vez, imploro que deixe este lugar para trás.” pediu.

“Não posso”, respondeu. “Thomas ficaria completamente sozinho”. Ela jamais deixaria o garoto sozinho ali. Jamais.

Capítulo 28:

Estelle não podia evitar que as suspeitas e avisos do professor não as atingissem. Ele tinha razão a respeito do desaparecimento das meninas coincidirem com as viagens do conde, mas não conseguia se convencer que ele teria algo a ver com isso. Ou talvez ela mesma não estivesse se permitindo sequer considerar tal possibilidade. Se fosse verdade, ela se sentiria quase culpada de certa forma, já que ela conhecia aquele homem e havia sido completamente ignorante quanto ao fato de que estava convivendo com um monstro.

Mas se estava firme em suas convicções de que esse não poderia ser o responsável, significaria que o maníaco ainda estava à solta, e ela estava agora sozinha naquele castelo com Thomas. A suavidade que experienciara durante o Natal se dissipava e o castelo mais uma vez parecia frio e escuro. Os dias eram curtos e frequentemente monótonos e o anoitecer chegava cedo demais.

Havia sombras demais no castelo, muitos cantos escuros e rachaduras, e o fato de que não podia confiar nas paredes para que contivessem invasores, além das passagens secretas e corredores escondidos, tudo isso tornava o medo bem pior.

Assim como com as outras garotas, não havia nenhum sinal desta, ou ao menos Balog não tinha nenhuma nova informação a respeito. O professor não retornou, apesar de tê-lo visto com os outros homens procurando pelo vale. Era horrível, mas provavelmente era uma empreitada infrutífera antes mesmo que começassem as buscas. Seja lá quem estivesse sequestrando aquelas garotas estava tomando todas as precauções para que elas não fossem encontradas. Eles não iriam continuar procurando todas as vezes.

Estelle estremeceu enquanto os observava. Não queria mais aquelas noites de volta, aquelas em que se sentia vulnerável e apavorada com o menor ruído no castelo, temendo que algum maníaco pudesse invadir seu quarto.

Ocorreu-lhe então um pensamento horrível. Se havia um maníaco, o castelo seria um dos poucos lugares onde ele poderia se esconder além de alguma caverna. Era bem improvável que houvesse alguma construção no vilarejo onde ele pudesse estar escondido. O castelo

contava com inúmeros cômodos em desuso e se ele soubesse algum caminho secreto para entrar ou sair, ele poderia passar despercebido.

Uma sensação incômoda percorreu sua coluna e sua garganta parecia tensa e seca. Era uma noção horrível de se pensar que havia algum monstro planejando seu próximo crime, e talvez este estivesse bem debaixo de seu nariz. Aqueles bem poderiam ser seus últimos dias na Terra.

Cruzou os braços com firmeza sobre o peito, com a impressão de que deveria fazer algo. Talvez houvesse alguma maneira que ela pudesse se precaver, caso aquele maníaco a atacasse. Assim como Thomas, ela poderia manejar alguma arma, mas suas habilidades com armas não podiam ser mais escassas. As aulas de esgrima de Thomas haviam sido profundamente inúteis. Precisava de alguma outra forma de se proteger, mas não sabia qual.

Havia muitas armas ao redor. Em algum momento no passado, aquele castelo havia sido uma fortaleza, propício para proteger os moradores contra exércitos. Havia até um arsenal de armas, Thomas havia contado uma vez, apesar de nunca o ter encontrado.

Quando anoitecesse, estaria sozinha em seu quarto, ouvindo atentamente cada ruído, temendo cada sombra. Estar armada talvez a ajudasse a se sentir melhor—qualquer item que pudesse usar para se proteger. Mas onde diabos que haveria um arsenal? Não poderia estar perto dos estábulos, mas era provável que o arsenal tivesse sido levado a outro cômodo, já que sua utilidade não era mais necessária naqueles dias. Poderia estar em qualquer lugar.

Nem Balog nem Thomas estavam por perto naquele momento para que ela perguntasse. Talvez ela pudesse procurar sozinha, talvez até encontrasse algo que servisse como arma no caminho. Havia muitas armas que serviam como decoração, apesar de que as espadas no brasão da sala de jantar eram pesadas demais para que tivessem alguma utilidade. Precisava de algo mais leve, algo que pudesse manusear facilmente.

Saindo do conforto de seu quarto, começou a procurar, indo em partes do castelo onde jamais ou raramente estivera. Encontrou quartos e mais quartos, outro salão que há muito não devia ser usado pelo cheiro de mofo que vinha dos móveis e das cortinas. Havia algo que parecia ser um boticário, mas estava completamente coberto por uma grossa camada de poeira. Parecia que alguém ali fora um dia

interessado por química e ervas, mas suas atividades foram abandonadas há um bom tempo.

Seguindo por outro corredor, Estelle entrou em um cômodo enorme—era um dormitório. O mobiliário era luxuoso e algo sugeria que alguém vivia ali. Era feminino demais para ser o quarto do conde. Aquele era o quarto de uma mulher. Havia um guarda-roupas e uma penteadeira, e uma espreguiçadeira linda.

Havia um quadro sobre o piso de mármore frio, uma bela mulher com cabelos castanhos esvoaçantes, em um estilo elegante. Demorou um tempo até que percebesse que estava no quarto da condessa, e que havia sido deixado exatamente como estivera—assim como o jardim das roseiras antes que Estelle cuidasse dele.

O amor dela pelas rosas se estendia até o quarto, onde as cortinas eram cor-de-rosa e douradas. Era um quarto incrivelmente belo, mas também era um mausoléu. Todos os pertences dela eram preservados como ela os deixara, como se ela simplesmente tivesse deixado o quarto - para acabar com a própria vida naquela ponte.

Estelle sentiu suas sobrancelhas ficando tensas. Não deveria estar ali. Era uma invasão de privacidade, mas não sabia distinguir se seria à privacidade do conde ou da mulher que havia sido sua esposa. O belo quarto refletia o sofrimento pelo qual aquela mulher deveria ter passado. Parecia luxuoso e feminino. Perfumes estavam enfileirados sobre a penteadeira, assim como suas escovas de cabelo e grampos.

Havia um livro no lado direito, aberto com uma caneta entre as páginas. Deu uma olhada mais de perto, percebendo que se tratava de um diário íntimo, deu um passo atrás. Seria ali que ela desabafava sobre suas angústias? Alguém deveria fechá-lo, mas assim como o resto, fora deixado exatamente como deveria ter sido deixado pela condessa quando ela partiu.

Assim como o jardim das roseiras, aquilo não era da conta de Estelle, mas sentia que o diário deveria estar fechado. Ainda assim, não era função sua fazê-lo. O conde já havia se enfurecido quando mencionara a ele sobre o jardim das roseiras e podia presumir que ficaria igualmente furioso se começasse agora a xeretar os assuntos da condessa falecida.

Tentando se conter, olhou mais uma vez para o diário e se afastou. A caneta que repousava entre as páginas do diário era belíssima, mas agora servia apenas para registar o fato de que uma mulher a

possuíra um dia. As páginas estavam escritas em tinta preta e Estelle não leu o diário, mas pôde distinguir claramente a palavra “maravilhoso” antes que se virasse e saísse.

Ficou com a palavra presa em sua mente enquanto saía às pressas do quarto onde não deveria ter entrado. Que palavra estranha para ser usada por uma pessoa no dia em que estava planejando acabar com a própria vida. Tentava formar frases com aquela palavra mentalmente, mas não havia nenhuma que fizesse sentido.

Ficou parada no corredor enquanto sua mente se recusava a esquecer aquela palavra. Maravilhoso. Era uma palavra tão alegre. Saraus eram maravilhosos. Tudo bem, talvez ela estivesse associando a palavra apenas a coisas que eram tipicamente maravilhosas, mas nada que tivesse um significado profundamente melancólico.

Aquilo não era de sua conta, mas algo dentro dela a inquietava. Alguma coisa estava faltando. Respirou fundo, tentando pensar no que faria. Seria melhor continuar se afastando, mas algo estava errado.

Cedendo à curiosidade, cuidadosamente retornou ao quarto e se aproximou do diário. Aparentemente, se tratava de sapatos maravilhosos. Continuou lendo. Ekaterina, este era o nome da mulher, e ela havia mencionado sapatos e depois escrito algo sobre construir uma estufa para laranjeiras.

Com os olhos bem abertos, Estelle olhava para a página, enquanto sua mente inconsciente processava informações antes mesmo que sua mente consciente percebesse. Não havia nada escrito ali que sugerisse que a autora estava em profunda melancolia. Aquela redação leve havia sido escrita por uma mulher relativamente contente e feliz. Preocupações típicas do cotidiano. A não ser que ela fosse muito bem-sucedida em esconder seus próprios sentimentos de seu próprio diário.

O conde agride as mulheres, uma voz ecoou no fundo de sua mente. Não era somente o professor que dissera isso; a Condessa Vaczy havia dito algo parecido.

A verdade horrenda aparecia agora. A Condessa Drezasse não havia tirado sua própria vida. Sua queda da ponte não havia sido por iniciativa própria. Mas poderia ter sido um acidente, tentou justificar

mentalmente, mas não fazia sentido, não havia motivo ou circunstância que justificasse uma queda acidental. A não ser, é claro, que estivesse sentada sobre o parapeito, ou caminhando sobre ele e perdido o equilíbrio.

Uma criança poderia se sujeitar a tais riscos, mas uma mulher adulta jamais se sentiria inclinada a brincar em lugares altos. Pensou em Thomas e logo se perguntava qual grau de bronca seria apropriado se ele se arriscasse brincando daquela maneira. Mas uma mulher adulta—aquele não era o comportamento de uma mulher adulta a não ser que estivesse emocionalmente perturbada de alguma forma. As palavras em seu diário diziam apenas sobre os pensamentos mais mundanos que uma mulher poderia ter. Sapatos e laranjeiras.

Só podia chegar a uma conclusão. A mulher estava morta, mas não havia se matado. O que estaria ela fazendo naquela ponte? Estaria ela atravessando-a, talvez em viagem? E de alguma maneira havia acabado ladeira abaixo.

A imagem daquela morte passou rapidamente pela mente de Estelle.

Que outra conclusão poderia existir além de que ela teria sido jogada ou empurrada? Alguém fora frio e calculista o suficiente para assassiná-la, acabando com a vida dela a troco de algo—ou talvez apenas por insanidade.

Capítulo 29:

Estelle sentia às vezes que parecia que seus nervos a dominavam. Não sabia o que pensar. Uma parte dela queria continuar acreditando firmemente que o conde não poderia ser o responsável por qualquer um dos infortúnios que estavam acontecendo, mas outra parte sua continuava procurando por provas, dizendo a si mesma que todos os fatos que tinha apontavam para ele.

Recordava e repensava sem parar em cada uma das palavras que trocara com ele, cada comentário tentando identificar qualquer pista que pudesse acalmar sua mente e a sensação desconfortável. Algo dentro dela se inquietava, não conseguia dormir e sua mente se recusava a relaxar. Era como se sua mente se agarrasse a algo importante que não a permitia jamais esquecer.

Cada dia que passava parecia preceder algo desagradável, algo que ela não queria enfrentar. Mas não havia escolha, pois uma certa tarde, Thomas entrou correndo no castelo anunciando que seu pai estava chegando e estava indo encontrá-lo.

Com um suspiro trêmulo, Estelle colocou seu livro na mesa ao lado e se levantou, indo em direção à janela. Era fácil ver silhuetas na estrada para o castelo em contraste com a neve. Não era mais de uma maciez brilhante como quando começara a cair. Estava mais densa agora, parecendo mais com um cobertor branco que encobria a terra.

O conde cavalgava seu cavalo em um passo acelerado. Estava retornando ao castelo e Estelle ansiava por este dia, por ver algo nele que dissesse que as suspeitas que tinha a respeito dele estavam corretas. Algum comentário, ou um olhar diferente.

Fosse o conde culpado de tudo, apenas uma parte ou de tudo que suspeitava, de qualquer maneira ela corria perigo. Não haviam sobrado muitas garotas no vilarejo, ou, pelo menos, ela podia presumir que não, e o maníaco precisaria ampliar o leque de suas preferências para a próxima vítima. Maníacos dificilmente abandonavam suas manias, não é?

Ficou observando enquanto Thomas alcançava seu pai, cavalgando seu pônei, visivelmente empolgado. O menino idolatrava

seu pai e ficaria devastado se descobrisse que seu pai tinha práticas perversas. Talvez um garoto nunca se recupere de algo assim, ou o escândalo que resultaria. Ele ficaria marcado pelo resto da vida.

Mas não era verdade, continuava dizendo a si mesmo, mesmo que sua mente gritasse com ela que a amada esposa dele não havia, de maneira alguma, tirado a própria vida.

Alguns minutos depois o Conde e Thomas desapareceram do alcance da vista enquanto seguiam a estrada. Ele estava chegando e não demoraria muito agora até estar ali. Precisava descer para recebê-lo. Depois de tudo que acontecera antes dele partir, não havia desculpa para que se distanciasse e ignorasse sua chegada. Se ficasse distante teria algum significado que não queria deixar transparecer agora.

Balog esperava diante dos enormes portões abertos. O vento frio entrava no castelo e Estelle sentia-se congelando, seus braços cruzados com força. Esperavam em silêncio.

O som dos cascos dos cavalos que anunciariam sua chegada ecoariam por todos os muros do castelo, se a neve não os estivesse abafando. O Conde apareceu a pé, ofegante e seu cavalo parecia exausto. Thomas tagarelava animadamente enquanto Balog se adiantava para pegar as rédeas da montaria de ambos.

Usava um casaco pesado e um chapéu e adiantou-se subindo os degraus da escada para o portão. Seus olhos escuros pareciam claros e aliviados enquanto procuravam o olhar dela. Contra seu controle, a alegria em revê-lo parecia espalhar por suas veias. Não, não poderia ceder a tais impulsos, dizia a si mesma.

“Senhorita Winstone” disse ele, sua voz parecia acariciar sua pele. “Espero que esteja bem”.

Tirou suas luvas e deu um passo em direção a ela, inclinando-se para beijá-la no rosto. De certa forma, pegou-a desprevenida e sentiu uma certa estranheza como se um mero beijo como cumprimento fosse uma enorme surpresa. Mas a verdade era que temia a intimidade e mesmo um simples beijo no rosto parecia uma espécie de invasão—era como se tivessem contornado toda aquela confusão terrível que havia causado com o beijo anterior a este.

Afastando-se do beijo, se afastou olhando para ela, tendo notado algo estranho em seu comportamento. “Espero que nada estranho tenha acontecido enquanto estive fora.”

Será que ele não sabia nada sobre o último desaparecimento? ele havia acabado de chegar, então talvez não soubesse. "Mais uma garota desapareceu", contou.

"É muito azar", disse ele com uma seriedade em seu tom.

Azar, repetiu ela. Seria aquele o termo adequado? Como se fosse um jogo de cartas que não estava ganhando? Ele não deveria ao menos usar algum termo que expressasse melhor a gravidade daquilo, algum termo melhor que “azar”?

“Estou com sede, Balog, foi uma viagem muito longa.”

“De Budapeste?” perguntou, sentindo a boca ficar seca por algum motivo. Até sua voz pareceu ficar rouca de repente.

“sim”, disse ele, virando-se para ela. Houve algo em seu olhar, algum tipo de suspeita. Será que ele percebia suas suspeitas em relação a ele? Sentia que poderia perder o controle de sua própria mente, e tentou se controlar.

“Deve ser maravilhoso lá nessa época do ano. Espero que a viagem tão tenha sido tortuosa”. Estava tagarelando de novo.

“Não foi a neve não dificultou a viagem, mas o clima.”

"Conte para nós" disse Thomas enquanto disparava em direção à sala de jantar. Estelle não estava muito certa se deveriam, mas a sugestão parecia insistente de alguma forma, e mais uma vez ela poderia deixar suas suspeitas óbvias caso se recusasse. Acompanhou-os, ainda que relutante.

"Percorrer um país inteiro ao lado de um imperador e um rei e nenhuma lei em comum entre eles é infinitamente problemático", começou a contar para Thomas. "Os desentendimentos entre o que o os Hapsburgs querem e o que a nossa Casa Real exige são intermináveis. Estamos basicamente reescrevendo um país, um país que muitos ainda preferem ignorar. São complexidades sem fim."

Estelle ouvia, incapaz de imaginar quais seriam as dificuldades que haveria com a implementação do Compromisso Austro-húngaro. Antes que chegasse aqui, Estelle ouvira falar muito pouco a respeito, mas agora entendia que se tratava de um acordo que causaria enorme impacto em cada esfera da sociedade com o objetivo de acabar com as incessantes disputas e batalhas dos últimos 30 anos. “Deve ser bem exaustivo.”

“E é por isso que passo tão pouco tempo aqui. Os últimos quatro anos foram repletos de negociações intermináveis sobre questões

que às vezes parecem sem sentido algum. Todos têm objetivos e tentam manipular o sistema a seu favor. A esquerda quer o poder, burgueses ricos querem o poder, e todos se queixam de estarem sendo tratados injustamente ao mesmo tempo que exigem uma modernização imediata. Não conseguimos sequer entrar em um acordo sobre qual idioma ensinar às crianças nas escolas", explicou ele com um suspiro pesado.

Thomas respondeu prontamente "Claro que tem que ser húngaro", fazendo com que o Conde sorrisse com indulgência.

"Talvez tudo seria melhor se deixássemos com você estas decisões" disse ele.

Estelle agora se sentia envergonhada por ter suspeitado enquanto ele carregava um fardo tão pesado, tentando reconstruir um país inteiro. Tendo tal tarefa sobre seus ombros, não poderia estar por aí sequestrando garotas. "Parece impossível."

"E mesmo assim, precisa ser feito."

Com um suspiro, aceitou a refeição que Balog serviu no prato à sua frente. Ela e Thomas já haviam jantado, então apenas fizeram-lhe companhia. Thomas tagarelava sobre as decisões e leis que ele criaria com toda a certeza de um pequeno déspota.

Depois de algum tempo tagarelando, se retirou para procurar alguma coisa que queria mostrar.

"O que sabemos sobre esta garota desaparecida?" perguntou o Conde. Ela podia perceber a exaustão em sua voz. Havia sido uma viagem difícil para ele.

"O mesmo que as outras, não sabemos nada. Não foi encontrada e não há rastros de nenhum suspeito."

"Algo precisa ser feito, se não quisermos que isso continue acontecendo."

"Sim", concordou, se perguntando se deveria apontar a coincidência do desaparecimento das garotas com sua partida. Mas de que serviria mencionar isso?

"Eu não deveria, mas senti sua falta", disse ele depois de alguns momentos em silêncio.

Havia uma espécie de confissão em seus olhos e um alarme soou alto em sua cabeça. Ainda havia questões pendentes que ela precisava esclarecer. Pigarreou, olhando para baixo.

“Não sentiu minha falta?” perguntou ele surpreso. Sem dúvida, parecia que ela estava tentando evitar aquela conversa.

Um tremor se espalhou por seus nervos, mas ela sabia que precisava fazer isso. “Você pode me dizer o que aconteceu com a sua esposa?”

Seus olhos pareciam mais sombrios agora. “Não desejo falar sobre minha esposa”, disse ele com um tom mais severo. "Minha esposa não é assunto seu."

Claramente ele não iria conversar a respeito, mas não era um assunto que ela poderia simplesmente deixar de lado. Precisava ter algum laço de amizade, talvez até intimidade com aquele homem que poderia até mesmo ser o responsável pela morte de sua esposa. Ele podia achar que não era de sua conta, mas ela discordava. "É que houve acusações contra você, algumas sugestões de que as coisas não foram exatamente como dizem ter sido."

“E de onde vieram tais acusações?”

Sentia agora que a preocupação e a raiva a dominavam agora. Não deveria ter importância de onde vieram as acusações. “Não foi a tristeza que tirou a vida de sua esposa, foi?” disse ela, olhando-o diretamente nos olhos.

“Você não deveria dar ouvidos a todos os rumores que ouvir.”

“eu só preciso saber a verdade”, disse ela, na verdade estava mais exigindo, e seu tom não deixava nenhuma dúvida quanto a isso.

Olhando-a nos olhos por um momento, seus olhos pareciam brilhas com a luz das velas. A luz refletida era a única coisa que se movia. “Não, minha esposa não morreu por tristeza. Ela foi assassinada.”

Sentiu como se tivesse caído um balde de água fria sobre ela, um calafrio subiu rápido pela espinha de Estelle. Teria a morte da Condessa alguma relação com todas as outras mortes? Você a matou? Perguntava em gritos em sua mente, mas não podia dizê-las em voz alta. Se ele fosse responsável, ela estava certamente o pressionando e provavelmente criando um novo problema para um criminoso se livrar. Mas agora já havia começado e não podia parar. “E quem foi o responsável?”

O Conde parecia mergulhado em reflexão profunda enquanto olhava fixamente para as velas no centro da mesa. “Era uma conhecida dela”, disse depois de um tempo. "Era uma amiga em

quem ela confiava, que escondia sua verdadeira natureza ciumenta e calculista. Uma mulher que pensou que poderia tomar o lugar da minha esposa se ela morresse."

Estelle ficou em choque. “Isso é horrível.”

“Seu nome era Liliana. Ela conseguiu conquistar a confiança de minha esposa e depois a atacou quando foi dominada pela inveja. Não estava aqui na época e Liliana tentou fazer com que seu crime parecesse um acidente. Mas o assassinato foi descoberto; sua única intenção era tomar o lugar de Ekatarina. Tentou me seduzir, até mesmo me forçar, mas não aceitei.”

Tudo que ele dizia agora fazia tudo ter sentido, inclusive os avisos e suspeitas dele sobre ela. Pareciam absurdas para ela na época, aquelas acusações de que ela tentaria seduzi-lo, mas agora sabendo de suas experiências, como ele não poderia desconfiar?

“E agora você conseguiu arrancar de mim a história mais sórdida”, disse ele quase a acusando de algo.

“Eu precisava saber”, explicou ela. “Precisava de alguma confirmação sua de que tais acusações não eram verdadeiras.”

*

Thomas estava feliz por ter o pai de volta e o jantar havia sido adorável. O ar do castelo parecia renovado com o retorno do Conde, e para Estelle, tudo que havia impregnado sua mente podia ser colocado de lado.

Se retiraram para a sala, onde o Conde e Thomas foram jogar xadrez de novo. Thomas aproveitava a atenção de seu pai e Estelle sabia que o Conde estava se esforçando para dar a ele o máximo de atenção quanto possível.

Depois de algum tempo, Thomas começava a bocejar e ela precisou convencê-lo a se retirar. Não queria ir, mas estava claramente ficando exausto e o Conde também precisou ordenar que ele se retirasse.

Permaneceram sentados em silêncio por alguns momentos depois que Thomas partiu, enquanto a lareira crepitava. O conde parecia exausto.

“Talvez você deva se retirar e descansar também”, disse ela.

“Agora será minha governanta também, Senhorita Winstone?" disse ele e mais uma vez ela sentiu o receio de passar de algum limite.

“Me desculpe.”

Ele sorriu. "Não precisa se desculpar. Sem dúvidas tem razão, mas às vezes me leva algum tempo para dar ouvidos". Ele parecia sério. "Eu não menti quando disse que senti sua falta.

“Sentimos sua falta também. O castelo não é o mesmo na sua ausência.”

"Vocês sentiram. Mas e você?

Estelle enrijeceu os lábios, a palma de sua mão sobre o livro em seu colo. Se ao menos ele fizesse ideia do quanto. “Receio que”, começou a dizer, mas não sabia como prosseguir.

Ele se inclinou para a frente, aparentemente perturbado por ela ter receios.

“Me pergunto se às vezes o senhor não está me mandando sinais confusos. Obviamente que tenho minha parcela de culpa em alguns assuntos. Mas..." não sabia como continuar a dizer.

Ficou pensativo por um momento. "Creio que suas acusações estão certas. Mesmo assim, percebi que estava sentindo sua falta, e provavelmente eu não deveria, ou ao menos, deveria guardar para mim mesmo tal afirmação.

Agora ela estava se sentindo mal por ele. "Não acho que seja bom para nenhum de nós tentarmos esconder nossos sentimentos.

Ele contraiu os lábios e fechou os olhos. “Talvez seja melhor você ir.” Parecia até mesmo doloroso para ele dizer isto.

Mas ela não queria ir. Queria que ele a envolvesse em seus braços e dissesse mais uma vez o quanto sentia falta dela, mas tais coisas eram tolices, e ele havia acabado de confirmar isso ao dizer para ela ir.

Colocou o livro sobre a mesa e se levantou.

“Não posso prometer nada se ficar.”

Suas bochechas coraram e seus instintos diziam que ela deveria dizer um rápido adeus e correr dali, mas algo a impedia e tinha tudo a ver com o quanto ela desejava e ansiava por outro beijo—aqueles beijos que lhe tiravam a paz. “Também não posso fazer promessas se eu ficar”.

A sugestão de um sorriso apareceu em seus lábios. Era isso que ele receava. Aquele era realmente um território perigoso. Ela podia sentir em seu corpo, como uma tensão latente. "É melhor eu ir", disse ela.

Ele colocou sua taça na mesa ao lado de sua poltrona, levantou-se e foi até ela, sua mão puxou-a pelas costas, roubando-lhe um beijo. A sensação deliciosa aumentou tornando sua mente inquieta, enquanto seu corpo era puxado contra o dele. Cada pensamento em sua mente agora se calou em troca de pensamentos carnais. Não queria ir, não queria deixar isso tudo para trás—inexplorado.

“Não vá”, ele sussurrou depois de beijá-la. Seus olhos eram poços negros e profundos e ela não conseguia desviar o olhar. As palavras pareciam fugir dela e ele a beijou mais uma vez. Estava sem fôlego, como se o ar tivesse engrossado. Sensações estranhas e urgentes acendiam uma chama dentro dela.

Desta vez um beijo não bastaria e isso ela sabia sem nenhuma dúvida. Se ficasse, compartilhariam mais do que um simples beijo. Deslizou com as mãos trêmulas pelo casaco dele, sentindo em seus dedos a textura macia e acolhedora do tecido. Aquele toque suave em nada se comparava ao toque dos lábios dele nos seus, tão desesperados e urgentes.

Se continuasse, descobriria qual era a sensação de se deitar com um homem. E se existia um homem com quem ela queria tal descoberta, seria com ele. As mãos e braços dele a puxavam mais próximo dele, contra o peito largo e firme. Sentia a pulsação dele batendo forte sob sua mão que segurava seu pescoço.

A urgência por algum alívio era tão forte que não podia lutar contra ele. Queria se entregar a ele, queria ser consumida pelo seu fogo.

Seus lábios ardentes sobre a pele fina de seu pescoço fizeram com que seus sentidos se perdessem. Era tudo tão intenso. Aquelas sensações se espalhavam por todos seu corpo, com a tensão crescente e o fogo que aumentava.

Dedos masculinos desabotoaram os botões da frente de seu vestido, deixando sua pele nua exposta ao ar frio e aos seus olhos. Cuidadosamente ele a despia, deixando seus seios à mostra. Acariciou levemente seu mamilo com o polegar. Não se sentia constrangida de forma alguma, agora que ela notara. Ela deveria, mas não sentia.

Levantou-a em seus braços, abocanhando seu mamilo. O toque morno e húmido que circulava sobre sua pele a excitou fazendo-a inclinar a cabeça para trás. Agora entendia o que era o êxtase; sentia uma sensação de algo se retorcendo dentro dela. Um calor crescente que se espalhava em seu íntimo que não sabia ao certo como lidar com ele.

“Não sei como fazer isso” sussurrou.

Assim que ele ouviu, suas carícias desesperadas pararam e ela desejou que ele não o tivesse feito. Talvez não devesse ter falado aquilo. “Você tem certeza de que é isso que você quer?”

“Absoluta”, respondeu sem hesitação nenhuma.

“Você não me deve nada.”

“Talvez eu esteja fazendo isso por motivos bem mais egoístas.”

Ele pareceu ponderar sobre sua resposta enquanto ela torcia para que ele não mudasse de ideia. Sabia que seria impossível se recuperar da condição que ele a causara agora.

“Memórias”, ela completou. “E eu quero saber mais.”

“Talvez isto seja algo que você deveria guardar para um marido.”

"Eu quero você". Era altamente improvável que houvesse um marido futuramente, de qualquer maneira. O que ela dizia era verdade. Era algo além do que conhecer o corpo de um homem. Ela queria conhecer o corpo dele, queria sentir a intimidade que poderiam ter – mesmo em um curto período de tempo.

Se inclinou em direção ao seu rosto, beijou seus lábios e ele hesitou por um momento antes de ceder. Com os olhos fechados, ele respondeu aos seus beijos e Estelle se sentia-se exultante. Aquilo não era o que ela esperava. Certamente ela não esperava nada menos do que precisar implorar para que ele a tomasse em seus braços.

Levantou-a, puxando seu corpo mais próximo do dele com suas mãos firmes e deitou-a no chão. O peso dele sobre ela era glorioso e ela se aninhou em seu peito, mas ele se afastou e começou a beijá-la deixando uma trilha de beijos sobre seu peito, até que abocanhou mais uma vez seu seio. Seus sentidos flutuavam com o prazer que sentia. Como seria possível? Nunca sentira tal sensibilidade em seus seios antes, mas agora eles doíam de ansiedade pelo seu toque e sua boca morna.

Abriu as pernas para ele e então aconteceu algo que ela não compreendia muito bem. Sua mão morna e forte deslizou por seu joelho, subindo até sua coxa, agarrou sua calcinha e a puxou. Ela então entendeu o processo que ele estava fazendo, revelando-a para ele, para o que eles estavam ali. Esperou com sua respiração ofegante até que sentisse seu membro tocar levemente entre suas pernas. Seu íntimo se retorcia de ansiedade, até que ele lentamente se forçou contra seu corpo, causando uma dor aguda que ecoou por todo seu corpo.

Lentamente, a dor cessou e ele a penetrou um pouco mais. Sentir ele dentro dela dava uma sensação de completado que ela jamais imaginara. Parecia tão certo e ela queria cada vez mais. Quando ele estava por inteiro dentro dela, um prazer irrecusável retornou. Suas pernas se cruzaram envolvendo seu corpo e ele acompanhava seus movimentos. Não poderia descrever aquela sensação, mas o instinto que a fazia se mover era muito forte. Precisava de mais dele e ele concedia, saindo de dentro dela e penetrando de volta. O prazer intenso a fazia gemer e ele continuava estocando dentro dela de novo e de novo.

A tensão aumentava com força dentro dela. Aquela sensação estava além da sensação agradável que sentira quando ele beijara seu seio. Aquilo era profundo e inebriante e instintivo, agora ela entendia.

Sua pele era mais escura que a dela e o via tenso sobre ela, podia ver seu membro entrar e sair de dentro dela. Era algo íntimo e privado, de uma forma que talvez ela não devesse conhecê-lo. Não que se arrependesse por um minuto que fosse. Seus olhos estavam vidrados, perdidos em prazer e isso fazia com que ela o quisesse mais fundo dentro dela.

Movia-se mais rápido, enquanto seus quadris se chocavam com os seus ao som de gemidos contidos. A sensação ecoava além dos limites imagináveis e seu canal começou a se sincronizar com o dele, pulsando forte ao redor de seu membro em uma sensação latejante que não esperava sentir. Naquele momento, ele era tudo que ela queria. Mais nada importava a não eles ali juntos, unidos pelo prazer carnal.

Com um grunhido ele se levantou, com uma expressão dolorida, e se afundou dentro dela. Podia ver seu alívio enquanto a tensão se

dissipava por completo.

Sabia que agora sua semente estava dentro dela. O ato estava completo. Agora não poderia mais negar o entendimento sobre as pessoas que se entregavam por completo àquilo. Agora sabia o quanto era recompensador e infinitamente positivo. Era muito além de qualquer expectativa, e por toda sua vida jamais se arrependeria ou esqueceria.

Capítulo 30:

Estelle estava pensativa sob a luz pálida do inverno. Não havia qualquer calor sob aquela luz enquanto estava parada na sala de música da biblioteca. A neve se acumulava nos painéis de vidro nas claraboias do teto e no chão no lado de fora.

Não sabia o que faria a respeito de si mesma agora. Havia feito a pior coisa que uma governanta poderia fazer: se apaixonar pelo patrão. Havia se entregado completamente a ele Era inútil negar que era amor, pois o sentia a cada palavra que ele dizia como uma carícia em seu corpo. Cada pensamento em sua cabeça tinha algo a ver com ele e ouvia sua voz a cada momento do dia.

E era aí onde estava o perigo. Todas aquelas histórias sobre garotas tolas que se apaixonavam e acabavam arruinadas, esquecidas e destituídas. Não, não destituídas; ela ainda tinha o broche que o conde a dera assegurando que ela não acabaria em pobreza. Apesar de não estar muito certa agora de que poderia se desfazer dele. Ainda assim, havia feito a única coisa que havia prometido a si mesma que jamais faria. E não podia sequer se convencer a se arrepender disso.

Quando saísse de lá, deixaria seu coração para trás e simplesmente era assim que as coisas eram. Era importante agora que não se tornasse a criatura que o próprio conde temia que ela fosse, aquela que insistisse que deveria haver algo mais. A criatura que insistiria e fizesse tudo que pudesse para conseguir que as coisas fossem do seu modo.

A ideia de que ele perdera a amada esposa para um ato tão egoísta a amedrontava. Seu coração doía por ele, e por Thomas, que havia perdido sua mãe por causa de uma maldade dessa proporção.

Respirou fundo e expirou lentamente. Apesar de querer muito, não ousaria ir para o lado de fora. Sabia além de qualquer dúvida que o Conde não era culpado pelo desaparecimento daquelas garotas do vilarejo, então o vilão deveria estar em algum lugar lá fora. Seriam talvez os atos do vilão tão cruéis, ou até mais do que os da mulher que havia empurrado a Condessa da ponte? Não sabia ao certo. Aquela mulher, Liliana, havia disfarçado sua má-fé e a usado em seu

favor quando quis. E o que ela queria era ser a senhora deste castelo. Parecia inacreditável que alguém poderia cometer assassinato por causa disso.

O inverno não acabaria tão cedo. As temperaturas estavam muito baixas para que a neve derretesse. De certa maneira, esperava que não derretesse, pois assim que a primavera chegasse, ela precisaria partir. Isso era certo, mas não ansiava por isso, sabendo o quão doloroso seria. Seria uma doce tristeza, uma que carregaria consigo por um bom tempo. Mas não pertencia àquele lugar e seria um fardo que estaria orgulhosa de carregar.

"Senhorita inonesto.", Thomas chamou, sua voz ecoando pelo mármore do corredor. Ele estava distante demais para que conseguisse ouvi-lo e desejou que ele não tivesse gritado daquela maneira. "Onde está você?" ele berrou, enquanto seguia pelo corredor.

“Será mesmo obrigatório a todos no castelo ouvir seus gritos? Precisava mesmo gritar?” vociferou quando Thomas apareceu na porta. Por outro lado, ele parecia profundamente entediado.

Caminhou vagarosamente pela biblioteca, arrastando os dedos por uma cadeira e uma mesa. Parecia chateado, o que provavelmente seria o motivo pelo qual ele estivera à sua procura. “Meu pai está estudando e me ordenou que não o perturbasse.”

“Então melhor obedecê-lo. Talvez seja uma boa hora para aquelas aulas de dança que estivemos falando.”

Thomas arregalou os olhos de forma incrédula. “Dançar assim?” perguntou enquanto pulava como um macaco.

Estelle não pôde conter uma risada. “Você será conhecido por uma interpretação peculiar assim”.

“Eu nunca vou dançar”, disse, parando de pular e se sentando contrariado em uma cadeira. “Você acha que vai ser horrível assim?”

“A escola?”

Estelle se sentou na cadeira que estava à frente dele. “Eu acho que você vai conhecer muitas pessoas interessantes, de todas as partes do mundo. Não ficaria surpresa se você conhecesse filhos de verdadeiros aventureiros, talvez até mesmo alguém que esteve no coração da floresta Amazônica, visto cidades perdidas e civilizações esquecidas.”

“Você acha mesmo?” respondeu ele cheio de esperança. “Eu serei um aventureiro quando crescer.”

“Não tenho dúvidas quanto a isso. Mas além disso, você também deve ajudar seu pai, que está ajudando a reconstruir um país inteiro. Isto também pode ser visto como uma aventura, com tantas adversidades e novas descobertas.”

“Provavelmente ele já terá terminado isso quando eu voltar.”

Estelle se recostou na cadeira com um sorriso. Garotos têm tanta estima por seus pais e suas habilidades. “Talvez ele consiga”.

Lágrimas voltaram a queimar em seus olhos quando pensou em como tomaram a mãe de Thomas. Era uma parte imensa da vida de um garoto e ele sentia essa falta. Ela mesma era apenas um pequeno prêmio de consolação, mas faria o melhor que pudesse.

“Vamos”, disse enquanto se levantava da cadeira. “Não há motivos para adiarmos mais. Não podemos deixar que se lance ao mundo sabendo apenas essa dança de macaco”.

*

Estelle estivera ansiosa pelo jantar o dia todo, pois seria a única ocasião em que veria o Conde. Ele parecia fazer um esforço para estar presente naquela hora e era bem visível que era a hora favorita do dia para Thomas também.

Estavam todos sentados à mesa quando o Conde entrou e se sentou à cabeceira da mesa. Estelle fechou os olhos e respirou o cheiro que vinha dele quando passou por ela. Seu cheiro dominava toda sua mente, levando-a para algum lugar distante e atemporal.

“Por que precisa ter tantos tipos diferentes de dança?” resmungou Thomas. “Não entendo porque precisa existir mais de uma. Todas elas têm passos diferentes e é tudo besteira”.

O Conde sorriu enquanto Balog apareceu e sussurrou algo em seu ouvido.

“Parece que recebemos um presente do vilarejo”, anunciou. “vinho quente com especiarias para desejar uma boa colheita este ano. Esta é uma época propícia para ler a sorte e distribuir amuletos. E estão nos incluindo em seus votos de boa sorte para o próximo ano”.

“Isso é tão amável”, observou Estelle, surpresa com tal gesto.

“Este ano foi bem difícil, e em momentos assim, as tradições têm sua importância. Aqui, os votos para o Ano Novo são levados a sério.”

Balog voltou com uma garrafa escura sem rótulo e sacou a rolha. Disse algo em húngaro.

“Vinho com especiarias”, disse o Conde. “Alguém está servido?”

“Acho que vinho com especiarias não cairá muito bem no meu estômago.”

“Nos vales além das montanhas, fazem-se bons vinhos. É frio demais aqui, mas mais ao sul se produz excelentes vinhos tintos.”

Na verdade, Estelle sabia muito pouco sobre vinhos. Seu pai nunca permitirá na mesa durante o jantar. Por mais que estivesse disposta a experimentar, na maioria das vezes acabava preferindo o xerez. Mas em se tratando de vinhos mais fortes, sempre resistira.

Balog voltou trazendo uma bandeja com porco assado, o aroma se espalhou por todo o corredor e o apetite de Estelle despertou. Estivera ansiosa pela refeição. O cozinheiro do castelo tinha um dom além do imaginável em comparação a outras famílias para que trabalhara, mas, por outro lado, nunca havia sido convidada a jantar com a família regularmente.

A carne estava deliciosa e ela comeu até estar satisfeita. O Conde parecia cansado. Devia ter sido um dia longo trancafiado em seu escritório. Pelo que ela sabia, ele estivera escrevendo algo, um ensaio de grande importância. Agora, seus olhos estavam pesados e ele resistia em mantê-los abertos enquanto se recostava em sua cadeira, com a taça de vinho com especiarias em sua mão.

“Vamos para a sala de estar?” perguntou enquanto se levantava, mas se sentou novamente.

“Você está bem?”

“Me sinto...muito cansado”, respondeu ele. “Estranho.”

A taça caiu de sua mão e estilhaçou no chão. Seus olhar parecia distante e ele tombou para frente. Estelle consegui impedir a queda empurrando-o de volta com seus ombros. "Conde Drezasse?" chamou, mas não havia sinal de reatividade em seu olhar.

“Pai”, gritou Thomas, levantando-se da cadeira, o pavor bem nítido em sua voz.

Estelle bateu em seu rosto tentando despertá-lo. “Balog!” gritou.

Balog chegou e ajudou-a a colocar o Conde no chão. Seus olhos estavam vítreos e distantes. Estava completamente inconsciente. O

velho mordomo colocou dois dedos no pescoço dele procurando pulsação enquanto todos observavam em silêncio. “está vivo”, disse ele enquanto se levantava, apoiando-se em seus joelhos claramente artríticos.

“O Conde não está bem”, disse Estelle, cruzando os braços com força sobre o peito. “Ele acabou de apagar como uma vela ao vento”. Um calafrio subiu pela sua espinha. Certamente ele não estava morrendo. Não assim, de um momento para o outro. Thomas, pobre Thomas. Seu pai era a única coisa que lhe restara em todo o mundo.

Balog olhava para os dois enquanto Estelle se dirigia a Thomas e colocava as mãos sobre seus ombros. Balog pegou a garrafa e tentou captar algum cheiro nela e colocou-a de volta. Thomas fez o mesmo.

“Ele vai ficar bem?” perguntou, mas Balog não respondeu de imediato. Quando respondeu, disse algo que ela não entendeu. “O que?” perguntou, enquanto se voltava para Thomas.

Thomas repetiu a palavra, olhando para ela esperando alguma resposta.

“Não entendo. É uma palavra que não conheço.”

"É uma planta. Não sei o nome em inglês."

"É venenosa?"

Thomas perguntou rapidamente para Balog, que respondeu: “Depende.”

“Precisamos carregar”, disse Balog e eles se adiantaram para ajudá-lo. O conde era pesado, ela e Thomas se esforçaram carregando pelas pernas enquanto Balog os guiava pela sala.

“Alguém fez isso contra ele” acusou Thomas, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Esta planta poderia estar por acidente no vinho?” perguntou e Balog negou com a cabeça.

“Não”, respondeu. “Alguém quer mal ele ou quer dormindo.”

“Quem faria algo assim?” Thomas perguntou. “Porquê?”

Estelle tentou se forçar a raciocinar, mas sua mente estava cercada de nuvens. Ou alguém queria prejudicá-lo, ou queria ele fora do caminho. Só poderia se tratar de alguém que estivesse se aproximando.

Capítulo 31:

“Tem algum médico que possa vir? Precisamos de um médico!” Estelle tentava desesperadamente conter o pânico em sua voz para poupar Thomas. O Conde poderia estar à beira da morte e precisando urgentemente de ajuda médica.

Balog negou com a cabeça. “Muito longe.”

“Papai”, Thomas clamou, claramente à beira de um colapso entre as lágrimas.

"Vai ficar tudo bem", tentou acalmá-lo. "Ele vai ficar bem". Esperava que não estivesse morrendo. Ele era forte. Se olhasse para ele, parecia estar apenas adormecido, o que era mais tranquilizador do que se estivesse mortalmente pálido, mas ela poderia enganar a si mesma. Seu pai parecia apenas uma sombra de si mesmo quando faleceu, mas sua doença havia piorado gradativamente em apenas alguns meses. No final ele não se parecia em nada com o homem que sempre fora. Além do mais, não sabia muito a respeito da morte ou sobre como ela chegava. Tudo que sabia era que o Conde não podia morrer.

Em sua mente confusa, tentou pensar no que precisaria ser feito caso o pior acontecesse. Seriam apenas ela e Thomas, lógico que ela ficaria com ele o tempo que ele precisasse. Ele deveria ter algum parente distante em algum lugar.

Seus pensamentos pareciam dardos em sua mente, sendo atingida por uma seguida de outra. Mas havia algo que precisava de sua atenção agora e ela não podia fazer vista grossa.

“E se alguém estivesse tentando deixá-lo incapacitado de propósito?” perguntou olhando para Balog. “E se alguém estiver tentando invadir esta casa e precisasse que ele não fosse um obstáculo? Não sabemos ao certo se o vinho veio do vilarejo. Poderia ter vindo de qualquer lugar.”

Quase sem perceber, os pés de Estelle a levaram até a janela. Se fosse verdade, poderiam ser observados. Tentou enxergar na escuridão do lado de fora, tentando ver algum rosto pálido, ao mesmo tempo que torcia para que não visse. Um estremecimento agitou com força seu corpo, enquanto imagens sinistras surgiam em seus

pensamentos. Não ousava imaginar que atos nefastos haviam sido feitos àquelas pobres garotas.

Algo a distraiu, uma luz visível ao longe. Ao olhar mais atentamente, pôde ver várias luzes. Havia pessoas na estrada em direção ao castelo. Deviam estar desconfiados que o vilão atacaria esta noite e estavam vindo tentar impedi-lo. A esperança se acendeu em seu peito, mas estavam ainda muito longe. Se o maníaco estava prestes a atacar, o momento seria agora, antes que os aldeões chegassem.

Balog veio ao seu lado, obviamente havia percebido o que prendera sua atenção. “Estão vindo pegar o Conde” disse em tom grave.

“O que você quer dizer?”

“Vem eles pegar o Conde e castelo queimar.”

“Acham que ele é o culpado”, concluiu finalmente.

“Sim.”

“Mas não é ele. Com certeza eles sabem disso.”

“Já decidiram, escutar não vão.”

“Não é verdade” tentou argumentar.

“O vinho serve para problema o Conde não ser. Matar ele eles vão.”

Estelle se engasgou, o desconforto em suas entranhas se tornava um pânico além das medidas. Aquilo não estava certo. Não podia ser verdade. Precisavam fazer algo. “Temos algum tempo” disse ela, perambulando de novo, mas sua mente não conseguia se focar em uma direção. Correu em direção ao portão principal. O castelo estava sitiado; podia impedir um exército, então devia poder impedir a invasão de um punhado de aldeões. "Precisamos baixar as grades". O portão era a única entrada para o castelo vindo da estrada. Dar a volta para a entrada ao Leste era perigoso e provavelmente impossível na escuridão da noite.

“Não dá”, disse Thomas, aparecendo ao lado dela enquanto ela tentava abrir os portões.

Uma lufada de ar frio soprou conta ela enquanto eles conseguiam empurrar o portão pesado. Estava começando a nevar de novo e os flocos de neve pareciam brilhar contra a escuridão infinita adiante. Se forçando a sair pelo jardim, conseguiu seguir adiante.

“Vamos precisar de dez homens para baixar as grades” gritou ele, enquanto o vento tentava levar sua voz para longe. “Não podemos controlá-la sozinhos. É perigoso demais.”

“Mas temos que fazer algo para impedi-los!”

“O portão principal é suficiente”, disse Balog. “Não vão conseguir passar por ele.”

Olhando ao redor, viu que as janelas ao redor do jardim eram poucas e pequenas, e todas muito altas. Haviam sido feitas para protegerem e a única entrada para a parte principal do castelo seria arrombando o portão, e para isso precisariam de uma horda bem maior. Balog tinha razão.

Balog seguiu caminhando, atravessando o pátio até os estábulos quando pegou as chaves para trancar o portão do estábulo.

“Eles podem quebrar as janelas”, disse ela, imaginando tochas sendo atiradas.

“Então nós protegeremos as janelas.”

“Precisamos de água”, disse Estelle, quando sua mente pareceu ter um estalo do que precisava fazer. Então parou. “Precisamos pedir ajuda, precisamos de ajuda e de um médico”.

"Eu posso ir" disse Thomas. “Posso ir cavalgando. Ainda estão bem longe da estrada e eu posso contornar o caminho deles sem que eles me vejam. O Castelo dos Andmassy é o mais próximo, eu posso conseguir ajuda.”

“Vá até o Professor. Ele pode saber o que fazer”, respondeu ela. "Deve haver algum policial ou magistrado em algum lugar. Os aldeões parecem respeitá-lo e ele poderia resolver o mal-entendido."

Thomas disparou para o estábulo para selar o pônei, batendo em retirada alguns minutos depois. Balog voltou com um casaco mais pesado para ele e ajudou ele a montar. Estelle sentiu-se tonta quando ele seguiu cavalgando pela estrada. Não era uma viagem para um garoto de nove anos fazer, cavalgando pela noite escura em busca de ajuda. Era perigoso, mas ela não sabia o caminho e Balog era velho demais. Só restava ele.

Estelle fechou os olhos, rezando para que tudo ficasse bem, agradecida por tê-lo enviado até o vilarejo do que atravessar a região inteira até o castelo mais próximo, com todos aqueles lobos famintos no caminho. Só Deus saberia quanto ele teria de cavalgar para chegar até a família Andmassy.

“Precisamos nos preparar”, disse Balog que estava ao seu lado de novo. Não estava agasalhada para o frio, mas não havia notado até que entrou de volta no castelo. Os ombros de seu vestido estavam molhados por causa dos flocos de neve derretidos.

Ele fechou os portões e trancou, e o clique da fechadura ecoou por todo o corredor principal. Em seguida os bloqueou com uma barra que nunca havia visto antes, colocando-a sobre um apoio que ficava mais ao alto. “A porta resiste” disse ele e se afastou.

A cozinheira apareceu, uma mulher que Estelle raramente via. Balog falou algo a ela em húngaro e ambos desapareceram. Estelle não sabia o que fazer naquele momento e voltou para a sala onde o Conde estava deitado exatamente da mesma forma que havia sido deixado.

Sentiu com seus dedos em seu pescoço que ainda havia pulsação. “Por favor, acorde. Precisamos de você aqui”, implorou.

Se havia alguém que saberia como proteger aquele castelo, só poderia ser ele. Ou talvez não. Não era mais uma habilidade comum naqueles dias. Balog havia dito que os portões resistiriam e ela acreditava nele. Os aldeões poderiam vir e irromper furiosamente no lado de fora, mas não passariam por aqueles portões. O castelo era absolutamente impenetrável, a não ser que conseguissem atirar as tochas nas janelas mais altas, e eles estavam preparados caso isso acontecesse.

Não havia muito o que fazer agora a não ser esperar até que a ajuda chegasse e afastassem os aldeões. Na luz clara do amanhecer, toda essa confusão estaria esclarecida.

Se dirigindo à janela, observou a multidão que vinha pela estrada ainda onde podia enxergar, mas eventualmente sumiriam do alcance de sua vista quando se aproximassem. Era uma progressão dolorosamente lenta e Estelle não podia fazer muito a respeito a não ser observar e esperar que Thomas estivesse bem.

Era assustador pensar que em um lugar remoto como aquele, a maioria das pessoas poderiam se unir para atacar uma única. Mas já que os membros de sua família estavam desaparecendo aos poucos, ela também ficaria desesperada em achar um culpado, e eles haviam apenas escolhido o homem errado. O Conde não era culpado – não poderia ser. A velha dúvida que havia deixado de lado parecia retornar. Não poderia ser; era um homem distinto demais para fazer

algo desse tipo. Devia ser outra pessoa, alguém que estava à espreita no vilarejo.

“Estamos prontos”, disse Balog. “Esperar agora.”

“Isso já aconteceu alguma vez? O castelo já foi atacado?”

“Quando o Conde menino ainda, Exército Russo veio. Forte é o castelo, mas Hungria não muito forte. Vilarejo queimado, mas não passaram do portão.”

Estelle estremeceu. A única coisa que vira acontecer em seu vilarejo fora o escândalo quando a Sra. Morrison fugiu com o Sr. Smith. Aqui, exércitos avançavam, países eram reconstruídos e hordas furiosas atacavam castelos. Era um lugar tumultuoso.

“Sente-se” disse Balog. “Vou trazer Pálinka.”

A última coisa que queria agora era um aperitivo. O que queria mesmo era sair correndo pelo castelo, mas não seria de nenhuma ajuda fazer isso. Sentou-se ranzinza. Não havia mesmo nada que restasse a fazer agora. A condição do Conde não havia mudado. Estava deitado no sofá, como estivera antes. Agora que estava sentada e ouvindo, podia escutar sua respiração, como se ele estivesse em sono profundo.

Capítulo 32:

A chegada dos aldeões foi barulhenta. Suas vozes ecoavam pelos corredores do pátio e logo começaram a bater no portão principal. Gritos furiosos provavam sua fúria. De certa forma, Estelle não podia culpá-los. Tinham o direito de estarem furiosos com os crimes que haviam acontecido; só estavam direcionados ao lugar errado.

Mesmo assim, ter uma horda furiosa em seus portões era bastante constrangedor. Nunca havia passado por nada parecido com isso, ficando cativa enquanto pessoas estavam sedentas por sangue no lado de fora. Não havia nenhuma referência emocional que a ajudasse a lidar com isso. Tudo que poderia fazer era permanecer sentada desacreditada. Era a sensação mais estranha e vulnerável. Nenhuma lógica poderia competir com a fúria que transbordava nos corações daqueles homens lá fora. Naquele momento, não poderiam se importar menos em estarem certos ou errados; queriam sangue, não estavam nem um pouco preocupados com obter justiça.

A taça com pálinka permanecia intocada diante dela. Cada som fazia com que ela tivesse um sobressalto. Mais ainda quando Thomas disparou para dentro.

“Estamos aqui”, resfolegou ele, suas bochechas rosadas de exaustão.

“Como foi que você entrou?” perguntou ela, ainda não acreditando que estavam ali. Ela não estava mais sozinha, e isso a fez se sentir esperançosa mais uma vez.

“Aparentemente, há uma entrada secreta bastante engenhosa” disse o professor enquanto entrava no salão, seus olhos concentrados no Conde, que ainda estava deitado no sofá onde o haviam deixado. Deu um passo adiante e observou cuidadosamente o homem inconsciente. “Eles o querem morto”, disse.

Estelle estava profundamente aliviada. A ajuda havia chegado. Tudo seria agora esclarecido e a fúria se dissiparia, e eles ficariam incólumes. "Precisamos parar isso, precisamos impedi-los. Você pode falar com eles, explicar que eles entenderam tudo errado. Eles o ouvirão."

“Mas eles estão enganados?”

“Você tem uma boa relação com eles.”

“Obviamente que sim. Eles me aceitaram e me respeitam. Só não estou convencido que ele seja um homem tão inocente quanto você alega tão passionalmente.”

“Ele não cometeu aqueles crimes! Não é verdade!”

“Claro que é verdade,” respondeu o professor com sarcasmo.

Certamente o professor não concordava que o que os aldeões estavam fazendo era o certo. Ele era um homem razoável, um homem educado. “Se tiver qualquer fiapo de evidência então um chefe de exército precisará vir para investigar.”

“Mas a maneira antiga é mais eficaz.”

Era como se ele estivesse explicando algum procedimento agrícola. “Hordas nunca são eficazes. Se tornam irascíveis além de qualquer raciocínio, sem se importar com a verdade ou com fatos. Trouxemos você aqui para nos ajudar!” acusou ela.

O professor se voltou para ela. "Os aldeões sabem que sem o Conde vivo, os desaparecimentos vão acabar."

“Mas se ele não é o culpado, há uma enorme possibilidade de que não acabem. Então um homem inocente terá sido assassinado.”

"Acredite em mim, este homem nunca foi inocente. Ele destrói vidas. sua mente está distorcida por noções românticas. Mulheres tendem a ser profundamente ignorantes em tais assuntos. Um belo rosto pode esconder os pensamentos mais monstruosos. Ele não vai desposá-la se é o que pensa. Castelos e joias; é só isso que interessa a ele, mas ele a está usando. Melhor que entenda logo isso. Ele merece morrer pelos seus crimes."

Estelle se recusava a se deixar levar pelos ataques pessoais e o que mais ele presumisse que estivesse acontecendo entre ela e o Conde. As similaridades entre o que estava acontecendo eram algo que ela não levava em conta. “Ele não cometeu nenhum crime. Que outra prova você tem além de seus próprios preconceitos?”

Thomas estava quieto e em silêncio atrás dela. Talvez tivesse sido um enorme erro trazer o professor ali e era culpa dela. Confiara nele que ele viria e ajudaria, mas agora se perguntava se ele não estava fazendo o exato contrário.

“Neste castelo mesmo”, disse o professor. “Se procurarmos neste castelo com cuidado, estou certo de que encontraremos alguns

cadáveres. Não se pode esconder um cadáver para sempre, nem mesmo uma esposa.”

“Ele não foi o culpado pela morte de sua esposa. Foi outra pessoa”. Por que estavam discutindo a respeito disso agora? Não tinha absolutamente nada a ver com o desaparecimento daquelas meninas.

"É o que ele disse, que alguém veio e assassinou sua esposa?"

“Aparentemente ele sabe exatamente quem foi.”

“Ele sempre encontra alguém para culpar.”

“Ele nem sequer estava aqui. Você pode distorcer os fatos, mas algumas coisas não podem ser contestadas. Ela tentou dizer que foi um acidente, mas as pessoas não caem sozinhas de pontes.”

O professor fez um som de estalo com os lábios, como se tudo aquilo o estivesse entediando. Olhou de volta para ela. “Você deveria ter partido”, disse ele. "Eu a avisei, em várias ocasiões inclusive, mas você foi tola o suficiente para cair nesta armadilha, não é? Ele disse que a ama? É assim que as mulheres caem em seu jogo."

“Ele não usou ninguém.”

O professor fez um muxoxo. “Claro que usa. Como você acha que a esposa dele acabou morta? Quando algo pode se voltar contra ele, ele não vai sujar as próprias mão, se pode usar os anseios de garotas jovens e impressionáveis como você para realizar por ele seus atos cruéis. Elas fazem de tudo por ele”, comentou ele com um certo amargor. "Ele as destrói. E então as abandona, em desgraça, pobreza e desonra. Você acha que é a única? Ele já fez isso antes, distorcendo todos os fatos até que vocês acreditassem em suas alegações sem sentido."

“Você está falando absurdos. Sua esposa morreu por causa da inveja de outra mulher. A Condessa foi assassinada por causa de outra mulher que queria tomar seu lugar.”

O professor não disfarçou seu escárnio desta vez. "Ela era inocente e bela, e ele a destruiu", rosnou. "Então inevitavelmente, ela acabou com a própria vida. Não parece cruel para você? Ele fez isso", disse ele apontando diretamente para o Conde.

Mantendo sua postura firme, o professor parecia respirar fundo tentando se controlar de novo.

“Então é disso que se trata—Liliana”, disse Estelle, lembrando-se do nome da mulher. “Você a conhecia.”

O professor encarou-a com um olhar de advertência. “Não posso permitir que ele continue, enquanto Liliana está em um túmulo. Minha bela prima. Não. Ela era tudo que havia de mais puro e verdadeiro. Ele a matou sem motivos consistentes, apenas por pura crueldade.”

Por sua própria confissão, o professor estava automaticamente admitindo que Liliana havia assassinado a Condessa.

“Então ela assassinou alguém”, observou Estelle.

“Sob a influência dele.”

“Pelo que ele me disse foi por inveja. Ela tentou obrigá-lo ao matrimônio usando de sedução, assumiu os riscos e acabou se expondo durante todo o processo.”

"É o que ele diz? Não, ele a descartou quando conseguiu o que queria dela. A arruinou por completo. Você acredita que foi um acidente? Ele não queria a pecha de assassino manchando seu nome glorioso por aí - os estimados Drezasses. Sempre foram cruéis, durante séculos foram flagelo sobre este país e estas pessoas."

Todo o esquema parecia estar claro agora. “E você veio aqui para destruí-lo.”

“Eu vim para expor o que ele é.”

“Você matou aquelas garotas.”

“Não!” ele rugiu, batendo o pé com tanta força no chão que Estelle saltou violentamente com o susto. “Ele as matou. Tudo sempre acaba se voltando para os portões dele.”

“Eu não acredito em você.”

“Bem, não estou surpreso. Você está sob o feitiço dele. Eu esperava que fosse mais inteligente, mas é só mais uma criatura ignorante. Deveria ter bebido o vinho, Senhorita Winstone. Seria tudo muito mais fácil se tivesse bebido” disse ele. Algo parecia mudar em seu olhar.

Estelle parou em frente a Thomas, mantendo-o atrás dela. Rapidamente saltou em frente a ele. “Procure algum lugar para se esconder”, pediu. "Algum lugar onde ninguém possa te encontrar".

Thomas hesitou.

“Agora[1]”

“Eu posso lutar contra ele.”

O clique de uma pistola causou calafrios em sua espinha, mas Estelle se recusou a olhar para trás. “Não é hora para você lutar. Corra!”

Thomas parecia pensar a respeito por um átimo, mas para seu alívio, ele fez o que ela disse.

Endireitando-se, voltou-se para o professor que apontava sua pistola em direção a ela. “Não quero fazer nenhum mal ao garoto”, disse ele aliviado. "Não queria fazer nenhum mal a você também, mas você insistiu demais em ficar no meio disso tudo. Para o seu próprio azar, receio."

“Você pretende me matar?”

“Eu? Não, eu não mato ninguém. Pensei que já tivesse entendido isso. Apenas torço para que aqueles que fazem o mal tenham sua recompensa.”

Uma janela foi quebrada em alguma parte do castelo, mas Estelle se recusou a desviar o olhar da pistola que estava diante dela. Sua garganta estava completamente seca e estava certa até os ossos de que o professor enloque cera completamente. "O que você pretende fazer?"

“Bem, eles vieram até aqui. Seria rude não deixar que entrassem, não acha?”

“E eles o matarão.”

“Sem dúvida o arrastarão para o lado de fora e o enforcarão. Não posso dizer que lamento. Assim como Thomas, você deveria correr e se esconder. Talvez não saibam que você está aqui, ou descobrirão sua diligência.”

“Você sabe que ele não é responsável pelos crimes que eles acham que ele é.”

“Pode não haver nenhuma prova, mas ele é responsável pelos crimes e é chegada a hora dele ser levado à justiça.”

“Você não pode. Seria um assassinato se os deixar entrar. Qualquer rusga que você tenha contra ele, você precisa levar para a justiça.”

“Quando se trata de homens como ele, não há justiça que seja eficaz. Eles fazem o que bem entendem. O Conde faz o que bem quer. Este é o problema. Estão completamente acima da lei, ou gostam de pensar que estão. Mas crimes não podem passar impunes. Assim como ele, não serei o agente causador de meus próprios atos. Ao invés disso, posso convencer outros a fazer por mim.”

“Isto foi obra sua”, disse ela, quando finalmente percebeu a verdade. “Você é quem espalhou que ele seria o culpado.”

“Ele é culpado. Pensei que já tínhamos esclarecido isso. Sua inteligência é tão limitada que não consegue se lembrar de um fato seguinte ao outro?”

“Você quem andou levando-os a este frenesi. Contando-lhes mentiras.”

“E agora é a hora de libertá-los”, disse ele, como se estivesse falando de cães. “Eu correria agora se fosse você.”

Passou por ela em direção ao corredor, em direção ao portão principal.

Capítulo 33:

O pânico tomou conta de Estelle. Queria correr atrás do professor e tentar impedi-lo., mas se perguntava se seria o certo a fazer. Era como se estivesse observando um acidente de trem em câmara lenta. Coisas horríveis estavam prestes a acontecer. Mesmo se ela não fosse prejudicada, e isto não era garantido, uma tragédia estava prestes a acontecer. A ânsia em fazer algo e impedir aquilo a rasgava por dentro, mas também se sentia congelada de choque e horror.

Alguém falava furiosamente em húngaro e estava vindo de dentro do castelo. Por um momento, Estelle pensou que o portão já tivesse sido aberto e uma horda estivesse invadindo e chegaria ao salão a qualquer momento, mas então percebeu que eram o Professor e Balog discutindo.

Balog tentava impedir o professor. Em seu coração, entendia que o professor estava enlouquecido e que não ouviria nada razoável. Balog era velho e frágil, não era nenhum páreo para o professor, mas talvez com isso conseguissem algum tempo extra.

Talvez ela pudesse se esgueirar e incapacitar o professor de alguma forma enquanto Balog o distraísse. Bater nele com algo pesado. Rapidamente olhou ao redor procurando algo que servisse como arma. Precisava ser pesado o suficiente para deixá-lo inconsciente. Poderia matá-lo, mas era um risco que estava disposta a correr.

Havia um vaso que parecia ser feito de uma pedra verde e ela se apressou para pegá-lo.

O estalo de um tiro ecoou em seus ouvidos e ela estremeceu não conseguindo acreditar. O professor havia atirado com sua pistola. Ouviu o som de um corpo caindo e só podia ser o de Balog. O horror de Estelle aumentou. O professor mataria quem quer que estivesse em seu caminho. Lidar com ele não era mais uma opção. Ele recarregaria aquela pistola muito antes que ela tivesse a oportunidade de nocauteá-lo.

Tempo era essencial agora se ela fosse tomar qualquer decisão. O professor teria que encontrar a chave no cadáver de Balog, e

desbloquear o portão. Ela orava para que Deus não permitisse que Balog estivesse morto.

Precisava se esconder. A horda estaria lá dentro assim que o professor conseguisse abrir os portões.

Correu em direção ao Conde, batendo freneticamente em seu rosto, esperando conseguir despertá-lo, mas não havia sinal de consciência. Seus olhos estavam abertos e fixos. A horda não podia matá-lo. Seria uma injustiça em uma escala sem precedentes até onde ela sabia. Devia haver alguma coisa que ela pudesse fazer, mas não sabia o que.

Um esconderijo, um esconderijo, um esconderijo, repetia mentalmente. Era como se sua mente não funcionasse, como uma carruagem velha que se recusava a se mover.

Aparentemente havia esconderijos e passagens secretas em todo o castelo. A horda procuraria em todos os cômodos em seu frenesi, o único lugar que não o fariam seria nos corredores secretos. Só que ela não sabia como encontrá-los. Só havia um que ela sabia, mas ficava na biblioteca. Thomas havia ensinado como acessá-lo.

O problema é que a biblioteca ficava no outro lado do corredor e o Conde era um homem pesado. Sem pensar mais nisso, arrastou o Conde do sofá para o chão. Não havia nada que pudesse usar para carregá-lo. Também não havia nenhuma certeza de que conseguiria chegar lá a tempo, mas precisava ao menos tentar.

O Conde era pesado demais, mas puxou com todas as forças, arrastando-o pelo chão com os ombros. Perdeu o equilíbrio, caindo e precisando puxá-lo de novo, puxando apenas por um braço desta vez, pois assim tinha mais força nas pernas para puxá-lo.

Ao sair do salão pôde ver o professor no portão principal, virando a chave na fechadura. Seu tempo estava se esgotando. Se ele se virasse, a veria e provavelmente impediria sua fuga, mas estava preocupado em demasia com o que viera fazer naquele momento. Pôde ouvir quando a fechadura foi destrancada, o som horrendo ecoando pelo teto cavernoso.

Seu maior medo era que ele a ouvisse arrastando o Conde, mas conseguira chegar ao outro lado do corredor desapercebida. Agora estava dentro da biblioteca, mas o Conde ainda estava à vista quando ouviu a barra de bloqueio caindo no chão.

O tempo esgotara, ele estava abrindo os portões. Empurrando-o com mais força, arrastou o homem até as prateleiras de livros. Conseguia ouvir claramente as vozes, ecoando tão claramente quanto ouvira a fechadura momentos antes. Parecia uma dúzia de vozes, talvez mais. O professor falou algo e ela pôde ouvir passos acelerados.

Seus dedos tremiam enquanto ela tentava puxar o livro que Thomas havia dito para ela. Se fosse mentira dele, o Conde estaria morto, assim como provavelmente ela estaria, mas encontrou-o, puxou o livro e ouviu um som parecido com um estalo quando o livro foi puxado. Uma brecha se abriu na prateleira e agora só precisava arrastar o Conde para o caminho.

Certamente era tarde demais. A horda devia estar a apenas alguns segundos de distância, se não menos. Se recusava a se deixar levar pelo pânico que ameaçava dominá-la. Continue, disse a si mesma. Nada estará perdido enquanto houve uma esperança.

O Conde parecia mais pesado ainda e como não tinha tempo para empurrá-lo, agachou-se desajeitada tentando puxá-lo pelo tronco até a passagem e em seguida agarrou a barra de suas calças e o rolou para dentro.

Parecia que a multidão já estava dentro da biblioteca quando ela agarrou a passagem secreta e puxou fechando-a. Certamente ouvia passos passando perto dali, mas continuou puxando a passagem até que estivesse fechada.

Havia acabado de fechar a passagem secreta quando entraram na biblioteca. Poderiam tê-la visto ou não. A biblioteca era um cômodo grande e poderiam não a ter notado. Não havia como descobrirem. Se tivesse sido vista, logo bateriam à porta com um machado. Ela só saberia se acontecesse.

Sua respiração ofegante ecoava pelas paredes. O espaço era frio e escuro. Teias de aranha pendiam sobre sua cabeça e o corredor secreto seguia até uma escadaria estreita. A única luz disponível naquele espaço vinha de um respiradouro na altura da prateleira de livros. Nunca a havia percebido do lado de fora, mas estava infinitamente grata por ela existir agora.

A escuridão que os cercava era terrível, mas estava mais seguro se comparado à multidão que invadia no lado de fora. O som de objetos sendo quebrados ecoavam pelas paredes e mal conseguia

ouvir por cima da própria respiração pesada. Precisava se acalmar ou todos poderiam ouvir seus pulmões.

Cobrindo a boca, tentou respirar pelo nariz, mas precisava de mais ar. Uma respiração mais profunda permitiu que se acalmasse um pouco. A cabeça do Conde estava em seu colo e ele parecia tão sereno quanto antes, completamente alheio ao fato de que havia uma multidão furiosa irrompendo no castelo.

O professor guinchava. Ouvia sua voz mesmo misturada à voz dos outros e com todo os atos violentos que estavam fazendo na propriedade do Conde. Ouviu o som de vidro sendo quebrado e Estelle sabia que esse vidro era da sala de música. Amava aquela sala e eles haviam acabado de destruí-la.

Voltou seu pensamento para Thomas, esperando que ele estivesse seguro. Sabia que ele conhecia o castelo melhor do que qualquer um e que sabia como se virar dentro dele. Com certeza a multidão não o prejudicaria mesmo que o encontrassem. Ele era apenas um garoto. Devia ter alguma voz de racionalidade entre os aldeões que pudesse intervir, mesmo que a insanidade do Professor não tivesse fim.

Passos ecoaram por perto. Alguém estava passando perto da prateleira. Por um momento, temeu que o Professor soubesse onde estaria a passagem secreta. Estelle prendeu a respiração e tentou ouvir. Seus ouvidos zuniam com o silêncio e a concentração intensa. Estava morrendo de medo de ouvir o estalido seco da porta se abrindo, mas o som não veio.

Ao invés disso, ouviu batidas no chão. Alguém estava tirando os livros da prateleira. Se continuassem encontrariam o livro que abria a passagem. Talvez o professor soubesse que havia alguma passagem ali, mas não sabia como abri-la.

Mais livros caindo e o som de cada um reverberava em sua cabeça, ficando cada vez mais tensa. Ouviu então uma voz, masculina e jovem. Definitivamente não era o professor. Respirou fundo aliviada com o maior cuidado que pôde. Provavelmente nenhum dos aldeões sabiam a respeito das passagens secretas, ou imaginaria que existia uma na estante de livros. Com alguma sorte, esta pessoa estava interessada apenas no vandalismo na maravilhosa coleção de livros do Conde.

Ouviu um chiado, e um comando sussurrado em seguida e logo tudo estava em silêncio.

“Venha aqui, Senhorita Winstone. Não vai adiantar se esconder. Nós vamos encontrá-la.”

Estava no corredor, então presumiu que ele não sabia que ela estava na biblioteca. Logo, mesmo que ele soubesse que ela estaria escondida em alguma passagem secreta, não sabia em qual. Provavelmente concluíra que havia uma no salão. E isso era bom. Era favorável a ela. O professor não sabia ao certo onde estavam, e com alguma sorte, não sabia nada a respeito das passagens secretas.

Houve um silêncio prolongado como se ele estivesse tentando ouvi-la. E ela permanecia profundamente em silêncio.

“Não queremos fazer mal nenhum a você” disse ele insinuante.

Rolando os olhos, Estelle xingou em silêncio, desejando que Deus devolvesse para aquele homem todo o mal que ele causara.

Estelle sentiu que estava começando a relaxar. Relaxar não era exatamente a melhor palavra, mas o gume da faca que apontava para ela parecia baixar um pouco. Estavam seguros, por enquanto. O esconderijo deles parecia estar seguro.

Até mesmo a pessoa que estivera jogando os livros das prateleiras parecia ter encontrado alguma outra coisa para fazer. Não ouviu mais nenhum passo vindo do lado de fora.

Capítulo 34:

O corredor secreto cheirava a mofo. Seus olhos aos poucos se acostumavam com a escuridão enquanto ela permanecia sentada com a cabeça do Conde em seu colo. Ainda havia muito burburinho no castelo, a multidão continuava procurando enquanto deixava um rastro de destruição. Tempo suficiente havia passado e ela presumia que já devia ser seguro, mas sempre havia alguma chance de serem encontrados, se não pela passagem na biblioteca, por alguma outra porta no caminho. Com certeza deveria ter outras entradas pelo caminho.

Se a sorte continuasse ao seu lado, não seriam encontrados, mas então tinha de se perguntar até quando isso continuaria. Se ninguém estava vindo resgatá-los, poderia continuar até que passassem fome. Mas a chama da fúria costumava se queimar até apagar. Esperava que a razão aos poucos se reestabelecesse e as coisas se acalmassem.

Finalmente o coração de Estelle diminuía o ritmo e se sentia exausta de tanto medo e estresse. Se recostou na parede e fechou os olhos. Os efeitos colaterais do pânico eram fortes demais para que conseguisse se permitir dormir, mas conseguia se convencer ao menos a relaxar um pouco. O ar estava frio e cortante, mas quanto a isso não havia nada que pudesse fazer agora.

Depois de um período indeterminável de tempo, o Conde se moveu, gemendo baixinho enquanto tentava levantar sua mão. Os olhos de Estelle se abriram imediatamente e ela rapidamente colocou um dedo sobre seus lábios. "Ssshhh", chiou ela com cuidado.

Os olhos do Conde se arregalaram e se voltaram para ela, então olharam ao redor em confusão. O alívio de Estelle era enorme por ele ter retomado a consciência. Ele estava bem e havia despertado do torpor. Não estava mais sozinha nessa situação.

“O que-?” ele começou a dizer, mas ela novamente pressionou o dedo em seus lábios, pedindo que não falasse com um movimento com a cabeça. Olhando para cima, escutou atentamente se alguém estava perambulando pelo lado de fora do corredor.

"Os aldeões invadiram o castelo atrás de você", sussurrou ela. "O Professor Szousa os convenceu de que você é o responsável pelos desaparecimentos. Eles estão aqui agora mesmo."

“Thomas?”

“Disse para ele correr e ele obedeceu.”

O Conde tentou se levantar, mas ela o segurou. “Preciso encontrar o Thomas.”

“Não é o Thomas que eles querem. É você.”

“Não me importo!” As vozes estavam ficando um pouco altas.

“Há muitos deles lá fora. Eles irão enforcá-lo. E o Thomas sabe muito bem como se esgueirar pelo castelo sem ser visto. Eles não conhecem as passagens secretas.”

O Conde continuava tenso e ela sabia que ele ainda estava pensando em sair dali e enfrentar todos eles. “Você está sozinho e desarmado. Não é hora de tomar decisões idiotas. Além do mais, o professor está armado. Ele atirou em Balog.”

“Ele está bem?”

“Não sei. Não vi, apenas ouvi.”

“Vou matar aquele bastardo”. Ela podia sentir a raiva em sua voz aumentar.

“Viva para lutar outro dia. Não seja tolo. Ao menos dê tempo para que os ânimos esfriem um pouco.”

O Conde bufou indignado e incomodado, mas se recostou de novo, enquanto parecia se acalmar um pouco mais. Era tão profundamente belo naquela luminosidade fraca, sua pele quase reluzia na opacidade. Seu cabelo negro estava espalhado sobre seu colo e ela delicadamente acariciou sua sobrancelha.

“Você me puxou até aqui” afirmou.

“Talvez eu tenha estragado seu casaco durante o processo.”

“Sem dúvida eles destruíram tudo que puderam colocar as mãos.”

Estelle colocou seu dedo sobre seus lábios mais uma vez, sentindo a maciez deles. Seria o fim para ela se ele fosse morto. Não havia dúvidas que estava apaixonada por ele, independente dos avisos que ela mesma assim como ele insistiram que isso não deveria acontecer.

“Você sabia que o Professor era primo de Liliana?” perguntou para ele depois de algum tempo.

“Não” respondeu.

“Acho que ele enlouqueceu, desconfio que ele assassinou aquelas mulheres para te incriminar.” Sua mente revirara essa possibilidade enquanto o Conde estivera inconsciente em seu colo. Provavelmente ele estivera observando e esperando que o Conde saísse e aquelas garotas o conheciam, logo provavelmente não hesitariam se ele se aproximasse. A ideia fez com que um calafrio subisse por sua espinha. Que homem horrível. Horrível.

Ambos silenciaram e escutaram atentamente a um ruído no lado de fora por um momento, mas nada parecia se mover e Estelle relaxou de novo. O que não daria por um agradável dia de verão agora, uma brisa morna e morangos. E framboesas também - groselhas, amoras e até mesmo groselhas vermelhas. Sentia uma pontada de saudades de casa. Voltar para casa, ela não deveria estar escondida de uma horda furiosa.

Começou a rir de si mesma e precisou se segurar. “Desculpe. Nervosismo.”

“Em que estava pensando?”

“Frutas do verão.”

O Conde fez um gesto devagar com a cabeça, mas não a questionou. “Você salvou a minha vida”, disse enquanto olhava para ela com um olhar sério.

“Você teria feito o mesmo por mim.”

“Sim”, respondeu. “Teria matado todos eles.”

Estelle não estava muito certa de que sua proficiência como guerreiro se estenderia a ponto de subjugar uma horda inteira, mas apreciou a intenção.

Estendendo a mão para segurar sua nuca, ele a puxou para beijá-la. Seus lábios eram macios e aconchegantes, a parte mais doce de um dia horrível. As sensações voltavam a circular sua cabeça, seus olhos se fechando com um prazer arrebatador. Por um momento, podia esquecer de todo o ódio que se espalhava no lado de fora de seu pequeno esconderijo. Por enquanto, estava segura e protegida por ele.

Seus lábios desejavam tanto por mais que doíam quando o beijo acabou e o gosto dele permanecia em sua boca. O Conde repousou mais uma vez, a cabeça em seu colo, visivelmente bastante confortável ali. Mais uma vez ela acariciou sua testa, se permitindo se

perder na profundidade negra de seus olhos. Como estava perdida naqueles olhos.

*

Finalmente Estelle adormeceu, assim como o Conde. Revezaram para que ambos pudessem se deitar e o Conde a havia puxado mais próxima dele e permaneceram naquela posição, mesmo que não tivesse nenhuma necessidade em particular. Nenhum dos dois tinham motivo para mudar de posição, e se aqueciam com o corpo um do outro naquele cômodo frio e escuro.

Ruídos a despertaram. O castelo estava relativamente calmo a não ser um ou outro ruído em lugares distintos, vozes passando pelo corredor que dava acesso à biblioteca, mas agora havia algo mais acontecendo. Estavam gritando, e os berros se espalhavam. Alguma coisa estava acontecendo.

O Conde também notou e se levantou. Ouviram passos no lado de fora, quando Estelle pensou ter escutado a voz de Thomas, mas não sabia ao certo. Ouviu o mais atentamente que pôde. “Papai?” Thomas chamava, aparentemente mais perto.

Segurando a mão de Estelle, o Conde destravou o mecanismo que abria a porta. A biblioteca estava destruída. Livros estavam espalhados e rasgados pelo chão. A sala de música não passava de uma enorme aguça. Móveis haviam sido destruídos. O corredor estava cheio de lama e páginas de livros pisoteadas.

Thomas entrou correndo direto para os braços do Conde. "Cavalguei até Andmassy e eles trouxeram a Cavalaria. A Cavalaria. Viemos resgatar você!"

“Que excelente trabalho você fez!”

A Cavalaria chegou subjugando os aldeões na ponta da espada. A maioria não oferecia resistência, pois estavam cansados e bêbados demais para reagir. Além do mais, só o mais tolo aldeão lutaria contra um soldado treinado.

Estelle sentia-se zonza, como se pudesse desmaiar a qualquer momento. Esperava que não, mas precisava sentar-se mesmo assim. Estava tudo acabado e estava salva; todos estavam a salvo.

Um homem se aproximou, um cavalheiro, a julgar pela aparência. O Conde parecia conhecê-lo e apertaram as mãos, conversando

brevemente em húngaro.

Estelle segurou Thomas e o abraçou. “Agiu muito bem, Thomas”, disse ao ver que o garoto estava profundamente orgulhoso de si. Ele havia de fato salvado a todos. "Onde está Balog?"

“Ele foi colocado no estábulo”, Thomas respondeu cuidadosamente. O fato por si já deixava claro que ele não sobrevivera. Não colocariam um homem ferido no estábulo.

“Sinto muito” lamentou.

O Conde se afastou com outro homem, deixando-a e Thomas. Sabia que Thomas queria ir com o pai, mas estava preocupada que ele poderia ver algo que não deveria. Ele já havia visto coisas demais das que não deveria. “Venha me ajude a arrumar o salão”, sugeriu. "Precisamos de algum lugar para nos sentar."

O salão estava um pandemônio. Janelas quebradas, móveis revirados e destruídos. Como era esperado, todas as garrafas de bebida se foram. Estava um frio congelante e provavelmente a lareira não poderia ajudar muito, mas ela optou por acendê-la mesmo assim.

Soldados ainda perambulavam pelo castelo. Depois de um tempo, a empolgação estava deixando Thomas inquieto demais e ele precisava saber o que estavam fazendo. Estelle ficou no salão tentando arrumá-lo da melhor forma que podia. Levariam dias para limpar toda aquela bagunça. Não sabia ao certo quanto tempo levaria para consertar todas as janelas quebradas e o frio tomaria conta do castelo nesse meio tempo.

Finalmente se sentou, com um suspiro aliviado, desejando que tivesse apenas uma boa xícara de chá, mas Balog não estava mais lá para servi-la. As lágrimas finalmente vieram e ela deixou o choro sair livre. Aquele havia sido o dia mais horrível de sua vida. Poderiam ter sido dois dias até onde sabia. Havia perdido completamente a noção de tempo. Mas havia sobrevivido, assim como Thomas e o Conde. A injustiça e ingratidão não eram algo que poderia simplesmente deixar de lado em sua mente. Era tudo tão incomum, tão estranho, mas havia acontecido. A existência pacífica de todos eles havia sido atacada e o pobre Balog pagou caro por tentar protegê-los.

Capítulo 35:

A destruição que haviam cometido no castelo era assustadora. Parecia que um furacão havia invadido o castelo, os aldeões haviam destruído o lugar inteiro em uma fúria desmedida. Como não haviam encontrado o Conde, descontaram sua fúria no próprio castelo. Mas por outro lado, talvez fosse sorte que não tivessem incendiado o castelo. Os aldeões pareciam desfrutar mais da própria noção de destruição.

Se dirigiu ao seu quarto, passando pelos corredores onde todo o tipo de objetos estavam espalhados. Era impressionante que o castelo tinha tantas coisas—todas arrancadas de todos os lugares mais escondidos. A porta de seu quarto estava aberta e assim ela soube imediatamente que seu quarto havia sido invadido pelos visitantes vândalos.

Toda a roupa de cama estava espalhada no chão, as cortinas tanto do dossel quanto das janelas estavam rasgadas. Todos seus pertences foram revirados bem como seu guarda-roupas.

Procurou sua mala de viagem, se agachou e revirou cada um dos compartimentos. O broche havia sido levado. Com os ombros pesados, se deixou cair no chão. Seu futuro havia sido levado junto dele. Estava de volta ao estado incerto que carregava consigo quando chegara. No cenário mais amplo, em relação ao prejuízo financeiro que afetara o Conde, era uma coisa minúscula, mas, por outro lado, significava muito para ela. E agora havia acabado.

Aparentemente alguns de seus vestidos haviam sido furtados também. Porque alguém roubaria seus vestidos? Serviriam para serem dados para alguma mulher, esposa ou namorada, ou talvez vendido? Felizmente, nem todos seus itens de vestuário haviam sido roubados, mas restara poucas peças agora. Seu vestido azul de viagem também havia sido roubado.

Lamentou pela perda por alguns momentos. Não tinha muitas coisas que pertenciam a ela. Era injusto que alguém viesse e levasse, ou pior, simplesmente destruísse as poucas coisas que lhe pertenciam. Mas uma horda não se importaria com as consequências. Tudo que queriam era extravasar sua raiva. Mais uma vez,

comparada aos outros, principalmente Balog e aquelas pobres garotas, as perdas eram todas banais. Ela ainda estava viva e nem todos saíram de toda essa confusão com essa sorte.

Procurou se recompor e começou a arrumar o quarto, arrumando a cama e guardando suas coisas de volta. Não tinha muitas coisas, então não demorou muito. As cortinas foram a parte mais difícil. Estavam rasgadas em algumas partes que faziam com que ficasse mais difícil pendurá-las. Seria inevitável precisar trocá-las, mas provavelmente não seria uma das providências mais urgentes a serem tomadas.

Quando a ordem foi restaurada, se juntou aos homens no andar de baixo, onde também estavam tentando reorganizar alguns dos móveis. A maioria deles eram pesados demais para que os aldeões pudessem estragá-los.

Thomas apareceu. “Levaram toda a comida”, disse ele. "Então vamos ter de caçar. Os soldados caçaram um javali e está sendo assado no pátio". O entusiasmo de Thomas não era fácil de ser contido e ela ficou admirada por quão rápido ele se recuperava dos eventos. "Vai ser uma ceia e tanto esta noite!" disse e correu de volta para fora.

Estelle seguiu para a biblioteca, tremendo com o frio que entrava pelas janelas quebradas. A porta da passagem secreta estava aberta e esquecida, Estelle a fechou, ouvindo o clique da trava. Aquela passagem havia salvo a vida do Conde, e provavelmente a sua própria vida também.

Se agachou, recolhendo os livros espalhados no chão e começou a guardá-los de volta nas prateleiras, separando os que estavam mais danificados na mesa ao centro. Não sabia se aquilo era o mais importante a ser feito agora. A missão de reorganizar o castelo era tão vasta que era difícil escolher por onde começar, mas continuou trabalhando no cômodo que havia escolhido, onde lentamente desfazia toda a bagunça.

Sentiu que poderia chorar de novo, mas tentou se conter. Estavam todos a salvo, o que era o mais importante, repetiu a si mesma. Precisava se concentrar nisso ao invés de pensar em tudo que fora perdido. Chegaria a hora certa para lidar com isso, mas agora se sentia por demais fragilizada para lidar com isso. Poderia afundar em

um abismo se sucumbisse a toda a injustiça que recaiu sobre os que não saíram incólumes.

Queria sentir raiva dos aldeões que haviam feito isso e precisava se obrigar a não sentir tal raiva. Não eram os responsáveis pelo mal que havia sido feito aqui. Apenas reagiram de acordo com o mal que fora semeado neles. De certa forma, eles haviam sido manipulados para isso. Se ao menos não tivessem se deixado levar daquela maneira, uma parte antagônica de sua mente insistia.

*

A Cavalaria retornada, carregando várias coisas, que levaram para a sala de jantar e colocaram sobre a mesa comprida. Eram os itens que haviam encontrado quando revistaram todas as casas. Algumas hordas haviam sido encontradas no lado de fora, onde alguém estava juntando os últimos itens pilhados para vender mais tarde.

A mesa estava cheia de itens que os aldeões haviam levado, coisas que imaginaram que tivesse algum valor—ouro, prata, vasos, armas e joias. No entanto, seu broche não estava ali.

Enquanto caminhava ao longo da mesa, Estelle estava surpresa com quantas coisas eles haviam conseguido pegar e levar. Havia até mesmo vestidos finos em sedas e rendas. Aqueles vestidos não lhe pertenciam, pertenciam à Condessa; Estelle os reconheceu. Um vestido como aquele provavelmente sustentaria um aldeão pelo resto da vida. Este era um fato desconcertante. A riqueza do Conde acumulada naquele castelo estava muito além do que os aldeões teriam acesso, de tal forma que apenas um daqueles vestidos significariam muito para eles. Mas não era direito deles roubá-los. As circunstâncias da pobreza ou riqueza eram arbitrárias, e por si só jamais poderiam ser consideradas justas, mas seria uma anarquia absoluta se as pessoas simplesmente tomassem o que quisessem.

Sob os vestidos da Condessa reconheceu dois vestidos dela mesma e sentiu-se infinitamente grata por tê-los de volta.

“Estes itens foram encontrados nas cabanas da aldeia esta tarde”, disse o Conde que se aproximava atrás dela, pegando uma bainha de couro e colocando-a de volta. “Tomaram tudo que bem entenderam”.

“Acho que a pilhagem é um risco que vem junto de uma horda furiosa”, respondeu. “Temos sorte por eles não terem incendiado o

castelo.”

“Estavam ocupados demais com a pilhagem para pensar nisso.”

“Não acho que esta fosse a intenção deles quando vieram”, respondeu com honestidade.

“Talvez não, mas a tentação tomou conta deles.”

"E o que acontecerá agora?" O Conde tinha seu direito, talvez até mesmo a obrigação de os punir por isto, e pela destruição que haviam causado. Mas eles haviam sido manipulados por uma sugestão de que o Conde era o responsável pelo desaparecimento das filhas dos aldeões. "O que vai acontecer com o Professor Szousa?"

"Esta é uma pergunta fácil. Ele foi levado para Budapeste. Será julgado pelo assassinato de Balog e das garotas. Os corpos foram encontrados no porão de sua casa. Ele as enterrou em uma cova rasa."

Estelle encolheu os ombros. “Os aldeões agora sabem quem é o verdadeiro vilão”.

"Sim", disse o Conde com um tom distraído. "Mas não responde completamente à questão do que deve ser feito com relação a eles agora. Por direito eu poderia mandar todos ao exílio."

“Mas a raiva deles é compreensível. O professor os manipulou convencendo-os de que o culpado era você. Ele planejou tudo de tal forma que eles acreditariam.”

“Estou ciente disso”, respondeu o Conde. “Mas eles também roubaram itens de minha propriedade, incluindo itens que eram de minha esposa falecida. Mesmo que tivessem me matado, roubaram a herança de Thomas”.

Estelle cruzou os braços. Não havia uma resposta fácil. Eles haviam transgredido. Até mesmo contra ela. Haviam roubado seu futuro e sua segurança, mesmo que fosse para garantir o futuro e a segurança deles mesmos.

“E você também foi roubada”, observou ele como se estivesse lendo seus pensamentos.

“Sim, mas meus vestidos foram recuperados.”

“E quanto ao que não foi recuperado?”

Voltou a pensar no broche. Não era culpa dele o broche ter sido roubado. Ele havia perdido muito mais que ela. Ambos haviam perdido muito e não queria que ele se sentisse culpado pela perda do

broche, e se sentisse obrigado a substituí-lo. “Acho que precisamos fazer justiça por Balog”, disse.

Ele colocou a mão no bolso, puxou o broche, que brilhava em sua mão. “Foi encontrado em uma das cabanas”.

O broche estava morno quando Estelle o pegou, sentindo seu peso em sua mão. “Obrigada”.

“Você não sabia que havia sido tomado?”

“Sabia sim. E esperava que fosse encontrado.”

“Poderia não ter sido.”

“Não. E seria uma perda enorme se não tivesse sido encontrado.”

“Você sequer o mencionou” observou ele.

“Ninguém pode ser responsabilizado por um presente que já foi dado, mas estou grata por ele ter voltado. Eu sei o quanto significa para mim, e entendo que significaria algo para alguém do vilarejo também”.

“Mas não justifica”.

“Não, não justifica, mas por um golpe de boa sorte, ele voltou a ser meu.”

“Você acha mesmo que eu devo deixar os aldeões impunes por isso?”

“Acho que todos podemos ser conduzidos à tentação em um momento de loucura.”

“Eu teria substituído o broche se você tivesse me pedido.”

“Eu sei que sim”.

“Mas você não pediria”

“Como eu disse, não é responsabilidade sua.”

“E a quais tentações você se deixa levar em um momento de loucura?”

Ela sabia a resposta e ele sorriu. “Beijos, acho”. Talvez não devesse ser tão honesta quanto a isso, mas depois de tudo que haviam passado, sentia que era o que queria dizer.

“Entendo” respondeu ele com um sorriso no canto da boca. “Esta é uma tentação, de fato.”

Capítulo 36:

Os soldados aos poucos eram substituídos por trabalhadores, homens que vinham de cidades maiores nas redondezas. Dois soldados ficaram no caso dos aldeões tentassem evitar a punição que eles sabiam que viria. O Conde tinha o direito de puni-los severamente, talvez até destruir suas vidas. Era seu direito. Parecia que os direitos do povo à segurança e liberdade não eram tão expressos quanto em seu país.

Na Inglaterra seria preciso um processo judicial, mas suas penalidades eram tão brutais quanto qualquer medida que o Conde impusesse. A única diferença é que seriam sancionadas por uma jurisdição, enquanto aqui, um senhor feudal se sobrepunha a um julgamento. Os modos mais antigos ainda imperavam aqui e poucos pareciam achar que estava errado—exceto pelo professor, que lamentava o modo antiquado de algumas das leis serem aplicadas. Mas a opinião dele mesmo era tão distorcida, que já não confiava em mais nada que ele tivesse falado enquanto demonstrava seu ponto de vista.

O que diziam era que o professor havia sido enforcado. Não sabia e nem quis saber quando que havia acontecido. Sentia uma tristeza profunda a respeito de tudo isso. Todas aquelas mortes apenas porque uma mulher sentira inveja de outra. Claro que ela não poderia prever quais seriam as consequências de seus atos, mas tudo se desenrolara como uma tragédia shakespeariana.

A ideia de estudar um pouco sobre Shakespeare passou em sua mente, mas não achava que era o melhor momento para ele lidar com assuntos tão pesados. Precisava agora de uma normalidade leve, assim como ele, mesmo que parecessem intocados pela resiliência. Garotos às vezes costumam esconder seus sofrimentos. Mas ele certamente estava feliz por ser o herói do momento, o herói que salvara a todos.

Talvez partir para enfrentar um internato cheio de outros garotos não parecesse tão assustador agora. E tinham muito pouco tempo até ele partir.

Estelle saiu do castelo, tendo resolvido dar um pequeno passeio, e aspirou o ar fresco e limpo do jardim das roseiras. A neve ainda cobria toda a paisagem, a primavera ainda adormecida. Não muito tempo atrás, sentira medo de vir até aqui, mas agora não havia mais nenhuma ameaça. Agora eram apenas lobos, mas eles não a preocupavam como antes. O verdadeiro perigo, o mal verdadeiro havia ameaçado sua vida e ela sabia agora o que era o medo mais profundo. A preocupação distante de um evento tão improvável já não a assustava mais.

Talvez com o tempo, as lembranças se dissipariam. Ainda assim, ainda tinha sonhos agitados e acordava em pânico. Mas não temia mais que algum maníaco estivesse à espreita pelo castelo, tentando abrir a porta. E isso era profundamente confortador. Talvez o mundo pudesse voltar ao normal agora.

Ouviu passos atrás dela e se virou para encontrar o Conde que parecia mais vivo e belo em contraste com a neve branca. O sol brilhava em seu cabelo escuro e Estelle sorriu. Alguma vez teria sido tão grata por estar viva como agora? Sim, provavelmente, mas sentia aquele alívio de novo e de novo.

“Senhorita Winstone” disse ele cumprimentando-a “Respirando um pouco de ar fresco?”

“Esvaziando a minha mente.”

Ele colocava o polegar dentro do bolso do colete preto, olhando para baixo. “E qual confusão você precisa esvaziar de sua mente?”

“Talvez esteja tentando compreender a natureza da maldade”, respondeu.

“Ser derrotada, acho.”

E eles haviam derrotado. Não havia sido divertido nem animador, mas haviam sobrevivido. Estelle não estava certa se havia alguma lição a aprender com isso. Era apenas um infortúnio.

O silêncio os cercava.

“Parece que o Thomas está se recuperando bem” comentou, não que fosse assim que soubesse lidar com o silêncio.

“ele é um garoto forte”. O silêncio estranho ainda ecoava entre ele. “Precisarei partir em breve.”

“Precisa mesmo?” Tentou da melhor forma que pôde disfarçar o descontentamento que sentiu.

“Acho que não quero. Sinto que há questões que ficaram pendentes.”

“Você se refere aos aldeões?”

“Não, bem...sim, isso também.”

“O que você fará com eles?”

"Decidi puni-los financeiramente. Terão de contribuir com maior percentagem de suas colheitas para compensar o dano que causaram. Não chega nem perto da real compensação das perdas financeiras, mas para eles, não passarão fome, mas sacrificarão parte de seus indultos durante os próximos dois anos. Será uma punição adequada, e precisa haver alguma. Mas não era quanto a isso que me referia.

Era alguma outra coisa, então. Talvez estivesse se referindo a certas intimidades que haviam compartilhado. Estelle não estava certa de que aquela conversa séria de algum benefício para ambos.

Pigarreando, ele prosseguiu. “Também me preocupa que tenha uma impressão muito simples de nosso país, de que somos monstros com intenções assassinas em nossos corações.”

“Não é o que penso.”

“Temos uma sociedade de gentios assim como na sua Inglaterra. Nossas cidades são belas. E descobri que quero mostrá-las para você, mas não posso agora. Por mais que eu não queira partir, eu preciso. É um momento delicado nas negociações.”

“Eu compreendo, e cuidarei de Thomas enquanto não estiver aqui.”

“Não tenho dúvidas quanto a isso.”

Esta era uma forma natural de encerrar uma conversa, mas ele não suportava mais. “Ele irá embora em breve. E cresceu tão rápido. Estou orgulhoso da pessoa que ele está se tornando. E me orgulharei do homem que ele se tornará.”

“Certamente.”

“E ele enfrentou uma porção enorme de adversidades, assim como eu.”

Estelle sentiu que aquela conversa pretendia chegar em algum lugar, só não sabia aonde.

"Eu perdi a minha capacidade de confiar nas pessoas, e você sentiu o impacto disso talvez mais da qualquer pessoa. Mas me

parece que eu recuperei tal capacidade, e parece que não será nenhum mero truque de traição que abalará tal confiança agora."

Estava evitando olhar para ela e Estelle não sabia o que ele queria dizer com estas palavras.

“A senhora está mesmo ansiosa para voltar para casa? A Inglaterra significa tanto assim para você?”

Boquiaberta, Estelle não sabia o que deveria dizer. “Certamente, há coisas que sinto falta. É meu lar. O único que tenho, na verdade”.

“O broche assegurará que tenha uma boa vida.”

“Sim”, concordou ela. “Obrigada”.

“E eu quero que você tenha suas escolhas”, disse ele.

A vontade de agradecê-lo mais uma vez ainda persistia, mas ela se conteve. Ainda não tinha a menor ideia do que ele estava tentando dizer.

“Então se quiser fazer outras escolhas, ainda assim seria sua escolha.”

“Não estou entendendo.”

Pareceu frustrado por um momento, suas sobrancelhas retas. “Não sou muito bom nisso, presumo.”

“Em quê?”

“O que estou tentando”, disse cuidadosamente “estou tentando mais ou menos pedir para que fique aqui.”

“Que eu fique?”

“Comigo. Aqui.”

“Mas o Thomas não estará aqui. Você não estará aqui.”

"Não é isso que eu quis dizer. Não me referi a estar aqui no castelo. Quero dizer...comigo". Ele pigarreou de novo. Nunca havia visto ele tão desconcertado e desconfortável. Finalmente entendeu o que ele queria dizer com "comigo" - estarem juntos.

"Oh." Vários pensamentos passavam em sua cabeça. Ele queria dizer algo como sua amante? Não poderia culpá-lo por pensar assim, já que ela mesma havia sido liberal - liberal até demais, com seu afeto. Era culpa inteiramente dela, mas podia se perdoar por quebrar algumas das regras de seu cargo de governanta; concordaria em ser a amante de seu patrão? Parte dela dizia que sim, sem se importar com as consequências, nem com as limitações. Ela o amava e faria qualquer coisa para tê-lo, mesmo que o preço recaísse exclusivamente sobre ela.

Mas ceder a tais desejos não seriam exatamente o que ela queria, a farsa que ela preferia não precisar desempenhar, por mais dolorosa que fosse tal decisão. Como filha de um vigário, havia sido ensinada que era melhor ser destituída do que a perdição, o que seria consequência de decisões que ela não saberia lidar. O arrependimento e a culpa, com certeza, destruiriam tudo.

“Acho que”, começou a dizer, parte dela implorando para que não dissesse, que desistisse no último momento, “que se por um lado eu aceitei várias coisas na vida, compreendi que para mim, tudo sempre funciona como tudo ou nada. Sei que não condiz com o meu comportamento passado, mas aquilo talvez tenha sido um engano e eu deva pedir desculpas”. Parou de olhar para baixo, para olhar fixamente nos olhos dele.

Ele não parecia chocado nem chateado. “Eu já compreendi isso a seu respeito, Senhorita Winstone. No tempo que passamos juntos aqui, aprendi muita coisa a seu respeito. Você é feita de suavidade e força, creio. Então estará disposta a me recusar em troca de seus princípios?” perguntou, sorrindo.

Não, não, não. “Sim”

Pegou a mão dela, colocando-a na dobra de seu braço, como se fossem caminhar. “Então parece que terei que fazer o procedimento padrão. O que devo fazer?” perguntou com um tom zombeteiro. "Trazer o jornal todas as manhãs, enviar cartas de amor o dia todo? Ou talvez simplesmente enchê-la de beijos? Você já admitiu que os beijos lhe roubam o juízo."

Se inclinando, seus lábios tocaram a bochecha dela, o que causava ondas suaves de prazer por todo seu corpo. Se afastou, ainda sentindo o rastro do toque suave em sua pele. “Não, seria perigoso demais. Você me fará perder completamente o controle”. Caminhou dando a volta por outro canteiro de roseiras.

“Se não os beijos, o que posso fazer para convencê-la?” perguntou enquanto a seguia no mesmo ritmo, com apenas as plantas cheias de espinhos entre eles. "É a única coisa que eu sei que amenizaria sua determinação." Pulou à frente dela e a tomou nos braços. “Um casamento em Veneza, talvez?”

A atenção de Estelle estava toda nos lábios dele. Os beijos dele realmente eram o diabo. Ele havia acabado de pedi-la em casamento e ela não prestara atenção; só queria o prazer que tinha naquele

beijo. Se inclinando para ele, ele cedeu, enquanto o calor delicioso a envolvia, seus braços a puxando contra o corpo dele. Estava perdendo de novo a noção de tudo mais que tinha ao redor.

Estava ele disposto mesmo a ser seu marido? Sabia sem a menor sombra de dúvida que ele não era o tipo de homem que brincava com tais assuntos. Se ele estava pedindo, estava falando sério. Um momento de dúvida atravessou seu coração. Como poderia ela se casar com um Conde? Ela não passava de uma mera filha de um vigário. Ele deveria se casar com alguém do mesmo quilate, mas estava escolhendo a ela.

Ainda abraçados, silenciosamente olharam um para o outro. Ele não queria ninguém de seu quilate. Se quisesse, já teria se casado com a Condessa Vaczy. Aquela mulher tentou, com todas as intenções e propósitos, que ele a pedisse. “Você me escolheria?” perguntou finalmente, sem saber se deveria ter perguntado em voz alta.

“Sempre. Mesmo que você diga não, estou determinado a continuar perguntado. Não parece que você tenha compreendido o quanto eu estava sem vida até que você me despertou. E eu relutei em cada um dos passos do caminho. Mas você não pode devolver a vida a um homem e depois simplesmente abandoná-lo. Seria crueldade.”

“Ugh, você está me manipulando com estas palavras.”

“Talvez eu deva tentar com beijos, então; parece que funcionam melhor.”

Sorriu e se deixou beijar, mas logo esqueceu de tudo a não ser a maravilha que era estar perdida nos braços dele. Ele realmente conseguia fazê-la esquecer de tudo com um simples beijo.

Epílogo

“Se comporte”, disse Konrad a seu filho enquanto estavam parados diante da Igreja de São Estéfano. Era a igreja da família deles em Veneza, testemunha de muitos eventos relacionados a este lado da família.

“Quando é que ela vem?” Thomas perguntou impaciente, enquanto mexia em sua abotoadura.

“Quando ela estiver pronta.”

O padre esperava pacientemente e a porta finalmente se abriu e Estelle apareceu. Estava maravilhosa em seu vestido branco de seda que havia sido feito sob medida, o último ponto provavelmente feito há apenas meia hora.

Suas bochechas estavam rosadas—de felicidade ou de frio, ele não saberia dizer. Sorrindo, caminhou em direção a eles. Seu lado da igreja estava lotada de convidados—amigos, primos e outros conhecidos que havia colecionado durante os anos em que visitara Veneza.

O lado dela estava vazio e, sem dúvida, haveria fofocas a respeito disso. Alguns poderiam dizer que ela havia sido sequestrada. De certa forma, talvez tenha sido mesmo, já que seu plano era partir e voltar para seu país de origem, mas ele a convencera a ficar, e aceitá-lo como sua família.

Teriam filhos, provavelmente mais cedo do que poderiam esperar. Ela e sua determinação eram óbvias demais para não serem vistas durante este casamento. Ele também cederia se fosse obrigado. Certamente teriam filhos. Konrad sorriu enquanto pensava se Thomas poderia imaginava como estaria o castelo em alguns anos.

Mas agora mesmo tudo que ele podia ver era ela caminhando em sua direção, uma visão de pura beleza. Sua alegria quando chegou em Veneza era tão visível quanto a de Thomas uma vez que o casamento estava finalizado, e ele poderia explorar. Thomas já havia ouvido a respeito das coisas que veria, atrações turísticas - Lugares que Konrad normalmente não passava nem perto. Para ele,

Veneza não era em nada a mesma que os turistas costumavam vir visitar, mas esta era a primeira vez que sua esposa vinha a Veneza e eles seriam turistas.

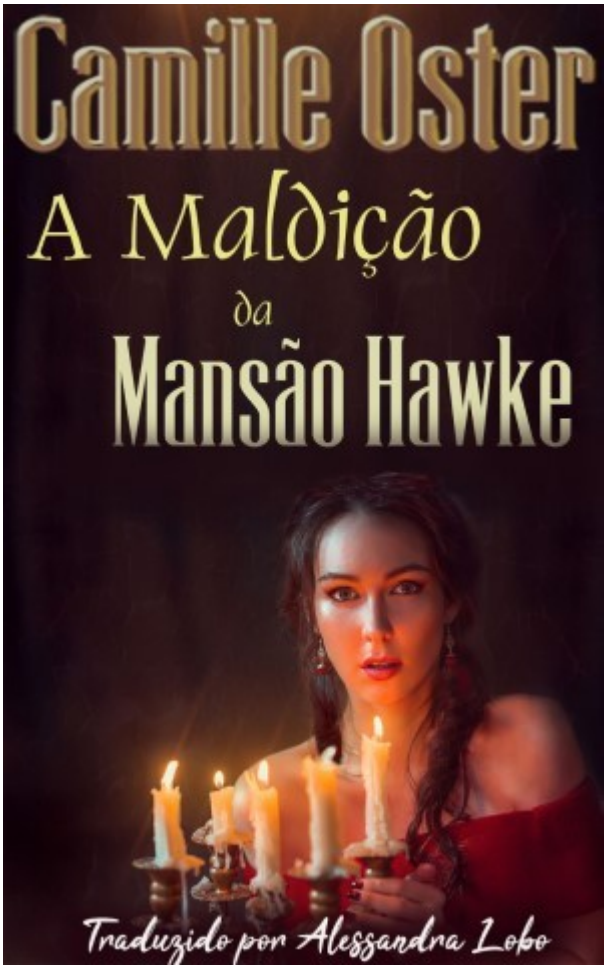
A primavera estava no ar, mas não chegava a penetrar estas igrejas antigas de pedra. Em uma semana, partiriam para a Suíça para levar Thomas para sua escola. Estava triste por dizer adeus, mas Thomas estava se tornando um jovem rapaz e precisava seguir para a próxima fase de sua vida.

Sair de casa era difícil para um garoto, mas tinha à sua frente seus anos de formação e faria novos e verdadeiros amigos que durariam por toda sua vida. E neste outro lado de sua vida, encontraria aquela pessoa, aquela mulher, com quem desejaria ter um lar e uma família.

Em retrospecto, sua própria existência antes que Estelle aparecesse havia sido como um longo inverno, adormecido como as roseiras sob a manta da neve. Nada no mundo o convenceria a voltar a viver assim, e se pudesse fugir escondendo sua esposa do mundo inteiro e de todos que poderiam fazer algum mal a ela, ele o faria. Ela jamais aceitaria isso, infelizmente, e no final das contas, sua esposa parecia sempre fazer tudo à sua maneira. Ele esperava que a batalha entre a manter a salvo e ela querer explorar o mundo ao seu redor em sua curiosidade insaciável não teria um fim.

A mão dela estava morna quando a colocou sobre a dele, o calor se espalhando até seu coração. Ela pertencia a ele agora. Até então, havia aquela preocupação em sua mente de que o sacrifício que ele pedira dela, de desistir de sua terra natal e aceitar a dele, seria pedir demais, mas lá estava ela, com um sorriso encantador e nem uma faísca de dúvida em seus olhos. Seria ele o homem mais sortudo do mundo todo?

Outros livros de Camille Oster



A Maldição da Mansão Hawke - A Era Vitoriana é impiedosa em se tratando de divórcio, o que faz com que Anne Kinelly seja destituída e abandonada por seu marido. Mas seu futuro desolador é evitado graças ao seu advogado que em um golpe de sorte, encontra uma mansão esquecida e deixada sob juízo pelas gerações anteriores. Os morros desolados de Yorkshire serão agora seu lar enquanto ela se esforça para restaurar a mansão abandonada onde os ventos uivam nos beirais das janelas.

Não tardou muito até que Anne descobrisse que os alertas que ouviu dos moradores da região são mais do que superstições sem sentido. Ao descobrir a história brutal da mansão e de seu fundador,

Richard Hawke, Anne descobre que podem haver mais moradores na mansão além dela mesma e sua dama de companhia.

Também vem em português



Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificaÃ§Ã£o, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com